REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

2.° TRIMESTRE DE 1872

NOBILIARCHIA PAULISTANA

GENEALOGIA DAS PRINCIPAES FAMILIAS DE S. PAULO

Colligidas pelas infatigaveis diligencias do distincto paulista

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME

(*Continuada do 1°. trimestre pag.* 132)

CONTINUAÇÃO DA FAMILIA—LEMES.

3—2 Paschoal Leite Paes (filho de Pedro Dias e Maria Leite, § 5°) passou a côrte de Lisboa d'onde se recolheu com sua tia Isabel Paes, como temos referido no § 1°. Casou duas vezes, a primeira na villa de Santos com D. Maria da Silva, natural d'aquella villa, da nobre familia dos Britos, e irmã direita de Gaspar de Brito Peixoto, o qual foi pai de João de Brito, de Gaspar de Brito, de Domingos de Brito, que eram parentes muito chegados de André de Brito, morador na Bahia, e senhor da casa da Torre; e tambem irmã da sogra de Diogo Pinto do Rego, capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo, por patente d'el-rei D. Pedro II, de 2 de Janeiro de 1677. Falleceu ella em S. Paulo com testamento a 14 de Outubro

do 1654(Cartorio de Orphãos de S. Paulo, maço 1º do inventarios, letra M. n. 14 o de D. Maria da Silva) E teve filha unica de que abaixo faremos menção. Casou segunda vez com D. Agostinha Rodrigues estando viuva do seu segundo marido Francisco Couraça de Mesquita, que tinha sido capitão-mór governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo. Sem geração. D. Agostinha Rodrigues falleceu aos 7 de Janeiro de 1684, e era natural de S. Paulo. (Cartorio de Orphãos de Parnahyba, n. 318, inventario de D. Agostinha Rodrigues. Falleceu Paschoal Leite Paes em 1674. (Cartorio da Parnahyba n. 245, inventario de Paschoal Leite). E teve do seu primeiro matrimonio filha unica.

4—1 D, Margarida da Silva, casou com Salvador Jorge Velho, natural e cidadão de S. Paulo onde se baptizou a 14 de Novembro de 1643 ; filho de Domingos Jorge Velho e de sua mulher Isabel Pires de Medeiros ; em titulo de Jorges Velhos. Foi descobridor das minas de ouro, chamadas de Salvador Jorge que são minas da Corityba. Foi senhor da capella do sitio de Iaribahyva, termo da villa de Parnahyba, que lhe ficou por herança de D. Agostinha Rodrigues. Este paulista se fez distincto nas occasiões do real serviço, e Sua Magestade lh'o agradeceu com a honra de uma carta firmada pela sua real mão, datada a 20 de Outubro de 1698, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no liv. de registros de cartas do Rio de Janeiro, titulo 1673 fl. 198. Por parte de sua mulher D. Margarida da Silva ou de sua tia D. Isabel Paes herdou uma grande quinta em Lisboa sobre a qual correu litigio, cuja causa estando defendendo por parte de Salvador Jorge Velho por cabeça de sua mulher, o reverendo Dr. João Leite da Silva, irmão do dito Paschoal Leite, pelos annos de 1682 ; desamparou a causa, e se recolheu a S. Paulo em 1683, temendo grande opposição

que encontrou de pessoas poderosas, e deixando a quinta, que vieram a possuir os que d'ella não podiam ser senhores ; porém um terror panico fez com que o reverendo Dr. João Leite desamparasse a demanda depois de consumir n'ella avultada somma de dinheiro. Em S. Paulo teve grande estabelecimento de fazendas de cultura, porque ficou herdeiro dos grandes cabedaes de D. Agostinha Rodrigues, assim de moveis de ouro, como de prata, além de 560 *Carijós* catholicos, que lhe ficaram á titulo de administrador d'elles. Falleceu Salvador Jorge a 27 de Outubro de 1705, e sua mulher D. Margarida falleceu a 24 de Junho de 1726 (Cartorio de orphãos de Parnahyba n. 441, inventario de Salvador Jorge Velho. E n. 539, o inventario de Margarida da Silva).

E teve baptizados na igreja matriz da villa de Parnahyba nove filhos.

5— 1 D. Maria Jorge Velho.
5— 2 D. Isabel Pires Monteiro.
5— 3 Domingos Jorge da Silva.
5— 4 D. Agostinha Rodrigues.
5— 5 D. Sebastiana da Silva.
5— 6 D. Margarida da Silva.
5— 7 D. Maria da Silva.
5— 8 D. Anna Pires.
5— 9 Francisco Jorge da Silva.
5—10 D. Ignez, que falleceu solteira.

5—1 D. Maria Jorge Velho, casou com Francisco Bueno Luiz. Com geração. Em titulo de Buenos, cap. 1° § 7 n. 3—4.

5—2 D. Isabel Pires Monteiro, casou com Balthazar de Lemos de Moraes. Com geração. Em titulo de Moraes, cap. 2° § 3° n. 3—1 á n. 4—2.

5—3 Domingos Jorge da Silva, familiar do santo offi-

cio : foi sargento-mór de batalha, cuja patente se lhe conferiu na occasião do inimigo francez apoderado do Rio de Janeiro em 1711.Sahiu de soccorro com um grande troço de soldados a sua custa, e com elles residiu tres mezes na guarnição da fortaleza de S. Amaro da Barra Grande da villa de Santos, para impedir a entrada do sobredito inimigo ; e gastou quatro mil cruzados sustentando o troço a sua custa. Falleceu no sertão do Rio Pardo, que banha a estrada de Mogy-Guaçú para Villa Boa de Goyazes. Foi casado na villa de Itú aos 10 de Janeiro de 1708 com D. Margarida de Campos Bicudo, filha de Manoel de Campos Bicudo e de sua mulher D. Luzia Leme de Barros : em titulo de Campos, cap. 3° § 6°. E teve oito filhos.

6—1 Salvador Jorge Velho, que existe capitão-mór da villa de Itù, casado com D. Genebra Maria Machado, filha de Manoel Machado Fagundes de Oliveira.Em titulo de Machados Fagundes.(* o capitão-mór Salvador Jorge Velho passou-se ha muitos annos para a capitania do Cuyabá : depois do descobrimento das minas do Beripocuna foi minerar n'ellas, e eu o deixei estabelecido no arraial de S. Pedro d'El-rei das mesmas minas em 1791, e falleceu em 1792). E teve nove filhos.

7—1 D. Margarida Maria de Campos, já fallecida, tendo sido casada com Francisco de Campos Pires ; e teve dois filhos.

7—2 D. Escholastica Francisca Xavier de Campos, baptizada em Mogy-Guaçú, e casada com Gonçalo de Arruda Leite.

7—3 Bento, falleceu menino.

7—4 D. Anna Gertrudes Maria das Neves, baptizada na freguezia de Juquiry.

7—5 Domingos Jorge Velho, baptizado na freguezia de Araraytaguaba, capitão de infantaria auxiliar.

7—6 Manoel José Velho Machado, natural da freguezia de Araraytaguaba.

7—7 Antonio Pires, falleceu menino.

7—8 D. Maria Luzia Leme de Barros, natural de Araraytaguaba.

7—9 D, Maria Paula Machado, natural de Araraytaguaba.

6—2 Manoel de Campos Bicudo, falleceu solteiro.

6—3 Paschoal Leite Paes, idem.

6—4 Domingos Jorge Velho, idem.

6—5 José de Campos Brandemburg, casou com Maria do Rego, filha de Pedro de Mello do Rego. Sem geração. Em titulo de Botelhos Arrudas, cap. . .

6—6 D. Maria Theresa Isabel Paes, que casando por procuração com o capitão-mór Fernão Dias Paes, antes de consummar o matrimonio, ficou viuva como fica referido nos filhos do capitão-mór guarda-mór geral Garcia Rodrigues Paes. Segunda vez casou com Bartholomeu Bueno da Silva, coronel do regimento da cavallaria de Villa Boa de Goyazes, filho de Bartholomeu Bueno da Silva, Anhanguera de alcunha, descobridor das minas de Goyazes, das quaes foi capitão-mór regente e superintendente com alçada no crime e civel : em titulo de Buenos, cap. 2º §.. na descendencia do n. 2—2. E teve quatro filhos.

7—1 Bartholomeu Bueno de Campos Leme Gusmão.

7—2 José Joaquim de Gusmão.

7—3 Alexandre de Gusmão.

7—4 D. Margarida de Campos Bueno, casou com seu tio em terceiro grão Lourenço Cardoso de Negreiros, filho do capitão Antonio Cardoso de Campos, e neto de João Leite da Silva, guarda mór e descobridor das minas dos Goyazes, n'este titulo, cap. 5º § 6º n. 3—6.

6—7 D. Francisca, falleceu menina.

6—8 D. Luiza, idem.

5—4 D. Agostinha Rodrigues (filha de Salvador Jorge Velho e D. Margarida da Silva, pag. 244), foi casada com o sargento-mór Luiz Pedroso de Barros. Sem geração. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3° §..

5—5 D. Sebastiana da Silva, foi casada com o coronel Antonio Pires de Campos. Com geração. Em titulo de Campos, cap. 3° § 1°.

5—6 D. Margarida da Silva, foi casada com Filippe de Campos Bicudo.Com geração. Em titulo de Campos, cap.3° § 2°.

5—7 D. Maria da Silva, foi casada com José Pompêo Leite, filho de Estevão Forquim Francez, natural e cidadão de S. Paulo, e de sua mulher D. Anna de Proença. Em titulo de Taques Pompêos.

5—8 D. Anna Pires Ribeiro, foi casada com José de Godoy Roá, filho do tenente-general Gaspar de Godoy Colaço, e de sua mulher D. Sebastiana Ribeiro de Moraes; em titulo de Moraes, cap. 3° § 2°, na sua descendencia. E teve sete filhos, nacionaes da villa de Parnahyba.

6—1 Margarida da Silva.

6—2 Ignacio Pires de Godoy.

6—3 Rita Pires de Godoy.

6—4 Domingos Jorge Velho.

6—5 Paschoal Leite Paes, falleceu solteiro.

6—6 José de Godoy Pires.

6—7 Sebastiana Ribeiro de Moraes.

5—9 Francisco Jorge da Silva, foi casado com Anna Ribeiro, filha de Francisco Bicudo de Brito e de sua mulher Maria de Almeida Neves, que foi filha de João de Almeida Neves, natural da villa de Algodres da Serra da Estrella, bispado de Viseu, que falleceu a 11 de Março de

1715, e de sua mulher Maria da Silva ; em titulo de Almeidas Neves (Cartorio de orphãos de Parnahyba n. 473, inventario de João de Almeida Neves). E teve filha unica.

6—: Maria Jorge, mulher de Ignacio Gonçalves da Silva, natural de Lisboa.

5—10 D. Ignez, falleceu solteira.

3—3. Pedro Dias Leite (pag. 102) falleceu a 19 de Março de 1658, casado com D. Anna de Proença, com geração em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.° § 8.°

3—4. João Leite da Silva. Foi clerigo do habito de S. Pedro, e passou á côrte de Lisboa a ordenar-se. Tomou o gráo de doutor em theologia. Foi sujeito de bom nome entre os seus naturaes, dos quaes e dos estranhos adquiriu grande respeito e applausos de estimação. O serenissimo Sr. D. Pedro 2.° lhe mandou escrever uma carta, firmada do seu real punho, com data de 28 de Fevereiro de 1674, cheia de expressões muito honrosas, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino no liv. de registros das cartas do Rio de Janeiro, titulo 1673 a fl. 2 v. Pelas suas letras e virtudes, e como pessoa de grande autoridade foi visitador do bispado pelas villas da marinha do Sul, e as do centro da capitania de S. Paulo, que ao seu zelo goza da concessão pontificia para o uso do pingo, a que chamam banha de porco nos dias de vigilia e tempo de quaresma. Falleceu deixando uma saudosa lembrança. Repartiu o seu cabedal em obras pias, e deixou legados grandes a varios parentes pobres. Jaz sepultado na capella dos terceiros de S. Francisco da cidade de S. Paulo, do qual foi irmão professo, e havia sido ministro da mesma ordem.

3—5. Maria Dias, casou duas vezes: a primeira aos 9 de Janeiro de 1633 com Diniz Cardoso, natural de S. Antonio do Tojal de Lisboa; sem geração. Segunda vez casou aos 20

de Janeiro de 1636 com Domingos Rodrigues de Mesquita, natural de Torre de Moncorvo,com a sua descendencia,em titulo de Mesquitas.

3—6. D. Isabel Paes da Silva, falleceu na Ilha de S. Sebastião a 8 de Abril de 1666 (Cartorio de orph. da Ilha de S. Sebastião maç. 6.º de inventarios, letra I, o de D. Maria Paes da Silva com testamento), e casou duas vezes: primeira,na matriz de S. Paulo,a 29 de Janeiro de 1636 com Bartholomeu Simões de Abreu,natural da villa de Santos, filho de João de Abreu, nobre cidadão da villa de Santos, almoxarife que foi da fazenda real em 1591, e de sua mulher Isabel de Proença Varella, natural da villa de Santos,filha de Paulo de Proença, natural da villa de Alemquer, e de sua mulher Isabel Cubas, filha de Braz Cubas, cavalleiro fidalgo da casa real. Segunda vez casou D. Isabel Paes na matriz da Ilha de S. Sebastião com Simão Ferreira Delgado, natural da cidade da Bahia, e professo da ordem de Christo, de cuja praça era capitão de infantaria da companhia de seu pai o mestre de campo Sebastião Fernandes Tourinho, de quem era filho, e de sua mulher D. Maria Braz Reis, que foram senhores de engenho, e de grandes cabedaes na Bahia. Fallecendo o dito mestre de campo Sebastião Fernandes Tourinho, passou á Bahia seu filho e unico herdeiro d'esta grande casa, o capitão Simão Ferreira Delgado, e d'alli embarcou para o reino a tratar dos seus serviços com o concurso dos que lhe ficaram por morte de seu pai. Teve a infelicidade de ficar o navio do seu transporte captivo dos mouros, e para o poder d'estes barbaros foi tambem captivo o capitão Simão Ferreira Delgado, e encontrando o seu destino rigores e crueldades não lhe durou muito tempo o tormento, porque aos effeitos d'elle perdeu a vida. Não bastou o desvelo e liberalidade com que se portou sua mãi a matrona D. Maria

Braz Reis, fazendo enviar logo ao reino de Portugal dinheiro bastante para resgate do seu infeliz filho ; e acabando n'elle o herdeiro da casa vieram a herdar as tres netas, filhas do dito seu filho, das quaes fazemos menção abaixo.

Teve D. Isabel Paes da Silva do seu primeiro matrimonio com Bartholomeu Simões de Abreu tres filhos : E do segundo matrimonio com o capitão Simão Ferreira Delgado tres filhas.

1.º matrimonio.

4—1 Francisco Paes da Silva.
4—2 D. Potencia Leite da Silva.
4—3 D. Maria de Abreu Pedroso Leme.

2.º matrimonio.

4—4 D. Lucrecia Leme.
4—5 D. Sebastiana Paes Leme.
4—6 D. Anna Ferreira Tourinho.

4—1. Francisco Paes da Silva, casou segunda vez em S. Paulo aos 15 de Junho de 1699 com Maria Bueno do Amaral, filho de Antonio Bueno, e Maria do Amaral.

4—2. D. Potencia Leite da Silva, casou com o capitão Diogo de Escobar Ortiz, natural da Ilha de S. Sebastião, irmão de Estevão Raposo Bocarro, abaixo. E teve duas filhas.

5—1. D.Maria Leite,casou com Manoel Lopes Pereira, capitão das ordenanças, natural da villa de S. Sebastião filho de Gonçalo Lopes, natural da villa de Vianna, e de sua mulher Helena de Onhate, filha de Manoel Pires Escache. E Manoel Lopes Pereira foi primo direito do

padre Manoel Gomes Pereira, vigario collado de S. Sebastião. Sem geração.

5—2. D. Catharina Paes Leite, casou com João da Silva Rebello, natural do reino de Portugal, homem nobre em sua terra. Falleceu em Pitanguy. E teve doze filhos.

6—1. D. Potencia Leite da Silva, casou nas Minas Geraes, em Pitanguy com o coronel Manoel Cabral Teixeira, natural de Portugal. E teve filha unica.

7—» D. Cordula Cabral Tiexeira,casou com o capitão Serafim Vieira de Vasconcellos, natural de Portugal: este casal passou-se para Paracatú, onde ambos falleceram.

6—2. D. Maria Leite da Silva, casou em S. Sebastião com Amaro Dias Torres, natural de Massarellos, da nobre familia dos Torres. Falleceu em S. Sebastião e teve n'esta ilha oito filhos.

7—1 Manoel Leite Pereira, casou em S. Sebastião com Maria Nunes Corrêa, filha de Francisco Gonçalves Souto, natural de Portugal, e de sua mulher Isabel Nunes Corrêa, natural de S. Sebastião, que foi filho de Diogo Corrêa, Mazagão e de sua mulher Isabel Nunes Corrêa, ambos da dita villa de S. Sebastião. Com geração.

7—2 João da Silva Torres. Foi escrivão da camara da villa de Santos, casado com Anna Corrêa da Gaya, em S. Sebastião, filha de João da Motta Moreira e de sua mulher Maria Corrêa Nunes, filha de Diogo Corrêa Mazagão e de Isabel Nunes Corrêa, acima. Com geração.

7—3 D. Maria, falleceu menina.

7—4 D. Maria Leite da Silva, casou em S. Sebastião com José Dias Martins, filho de André Gonçalves Martins e de sua mulher Josepha Gomes, ambos de S. Sebastião. Com geração.

7—5 D. Rosa, falleceu menina.

7—6 D. Anna Leite da Silva, casou em S. Sebastião

com Sebastião Homem de Oliveira Coutinho, natural de S. Sebastião, filho de João Homem Coutinho, natural de S. Sebastião, e de sua mulher Joanna de Oliveira, da mesma ilha. O dito Coutinho foi filho de Sebastião Homem Coutinho, do Couto de Alcobaça, e de sua mulher Isabel Rosada das Neves, natural de S. Sebastião. Esta D. Anna Leite existe no Rio de Janeiro em 1774. E teve em S. Sebastião sete filhos.

8—1 D. Maria Theresa de Oliveira, casou em S. Sebastião com Lino Lopes de Oliveira, filho do capitão Antonio Lopes de Siqueira e de sua mulher D. Maria da Alleluya, natural elle da villa de Santos e ella de S. Sebastião, neto paterno de Mathias Lopes de Siqueira e de D. Apolonia Garcez. Vide em titulo de Garcez Barreto.

8—2 D. Anna Leite da Silva, casou em S. Sebastião com Thomé Ayres Garcez, filho do capitão Diogo Ayres de Aguirre, e de sua mulher Anna Nunes de Freitas, irmã de Catharina Nunes de Freitas, que foi mulher do capitão Diogo de Escobar Ortiz.

8—3 D. Catharina Leite da Silva, casou em S. Sebastião com Domingos Ayres de Aguirre, filho do ajudante da ordenança José Rodrigues de Abreu, natural da cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher D. Cecilia de Aguirre, natural de S. Sebastião. Em titulo de Aguirres.

8—4 D. Emerenciana Rita Leite, existe solteira na companhia de sua mãi no Rio de Janeire.

8—5 João Amaro da Silva Leite, seminarista do seminario da Lapa em 1774.

8—6 Manoel, falleceu menino.

8—7 Joaquim Manoel Francisco da Gloria, com idade de dez annos n'este de 1774.

7—7 Amaro Dias, falleceu menino.

7—8 Manoel, idem.

6—3 D. Catharina Maria da Silva, casou no Rio de Janeiro com o capitão Paulo Baptista, natural da cidade de Genova, que se passou para Minas Geraes, e se estabeleceu no Sabará, onde lhe nasceram dois filhos que lhe ficaram.

7—1 João Baptista.

7—2 D. Catharina. Estes dois filhos passaram para Lisboa na companhia de sua mãi, estando já viuva, com destino de recolher a filha D. Catharina a um mosteiro de freiras, e o filho para o estado clerical. E no 1° de Novembro de 1755, que foi o terremoto, ainda estavam em Lisboa, e escaparam da morte n'aquelle dia.

6—4 D. Marianna Leite, casou em Pitanguy com o capitão de mar e guerra de fragata real Bartholomeu Farto, natural de Portugal. E teve cinco filhos.

7—1 D. Mathilde.

7—2 D. Anna.

7—3 Felix.

7—4 Antonio.

7—5 João.

Estes tres irmãos passaram-se para Portugal com seu pai: um é religioso bruno, e outro carmelita descalço, em Lisboa.

6—5 D. Anna Maria, casou em Pitanguy com José Rodrigues S. Thiago, natural de Portugal. E teve dois filhos.

7—1 D. Anna.

7—2 Joaquim.

6—6 D. Rosa da Silva, casou em Pitanguy com Domingos Pereira. Sem geração.

6—7 D. Custodia Leite da Silva, casou em Pitanguy com Manoel Pinto Pereira, grande estudante e examinador synodal do bispo Guadalupe. E teve quatro filhos.

7—1 D. Francisca.

7—2 D. Catharina.

7—3 D. Rosa.

7—4 Vicente.

6—8 Manoel Leite da Silva. Foi completo na lingua latina, e excellente poeta com grande instrucção da historia; e abandonando o progresso das letras, falleceu solteiro em Minas Geraes.

6—9 D. Rosa Leite da Silva. Embarcou na companhia de sua tia D. Sebastiana Paes da Silva, mulher de Antonio do Rego de Sá, que ia para a Bahia, e d'alli se recolheu a sua patria a Ilha de S. Miguel; e D. Rosa para religiosa em um dos conventos da dita Ilha: porém D. Sebastiana falleceu no mar, constituindo para seu testamenteiro e herdeiro a seu marido Antonio do Rego de Sá, e deixou oito mil cruzados para dote de sua sobrinha dita D. Rosa em 1709, como consta da provisão do desembargo do paço de 5 de Junho de 1723 a favor de Anna Ferreira Delgado contra Antonio do Rego, para effeito de dar partilhas da meação de sua mulher D. Sebastiana, o qual passava de cincoenta mil cruzados em ouro e moeda. Antonio do Rego recolhido a sua patria com mais de cem mil cruzados casou com D. Rosa Leite da Silva, de cujo matrimonio existe na ilha de S. Miguel nobre geração com varios morgados.

6—10 D. Josepha, falleceu menina nas Geraes.

6—11 D. Maria, falleceu em S. Paulo, solteira.

6—12 João, falleceu menino, em S. Sebastião.

4—3 D. Maria de Abreu Pedroso Leme, casou com Estevão Raposo Bocarro (irmão inteiro de Diogo de Escobar Ortiz do n.4—2 acima) da governança da republica da villa de S. Sebastião e natural d'ella, onde foi pessoa de tratamento e grandes cabedaes de numerosa escravatura e senhor do engenho chamado da Praia do Barro, que tinha sido de seus avós, primeiros fundadores e povoadores da

ilha de S. Sebastião, como iremos mostrando. Foi este Estevão Raposo Bocarro, guarda-mór da marinha d'esta ilha dos Porcos até a barra da fortaleza da Bertioga no tempo que o inimigo e pirata francez andava roubando as embarcações, que navegavam para aquella costa. Foi filho do capitão Gaspar Picão, natural da villa de Santos, morador da ilha de S. Sebastião e senhor do sobredito engenho da Praia do Barro, e da governança da republica, onde occupou os cargos d'ella repetidas vezes, e de sua mulher Catharina de Oliveira como consta do cartorio de orphãos, nos maços de inventarios da dita villa de S. Sebastião. Catharina de Oliveira foi irmã inteira de Antonia de Escobar, mulher de Manoel Pinto, chamado o Passarilho, de cujo matrimonio nasceu Domingos Thomaz da Silva, que foi pai do padre mestre frei Bernardino de Jesus, natural do Rio de Janeiro, religioso franciscano e commissario do Santo Officio, um dos grandes talentos em letras e virtudes na sua provincia. Foi Estevão Raposo Bocarro neto por parte paterna de Gaspar Fernandes Palha, natural da cidade de Funchal da ilha da Madeira, descendente de Ruy Vaz de Almada, a quem el-rei D. João o I deu o appellido de Palha com as armas, como consta de muitos nobiliarios. Foi da governança da villa de Santos. Foi provedor de orphãos, dos defuntos e ausentes, capellas e residuos da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e casou na dita villa de Santos com D. Antonia Acqueixa de Peralta, filha de Antonio Raposo, natural da cidade de Beja, e de sua mulher D. Antolina Acqueixa de Peralta, natural de Hespanha, de onde veiu com seu marido Antonio Raposo, para a capitania de S. Vicente na armada real, de que foi general D. Diogo de Flores Baldez, como tudo melhor consta do alvará, que se passou ao dito Antonio Raposo quando em S. Paulo foi armado cavalleiro no anno de

1601 por D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado do Brasil, que para o fazer tinha decreto d'el-rei D. Filippe, em premio de serviços feitos á corôa, o qual alvará se acha registrado no archivo da camara de S. Paulo no caderno de registros, titulo 1600, de fls. 31 a 38.

E pela materna foi o guarda-mór Estevão Raposo Bocarro neto de Francisco de Escobar Ortiz, que foi o primeiro povoador da ilha de S. Sebastião, a qual lhe concedeu para si e seus descendentes o donatario da capitania de cem leguas Pedro Lopes de Sousa para elle com sua nobre geração a povoar, como fez sahindo da capitania do Espirito-Santo com sua mulher Ignez de Oliveira Cotrim, e com filhas já casadas. Dentro das sete leguas da dita ilha que lhe foi concedida se estabeleceu Francisco de Escobar Ortiz e seu cunhado Nuno Cavalleiro. Foi senhor de dois engenhos de assucar, os primeiros que houve n'aquella ilha, onde foi pessoa de grandes cabedaes com um navio de duas cobertas, que navegava para Angola. Na capitania do Espirito-Santo teve uma irmã chamada Antonia de Escobar, casada com o fidalgo Vasco Fernandes Coutinho, que era filho natural do fidalgo do mesmo nome, capitão e senhor donatario da dita capitania por mercê d'el-rei D. João III. Antonio de Escobar fez procuração na dita capitania no anno de 1633 para se receber em S. Paulo a herança, que lhe tocou por morte de seu filho o capitão Frederico de Mello Coutinho, que falleceu sem geração em S. Paulo a 28 de Janeiro de 1633 estando casado com D. Maria a qual depois foi mulher de João Barreto, como tudo se vê do testamento do capitão Frederico de Mello nos autos de inventario de seus bens, no primeiro cartorio do judicial e notas de S. Paulo, maço de inventarios antigos, letra F. Este Frederico de Mello foi conhecido e estimado em S. Paulo por homem-fidalgo, como consta as-

sim no archivo da camara no caderno de registros capa de couro de veado n. 1° titulo 1623 a fl. 22. Das entradas, que elle fez contra os castelhanos da provincia do Paraguay falla com petulante expressão e conhecido odio D. Francisco Xarque de Andella, no 1° e 2° tomo da sua obra.

Francisco de Escobar, falleceu na ilha de S. Sebastião com testamento no anno de 1652, e sua mulher Ignez de Oliveira a 3 de Agosto de 1675 tambem com testamento, onde se mostra que do seu matrimonio fôra filha Catharina de Oliveira, mulher do capitão Gaspar Picão, senhor do engenho da Praia do Barro (Cartorio da ilha de S. Sebastião, maço 4° de inventarios o de José de Oliveira, appenso a elles o de seu marido Francisco de Escobar Ortiz). Do matrimonio do guarda-mór Estevão Raposo Bocarro e de D. Maria de Abreu Pedroso Leme, nasceram na villa da ilha de S. Sebastião doze filhos que foram :

5— 1 Pedro Dias Raposo.
5— 2 Estevão Raposo Bocarro,
5— 3 João Leite da Silva Ortiz.
5— 4 Diogo de Escobar Ortiz.
5— 5 Bartholomeu Paes de Abreu.
5— 6 Bento Paes da Silva.
5— 7 D. Ignez de Oliveira Cotrim.
5— 8 D. Veronica Dias Raposo.
5— 9 D. Isabel Paes da Silva.
5—10 D. Catharina de Oliveira Cotrim.
5—11 D. Antonia Requeixa de Peralta.
5—12 D. Leonor Corrêa de Abreu.

5—1. Pedro Dias Raposo, casou duas vezes: a primeira com D. Isabel Ribeiro da Silva Bueno, natural da villa de Santos, filha de D. Isabel da Silva, e de seu segundo marido Domingos de Castro Corrêa ; em titulo de Buenos, cap. 1.° § 4.° n.° 3—7 : e teve :

6—1. Domingos da Silva Bueno.

6—2. D. Maria Theresa.

6—3. D. Isabel.

Segunda vez casou com D. Rosa da Appresentação, filha do sargento-môr das ordenanças de S. Sebastião Manoel Gomes Mazagão, bem conhecido pela sua nobreza e cabedaes em a dita Ilha, e d'este segundo matrimonio teve filho unico, que foi:

6. José Dias Paes, que em Villa Boa de S. Anna de Goyaz, casou com sua sobrinha D. Anna Luiz Pereira Leite, tendo sido dispensado no impedimento do terceiro gráo de consanguinidade mixto com o segundo, filha de sua propria irmã D. Maria de Escobar, e de seu marido Gaspar Luiz Pereira; falleceu sem geração.

5—2. Estevão Raposo Bocarro, passou da patria ao sertão dos Curraes da Bahia, Rio de S. Francisco, onde se estabeleceu com grossas fazendas de gados vaccuns, e foi um dos mais potentados d'aquelle sertão; d'elle abriu estrada franca pelo sertão e do Hurucuya para as minas de Villa Boa de Goyaz. Foi um dos grandes sertanistas do seu tempo, cujo valor acreditou por espaço de alguns annos, conquistando e domando o barbaro gentio, n'aquella, que se lhe fez pelo governador d'ella Mathias Cardoso de Almeida. Deixou do seu matrimonio duas filhas, e um filho que foram:

6—1. D. Francisca Leite, que falleceu sem geração pelo infeliz successo que lhe aconteceu por ser bastantemente resoluta em montar qualquer generoso cavallo, que o sabia mandar com excellencia de qualquer perfeito cavalleiro. Ao vadear uma grande Ribeira, para avançar o alto barranco d'ella, picou com esporas de pua ao bruto, que carregando a grande corpulencia d'esta senhora, avançou a ganhar o barranco com impeto, que lhe tinha estimulado o castigo do ferro; e desbroando-se a terra em que já

tinha as mãos, voltou-se de costas, e no precipicio da queda recebeu D. Francisca o damno de se lhe imprimir no estomago o arção da sella, que era á Jeronima, e para logo perdeu a vida, que parece procurou ella esta fatalidade, pelo atrevimento com que se metteu no perigo. Não teve filhos do matrimonio, que tinha contrahido com Pedro Cardoso, aquelle que passando para a India, obrou acções de valor em uma pequena fortaleza do Rio de Senna. O grande cabedal de D. Francisca estabelecido em rendosas fazendas de gado herdaram seus irmãos.

6—2. D. Rita, que existe casada com Thomaz da Costa Ferreira de Alquimi, natural da villa de Vianna, fidalgo da casa real, bem conhecido pela sua distincta qualidade da casa e morgado de Alquimi, irmão direito de João da Costa Ferreira, que foi mestre de campo e governador da praça de Santos, e de Antonio Ferreira de Brito, fidalgo da casa real, que casou na villa de Santos na nobre casa de S. Anna, e de quem n'este titulo fazemos menção na descendencia de Luiz Dias Leme, do § 5.º n.º 2—7. E foi filho de André da Costa, fidalgo da casa real, e Morgado de Alcami em Vianna.

6—3. N... que mataram no sertão dos Curraes da Bahia seus proprios cunhados, os filhos do Roboredo.

5—3. João Leite da Silva Ortiz, casou com D. Isabel Bueno da Silva, filha de Bartholomeu Bueno da Silva, descobridor das minas de Goyaz, em titulo de Buenos, cap. 2.º § 2.º n.º 3—1 e seguintes, e a quem acompanhou o dito João Leite, que igualmente foi socio e descobridor das ditas minas com seu sogro Bartholomeu Bueno da Silva, cujos serviços de conquista, descobrimento e estabelecimento d'ellas temos tratado no epitome, que fizemos ao caracter do descobridor Bartholomeu Bueno da Silva.

De Villa Boa de Goyaz passou João Leite da Silva para

S. Paulo no anno de 1730, com a resolução de ir a real presença a dar conta do que tinha obrado em serviços da Magestade. Chegando ao Rio de Janeiro embarcou para a cidade da Bahia a demandar a frota, que já não alcançou. Alli foi recebido com grandes applausos e publicas demonstrações de cortejos, que fez praticar o vice-rei do Estado o conde de Sabugoza Vasco Francisco Cesar de Menezes, sabendo conhecer este cavalheiro os relevantes serviços do descobridor João Leite da Silva, que á persuasões do grande zelo de Rodrigo Cesar de Menezes, governador e capitão general da capitania de S. Paulo, aceitou a commissão de penetrar o inculto e vasto sertão dos Goyaz na mesma conducta do cabo principal d'ella Bartholomeu Bueno da Silva. Venceu o Cesar a João Leite da Silva para esta grande empreza, porquanto aceitando Bartholomeu Bueno da Silva o ser explorador d'aquelles sertões, foi com a clausula de ser seu adjunto e futuro successor na campanha seu genro João Leite da Silva Ortiz, no anno de 1722. Então se achava João Leite da Silva rico e abastado, com numerosa escravatura, e bem estabelecido de lavras mineraes no sitio chamado o Curral d'el-rei. A' persuasões de seu irmão o capitão de infantaria Bartholomeu Paes de Abreu, e das promessas do governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, aceitou o convite ; e fazendo vender por um o que valia dez, se recolheu a S. Paulo, onde a custa dos seus grandes cabedaes se formou o troço de 500 homens, com cujo corpo penetrou o inculto sertão de Goyaz,soffrendo no decurso de tres annos e oito mezes, as perdas, os trabalhos, e as miserias, que temos tocado nas acções do descobridor Bartholomeu Bueno da Silva, em titulo de Buenos, § 2.º

Tinha-se empenhado á emulação de Antonio da Silva Caldeira (filho espurio de um conego da Sé de Lamego)

sendo governador da capitania de S. Paulo sem o caracter de capitão general, a que Rodrigo Cesar de Menezes não ficasse com a gloria de fazer dar a luz um descobrimento tão appetecido, e para o qual o Cesar se tinha muito empenhado, e se achava este particular serviço muito na lembrança da Magestade d'el-rei o Sr. D. João V. Da capitania de S. Paulo se tinha recolhido, depois de acabar o seu governo Rodrigo Cesar de Menezes, que passando por ordem d'el-rei ás minas de Cuyábá, e achando-se n'ellas no anno de 1728, chegou a S. Paulo Antonio da Silva Caldeira Pimentel, que tomou posse do governo da capitania na camara d'esta cidade a . . . de . . . . E par-logo entrou publicamente a desprezar todos os acertos de seu antecessor, que até concebeu a barbara blasphemia de affirmar (entre o vil sequito do seu partido) que o Cesar tinha no Cuyabá feito introduzir chumbo em lugar d'ouro, pelas oito arrobas, que dos reaes quintos tinha cobrado n'aquellas minas; querendo que este sacrilego attentado não recahisse em Sebastião Fernandes do Rego, particular amigo do dito Caldeira, que o tempo, pelas suas circumstancias e exactas devassas a que se procedeu pela insolencia d'este roubo, não pôde eximir a Sebastião Fernandes do Rego de ficar conhecido por autor d'este horrendo delicto: bem o publicou depois o geral confisco, que se lhe seguiu em S. Paulo em todos os seus bens, porque ainda, que amparado das subtilissimas maximas do seu protector, e amigo Antonio da Silva Caldeira pôde Sebastião Fernandes passar da prisão, em que residia no calabouço da fortaleza de S. Amaro da Barra Grande da villa de Santos para o Limoeiro da cidade de Lisboa, onde depois de alguns annos venceu a astucia do mesmo Rego o recolher-se a S. Paulo livre e desembaraçado, onde chegou no anno de 1739; comtudo descobrindo-se na côrte

os effeitos da sua habilidade, se passaram para logo com todas as forças decretos do Sr. D. João V para a prisão do dito Rego, remettendo-se os mesmos caixotes, e o chumbo que n'elle se tinha introduzido ao ouvidor de S. Paulo e corregedor da comarca, o doutor Domingos Luiz da Rocha, para formar a vista de tudo um novo auto de corpo de delicto, e proceder a devassa. N'este tempo já era fallecido Sebastião Fernandes do Rego, cuja morte o livrou da injuria das rigorosas prisões, que a sua culpa tinha lavrado. Procedeu-se pela ouvidoria de S. Paulo na devassa, e n'ella ficou assás manifesta a sacrilega culpa do autor d'ella, e segunda vez se verificou um geral confisco nos bens de Sebastião Fernandes do Rego. pelo doutor Domingos Luiz da Rocha, cujos autos a todo o tempo publicarão esta verdade para horror e confusão dos vindouros.

Antonio da Silva Caldeira descobriu na sua má intenção o meio de abandonar as novas minas de Goyaz, onde se achavam por segunda entrada para o seu estabelecimento, e repartimento das terras mineraes aos vassallos do rei, observada as reaes ordens, os descobridores d'ellas Bartholomeu Bueno da Silva, com o caracter de capitão-mór regente, e superintendente com jurisdicção no crime e civel; e João Leite da Silva feito guarda-mór geral da repartição das terras mineraes das mesmas. Em S. Paulo porem ficou residindo o terceiro socio o capitão Bartholomeu Paes de Abreu, para d'esta cidade fornecer do necessario aos descobridores, que se achavam residindo em Minas; a este entrou a perseguir Antonio da Silva Caldeira Pimentel, do que resultou pôr na real presença estes procedimentos o queixoso Bartholomeu Paes de Abreu, em tres distinctas cartas, que se acham na secretaria do conselho ultramarino; e resultando ellas as providencias das ordens datadas em 12 de Maio de 1730, que se acham tambem registradas na mesma

secretaria no livro 1.º das cartas de S. Paulo, titulo 1726 de fl. 63 até fl. 96, produziu o desafogo de Caldeira o excesso de mandar prender potenciosamente o capitão Bartholomeu Paes de Abreu no calabouço da fortaleza da Barra de Santos, onde então se achava o preso Sebastião Fernandos do Rego. Alli o conservou sem lhe admittir recurso, e prohibido o desafogo de escrever e receber cartas, e não fallar, nem ainda com seus proprios filhos se alli apparecessem; porque tinha concebido o conceito de que ao compasso d'estas violentas tyrannias, perderia a constancia a innocencia do preso, a quem por este modo desejava Caldeira tirar a vida.

Os echos d'esta influencia chegaram ás minas de Goyaz; e lamentando-se alli estes procedimentos contra um vassallo de tão relevantes serviços; precipitadamente se resolveu o guarda-mór João Leite da Silva Ortiz passar á S. Paulo, seguindo derrota até a real presença. Nada bastou a mover o endurecido odio de Antonio Caldeira da Silva Pimentel. A este requereu João Leite da Silva da parte do real serviço, que queria ter audiencia com o preso seu irmão Bartholomeu Paes de Abreu, na presença dos officiaes, que para este acto fossem nomeados, sem que para a pratica se precisasse de alliviar ao preso extrahindo-se do mesmo calabouço em que residia, porque nas grades da janella d'elle podia João Leite conseguir a pretendida pratica com seu irmão, de quem só interessava informar-se como seu procurador e socio, o estado em que se achavam os serviços feitos com o descobrimento das minas de Goyaz. A nada se moveu o governador Caldeira.

Desceu João Leite para Santos; e na noite antes de embarcar para o Rio de Janeiro, pernoitou na mesma fortaleza de S. Amaro, cujo commandante era então o capitão de infantaria André Curcino de Mattos, que com o desem-

baraço do sangue que lhe adornava as vêas por todos o costados, recebeu e agasalhou a João Leite da Silva com as honras que merecia um vassallo, que a custa da sua fazenda deixava descobertas minas para enriquecerem o real erario. Como obediente soldado não se affastou de cumprir as ordens do seu governador, em observancia das quaes não se chegaram a avistar os dois irmãos. Na madrugada porém do dia do embarque mandou o capitão commandante, a sua custa, salvar com algumas peças de artilheria da fortaleza,quando se fez á vela a embarcação do guarda-mór João Leite, e bastou esta obsequiosa acção, executada em contemplação de um vassallo tão benemerito, para ficar no desagrado do governador Caldeira, que por isto não perdeu occasião de perseguir ao capitão André Curcino de Mattos.

Da Bahia embarcou João Leite da Silva para Pernambuco ; e com as cartas de aviso do conde vice-rei foi n'aquella cidade recebido com semelhantes demonstrações de applausos, as que se tinham com elle praticado na Bahia. O governador capitão-general, e o Exm. bispo de Pernambuco honraram muito aos merecimentos de João Leite da Silva Ortiz, que detendo-se a espera da partida da frota, enfermou de bexigas, e foi feliz n'esta enfermidade. Eram passados quarenta dias, e ainda o enfermo se conservava recolhido. Na tarde do dia 8 de Dezembro de 1730 foi visitado do bispo diocesano, e na despedida d'este prelado o acompanharam Bartholomeu Bueno da Silva e Bento Paes da Silva ; aquelle era cunhado, e este sobrinho do guarda-mór João Leite, e com ambos tambem o padre José de Almeida e o filho do dito guarda-mór acompanharam ao Exm. bispo. N'este intermedio quiz o enfermo beber um copo d'agua do cosimento das sementes de cidra, cuja potagem mandavam os

medicos que usasse para temperar a massa do sangue, ainda exaltada da enfermidade das bexigas. Ministrou-lhe a bebida o padre Mathias Pinto, clerigo de S. Pedro, que esquecido do seu caracter tinha obrado alguns excessos de desenvoltura nas minas do Cuyabá, das quaes mandando-o vir preso com as culpas o Exm. bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, se refugiou, e escapando da justiça para as minas de Goyaz. D'ellas se aproveitou do affavel genio e caridoso animo do guarda-mór João Leite, que liberal recebeu em sua companhia para o conduzir ao reino sem a menor despeza. Logo em S. Paulo descobrindo-se, que todas ás noites debaixo do rebuço de um capote, costumava ter praticas com o governador Caldeira, foi advertido por parentes e ainda por pessoas religiosas, que despedisse ao dito clerigo ; porém João Leite sem valor para o fazer, desprezou os avisos e o foi conduzindo com os detrimentos das necessarias cautelas para não ser descoberto e preso pelas culpas graves que tinha no Rio de Janeiro ; e por este acto de virtude veiu João Leite a tragar a morte, porque ministrada a bebida pelo dito padre Mathias Pinto, actuado no corpo o veneno que lhe tinha introduzido, antes de completas duas horas, entrou o enfermo em mortaes ancias. Acudiram os medicos, e observada a novidade, se conheceu que eram effeitos de veneno. O clerigo desappareceu da casa, deixando com a retirada mais suspeitosa a culpa da sua estragada consciencia e indesculpavel ingratidão contra o seu amigo, protector e bemfeitor. Como o veneno se introduziu no sangue, perdeu a vida quem era merecedor de a possuir mais larga ; e perdeu o rei um muito distincto e benemerito vassallo, porque elle bastava para conseguir, como pretendia, os maiores descobrimentos em todo o sertão de Goyaz, que até hoje por esta falta se lamenta a morte de

João Leite da Silva, que na madrugada do dia 9 de Dezembro de 1730 entregou a alma ao Creador na villa de S. Antonio de Recife de Pernambuco. Tinha feito d'antes o seu testamento, em que declarou o cabedal proprio e alheio, que levava comsigo; e como as barras d'ouro avultavam em grande somma de mil cruzados, despertou esta grandeza a ambição dos officiaes do juizo dos ausentes, que sem attenção a ter o testador testamenteiros promptos, e filho herdeiro em sua companhia, se procedeu na arrecadação e rematação de tudo. Porém examinada a causa pelos deputados da mesa da consciencia e ordens, lavraram sentença de nullidade a todo o processo, declarando-se n'ella, que com mão rapida tinha sido este procedimento. Porém não havendo quem viesse a Pernambuco fazer executar esta sentença, no poder d'aquelles officiaes ficou o lucro, que tiveram a titulo de dividas, commissões. Do matrimonio do guarda-mór João Leite da Silva Ortiz nasceram quatro filhos.

6—1 Bartholomeu Bueno da Silva, que acompanhando a seu pai para seguir os estudos na universidade de Coimbra, antes de chegar a Lisboa falleceu de bexigas no mar.

6—2 Estevão Raposo Bocarro, falleceu solteiro na Villa Boa de Goyazes.

6—3 D. Theresa Leite da Silva, casou na matriz da freguezia de Nossa Senhora da Penha de França do sitio de Araçariguama com Januario de Godoy Moreira, em titulo de Godoy, cap. 5° § 5°, com geração, filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua segunda mulher Maria Barbara.

6—4 D. Quiteria Leite da Silva, casou na matriz de Villa Boa de Goyazes, com Antonio Cardoso de Campos, capitão de cavallos do regimento auxiliar das ditas minas,

e guarda-mór das terras e aguas mineraes do arraial de Cuixas, onde tem servido de juiz ordinario algumas vezes: é natural da villa de Itú, filho de Lourenço Cardoso de Negreiros e de sua mulher Mecia de Campos : em titulo do Botelhos Arrudas, cap. 3º § 6 n. 2—2. E teve filhos.

7—1 Lourenço Cardoso de Negreiros, que se acha casado com sua tia em terceiro gráo de consanguinidade D. Margarida de Campos, filha do coronel Bartholomeu Bueno da Silva e de sua mulher D. Maria Theresa Isabel Paes, de quem temos tratado n'este titulo no cap. 5° § 5° descendente de Paschoal Leite Paes, do n. 3—2.

7—2 João Leite da Silva Gusmão.

7—3

7—4

5—4 Diogo de Escobar Ortiz, falleceu na villa da ilha de S. Sebastião tendo repetidas vezes occupado os cargos d'aquella republica ; e n'ella foi casado com Catharina Nunes de Freitas, natural da mesma ilha, irmã de Luiz Nunes de Freitas, que falleceu em 1734 ; filhos do capitão Miguel Gonçalves da Fonseca, natural de S. Sebastião, e de sua mulher Maria de Freitas, com quem casou em Santos a 17 de Outubro de 1668 : era filha de Gonçalo de Freitas, natural de Vianna, e de sua mulher Maria Farinha, natural da villa de Coimbra ; e elle filho de Bartholomeu Gonçalves e de Maria de Onhate. E teve cinco filhos.

6—1 D. Maria de Escobar, que se acha moradora na capitania de Goyazes, viuva de Gaspar Luiz Pereira que são os pais de D. Anna Luiz Pereira Leite, mulher de José Dias Paes, filho de Pedro Dias Raposo e de sua mulher do n. retro 5—1.

6—2 D. Francisca Leite da Silva, mulher de Domingos Gomes Mazagão, filho do sargento-mór Manoel Gomes

Mazagão, natural d'esta praça, e de sua mulher Barbara Moreira, E teve tres filhos.

7—1 Diogo.

7—2 Manoel.

7—3 Anna.

6—3 D. Catharina Paes, mulher de Bento de Sousa Coutinho, natural da Ilha Grande, filho de Francisco de Bittancourt ; sem geração.

6—4 D. Josepha Luiza de Freitas, mulher de Clemente Paes Pereira, que existe morador em S. Sebastião, onde tem servido os cargos da republica e algumas vezes o de juiz ordinario d'ella. Tomou o gráo de mestre em artes no collegio dos padres jesuitas do Rio de Janeiro no anno de 1744. E' natural de Oeyras, de onde já em praça de soldado com matricula na vedoria da côrte, da fortaleza de S. Gião, veio para soldado da praça do Rio de Janeiro com seu pai o mestre de campo do terço de artilharia da mesma praça, onde falleceu, tendo sido casado com D. Joanna Maria das Chagas, natural de Oeyras, e o dito mestre de campo foi natural da Torre de Moncorvo. Com 19 annos de serviço deu baixa Clemente Paes Pereira. E teve naturaes da ilha de S. Sebastião tres filhos.

7—1 Luciano Paes Pereira.

7—2 Manoel José de Jesus Pereira.

7—3 D. Emerenciana Paes Pereira Leite de Escobar.

6—5 Manoel Hieronimo Leite, foi casado com D. Maria Alves de Moraes Tavares, filha de Manoel Alves de Moraes, que foi coronel das ordenanças, da ilha de S. Sebastião. Em titulo de Moraes, cap. 1.º § 5.º na descendencia do n. 3—1 ; sem geração.

5—5 Bartholomeu Paes de Abreu, cidadão da cidade de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica, e foi juiz

ordinario o capitão de infantaria paga, do novo terço, que por ordem régia levantou Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho primeiro governador e capitão general da capitania de S. Paulo, como temos tratado em titulo de Taques Pompêos, pelo casamento do dito capitão Bartholomeu Paes com D. Leonor de Siqueira Paes sua prima em quarto gráo de consanguinidade.

5—6. Bento Paes da Silva, casou com filha de Urbano de Castro Pereira, e falleceu nas Minas Geraes, tendo dois filhos chamados João Paes, e Gregorio de Castro Pereira, que falleceram sem geração.

5—7 D. Ignez de Oliveira Cotrim, foi mulher de Antonio de Faria Sodré, irmão inteiro do P. João de Faria Fialho, fundador da villa de Pindamonhangaba, e da igreja matriz d'ella, a quem deixou patrimonio para dos rendimentos ter a sua congrua de 80$000 por anno o vigario da dita igreja. E teve.

6—1 Miguel de Faria Sodré, que casou com sua parenta Veronica Dias Leite Ferraz, e foi morador das Minas de Pitanguy, onde soube estabelecer um grande nome pelas moraes virtudes, e igual honra no procedimento das suas acções, e governo da sua casa, com grandes lavras de terras mineraes, e excellente educação dos seus filhos. Falleceu em ditas minas em 1754, importando o monte do seu casal 56 contos de reis. E teve.

7—1 Antonio de Faria Sodré, casado com D. Leonor Moreira Domingues da Cunha, filha de D. Thomasia Pedroso: em titulo de Toledos, cap. 2.º § 2.º n. 3—6.

7—2 Miguel de Faria Fialho, casou com Maria de Moraes de Siqueira, natural de Pitanguy, filha de Manoel Preto Rodrigues, e de D. Francisca de Siqueira de Moraes, natural de Jundiay, do padre João de Moraes. Com geração.

7—3 José Ferraz de Araujo, casou com D. Genoveva da Trindade, filha de D. Thomazia Pedroso, acima. Com geração.

7—4 Francisco Leite, casou segunda vez com D. Emiliana Francisca de Moura, filha de D. Thomazia Pedroso, acima. Com geração d'este segundo casamento.

7—5 Antonio Ferraz de Araujo, casou com Leonor de Siqueira de Moraes, natural de Pitanguy, filha de Manoel Preto Rodrigues, acima. E teve sete filhos.

8—1 Helena de Moraes de Araujo, mulher de Francisco Lourenço Cintra, natural do Algarve.

8—2 Maria Leite de Araujo, mulher de Amaro das Neves de Moraes, natural de S. Paulo, e casou em Pitanguy, filho de Domingos Teixeira de Moraes, que foi mercador em S. Paulo e de sua mulher Maria Soares das Neves, prima irmã da freira Anastacia, etc.

8—3 Andreza de Araujo, mulher de José Felix Cintra, irmão de Francisco Lourenço, acima.

8—4 Lucrecia Leite de Araujo, primeira vez casou com Rafael Soares, de Oliveira, de Jundiay, filho de Gonçalo Ribeiro, e de sua mulher Anna Cordeiro, de Jundiay.

8—5 Manoel Ferraz de Araujo, casou em Mogy com Isabel Pedroso Leite, filha de Antonio Leite de Barros, e de sua mulher Josepha Cardoso de Almeida.

8—6 Antonio Ferraz de Araujo, casou na freguezia de Nazareth com Gertrudes de.... filha de Gaspar Vaz da Cunha e de Joanna Gonçalves.

8—7. Luiz José de Faria, casou em Pitanguy.

6—2. João Leite da Silva Sodré, casou em S. Sebastião com D. Beatriz da Silva, filha de Jordão Homem, e de sua mulher D. Paschoa Pinheiro. Esta familia é da de Botafogo do Rio de Janeiro, e o padre Alexandre Pinheiro foi

irmão d'esta Beatriz da Silva. E teve nascidos em S. Sebastião, sete filhos.

7—1. D. Ignez de Oliveira Leite, casou com o capitão Julião de Moura Negrão que existe em 1774 actualmente capitão-mór por patente régia, filho do coronel Salvador Ferreira de Moraes, natural do Rio de Janeiro, e de D. Maria Gomes da Costa, sobrinha direita do padre Manoel Gomes Pereira. E teve tres filhos.

8—1. D. Ignacia Gomes de Moraes, mulher do sargento-mór Manoel Dias Barbosa.

8—2. D. Maria Pinheiro de Oliveira,foi casada com o capitão de infantaria Francisco Aranha Barreto, commandante da praça de Igaitemî em 1773. Sem geração. (*Falleceu em major commandante da praça de Santos em 1794.)

8—3. Julião de Moura Negrão, casou com D. Ignez Gomes de Moraes, filha do coronel Manoel Alves de Moraes de Navarro.

7—2. D. Ignacia Pinheiro, mulher do capitão Domingos Borges da Silva, natural de S. Sebastião,filho de Antonio da Silva Borges, morador do Rio de Janeiro, e de Fabiana Ortiz, de S. Sebastião. Com geração.

7—3. D. Monica Pinheiro, foi casada com Matheus Barbosa de Carvalho, natural da Nova Colonia. Com geração.

7—4. D. Maria Leite, mulher de Domingos Lopes de Azevedo, filho do sargento-mór João Nunes de Freitas, e de sua mulher D. Catharina Pedroso de Moraes, irmã do coronel Manoel Alves de Moraes. Com geração.

7—5. Jordão Homem Pedroso, casou em S. Sebastião com Anna Pedroso de Moraes, filha do sargento-môr João Nunes de Freitas, e de sua mulher D. Catharina Pedroso, acima. Com geração entre os quaes :

8—1. D. Beatriz.

8—2. D. Maria.
8—3. Daniel.
8—4. D. Catharina.
8—5. D.

7—6. Sebastião Pinheiro Leite, casou em S. Sebastião com D. Barbara Moreira, filha do coronel Manoel Alves de Moraes, e teve :

8—1. João.
8—2. Ezequiel.
8—3. D. Maria.

7—7. João Pinheiro Leite. Falleceu estudante.

6—3. Antonio de Faria Sodré, casou com Veronica da Gaya Moreira, filha de Antonio da Motta Moreira: em titulo de Gayas. E teve :

7—1. João de Faria Sodré, casou com D. Anna Maria Furtado de Jesus, filha do capitão Pedro Furtado, e de sua mulher ......, natural de Taubaté, moradores de Ubatuba. Com geração.

7—2. Leonardo de Faria Sodré, casou com Maria Josepha, filha de Antonio Homem Coutinho, e de Domingas de Freitas. Com geração.

7—3. D. Angela de Gaya, casou com Antonio Corrêa Mazagão, filho de Francisco Gonçalves Souto, e de Isabel Nunes Corrêa. Com geração.

7—4. D. Ignez de Oliveira, casou com Manoel Dias Cardoso, filho de Antonio Fernandes e de sua mulher Paula Dias. Sem geração.

7—5 e 7—6. D. Barbara e D. Catharina, falleceram solteiras.

5—8. D. Veronica Dias Raposo, casou com Miguel Gonçalves Martins, como consta do testamento da dita Veronica Dias, que falleceu a 21 de Fevereiro de 1723, o qual

se acha no cartorio de S. Sebastião no maço segundo dos inventarios. E teve tres filhos:

6—1. D. Francisca Leite de Escobar, casou com... (* Aqui diz Taques que se veja o seu liv. E' de notar que desde o n.° 57 foi escrito nas margens, e em supplemento, e por isso vai succintamente.)

E teve:

7—1. D. Martha Leite, casada com Sebastião Ribeiro, filho de Pedro Homem Coutinho,e de Senhorinha Ribeiro, da familia do Deão Gonçalves de Araujo por Freitas, que era tio da dita Senhorinha Ribeiro.

7—2. D. Maria de Abreu Pedroso, casou com Simão de Goes, filho de Bernardino de Goes, e de Maria da Motta Moreira. Com geração.

7—3. João de Moura, casou com Theresa Cardoso, filha de Antonio Homem Coutinho, e Domingas de Freitas, acima. Com geração.

5—9 D. Isabel Paes da Silva. Falleceu no anno de 1736, e foi casada com Manoel André Vianna, o qual falleceu com testamento a 20 de Fevereiro de 1739, e era natural da Villa do Rio de S. Francisco, filho de Pedro Gonçalves Vianna, e de sua mulher Francisca André. (Cartorio da Ilha de S. Sebastião,maço 1.° de Inventarios.) E teve duas filhas.

6—1. D. Maria de Abreu Pedroso, que foi casada com Gaspar Ferreira de Moraes, irmão direito do capitão-mór Julião de Moura Negrão. Com geração.

6—2. D. Francisca Leite de Escobar, que foi casada com Bento de Oliveira Souto, irmão direito de Francisco Gonçalves Souto, e do P. M. Fr. Antonio Godinho, que foi provincial dos capuchos da provincia do Rio de Janeiro. Sem geração, porem adulterando teve nascido no Rio de Janeiro o filho João Leite da Silva de Escobar,

que está casado com D. Anna Gabriel de Menezes Camara e Vasconcellos. Sem geração.

5—10. D. Catharina de Oliveira Cotrim, que foi casada com o capitão Marcos Soares de Faria, natural da villa de Barcellos. E teve :

6—1. Lopo Soares de Faria.

6—2. Marthias Soares de Faria.

6—3. Jorge Soares de Faria.

6—4. José Soares de Faria.

6—5. Diogo Soares de Faria.

6—6. D. Leonor Soares, casou com João Nunes das Neves.

6—7. D. Maria, casada com José Barbosa da Silva, capitão da ordenança de Ubutuba em 1768.

5—11. D. Antonia Requeixa de Peralta, foi casada com Salvador Nunes, e falleceram e S. Paulo. Sem geração.

5—12. D. Leonor Corrêa de Abreu, que foi casada na cidade de S. Paulo com José Dias da Silva, natural e cidadão da mesma, onde serviu os cargos da sua republica ; irmão direito de Pedro Jacome Vieira, que obteve sentença de puritate et nobilitate em 1694, proferida em S. Paulo pelo bispo D. José de Barros de Alarcão ; filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Maria da Silva, ambos naturaes de S. Paulo; e ella irmã direita do capitão-mór povoador, e fundador da villa da ilha de Santa Catharina, Francisco Dias Velho, para onde sahiu de S. Paulo a fundar esta villa a 18 de Abril de 1662. Neto por parte paterna de Domingos Machado Jacome, natural da Ilha Terceira (filho de Pedro Jacome Vieira, e de sua mulher Antonia Machado de Toledo, da dita Ilha Terceira; filha de Ignacio de Toledo Machado, e de sua mulher Maria Fernandes, chamada a rica. Em titulo de Machados, da Ilha Terceira), e de sua primeira mulher D. Catharina de

Barros, natural de S. Paulo, filha de D. Jorge de Barros Fajardo, natural de Ponte Vedra do reino de Galiza, que falleceu em S. Paulo com testamento em 1615, e de sua mulher D. Anna Maciel, natural da Villa de Vianna do Minho, donde já veio casada para S. Paulo, em companhia de seus irmãos e irmãs com seus pais João Maciel, e Paula Camacho. Da transmigração d'este João Maciel para o Brasil e da qualidade de sua nobreza consta por documentos e certidões genealogicas, no juizo do civel da côrte de Lisboa, em uns autos de justificação de Domingos Antunes Maciel,processados no anno de 1756 no cartorio das habilitações do reino(Cartorio de orph. da cidade de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra C. n.º 46 o de Catharina de Barros, que falleceu com testamento a 9 de Setembro de 1667. E maço 2.º da letra I, inventario de D. Jorge de Barros Fajardo.) E pela parte paterna é neto o dito José Dias da Silva de Francisco Dias, que falleceu no sertão em 1645; filho de Pedro Dias, que foi leigo jesuita, vindo para S. Paulo no principio da sua fundação ; e lhe foi relaxado o voto pelo P. geral S. Ignacio para effeito de poder casar com a filha do cacique Teveriçá que depois se chamou Martim Affonso de Sousa, e sua filha tomou o nome de Maria da Grã em obsequio do P. Luiz da Grã, jesuita, que a baptizou. Por morte d'esta, casou segunda vez Pedro Dias com Antonia Gomes da Silva, natural da cidade de Braga, d'onde tinha vindo solteira com seus irmãos Simão Alves,Maria Affonso,Francisco Fernandes, e Isabel Gomes,na companhia de seus paes Pedro Gomes, e Maria Affonso, ambos naturaes de Braga, e um dos casaes, que subiu a serra de Paranãapiacaba. E d'este segundo matrimonio teve Pedro Dias a Francisco Dias, que falleceu no sertão no anno de 1645 estando casado com Custodia Gonçalves, que falleceu em S. Paulo

com testamento a 5 de Fevereiro de 1681, a qual foi filha de Helena Gonçalves e de seu primeiro marido N. Penida; e esta Helena Gonçalves casou segunda vez com...... que estava viuvo de sua primeira mulher Antonia Gomes da Silva, a qual tambem estava viuva do seu primeiro marido dito Pedro Dias. (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra F. n.º 17 o de Francisco Dias. E maço 1.º letra C. n.º 34 o de Custodia Gonçalves:) Foi este Pedro Dias da governança da terra, servindo repetidas vezes os cargos d'ella, e de juiz ordinario, como se vê nos livros e cadernos antigos do archivo da camara de S. Paulo, e falleceu com testamento a 10 de Novembro de 1590, declarando n'elle, que primeiro casára com Maria da Grã, filha do cacique Taveriçá, e segunda vez com Antonia Gomes, filha de Pedro Gomes, e de sua mulher Maria Affonso, (Cartorio 1.º de notas de S. Paulo, caderno de notas, titulo Dezembro de 1590, fl. 10.)

Do matrimonio de D. Leonor Corrêa de Abreu, e José Dias da Silva nasceram em S. Paulo nove filhos.

6—1. Estevão Raposo da Silva, que occupou os cargos da republica como cidadão de S. Paulo, e tendo sido casado com sua parenta Joanna Corrêa da Silva, não teve filhos: ella falleceu em Pindamonhangaba sua patria, e elle em Villa Boa de Goyazes.

6—2. Pedro Dias Leite, falleceu solteiro.

6—3. Francisco Dias, falleceu solteiro nas minas do Maranhão, capitania de Goyazes.

6—4. João Leite da Silva, falleceu no passo do rio Iguatemy, no assalto que lhe deu o formidavel corpo do gentio montêz, estando elle esperando conducta para passar á villa de Curamatim para d'ella ir a cidade do Paraguay com uma carregação de ouros lacrados, e peças de

diamantes e topasios, em cujo negocio interessava D. Francisco Sanches Franco, castelhano europêo, que residia na dita cidade, e tinha para o ingresso d'este contrabando as circumstancias do vinculo da alliança com o secretario d'aquelle governo, que era seu cunhado, e com esta infelicidade se mallogrou a negociação, que a ser felizmente introduzida, ficaria por este modo facilitado o meio de correspondencia entre os moradores de S. Paulo e da cidade do Paraguay. Foi João Leite da Silva muito estimado pelas suas excellentes qualidades, e foi cidadão de S. Paulo e fiscal da real casa da fundição.

6—5 Ignacio Dias Paes. Foi sargento-mór da comarca de Villa Boa de Goyazes, onde foi um dos seus primeiros juizes ordinarios. Falleceu nas minas novas de Thesouras, indo a ellas fazer partilha das terras mineraes. Foi casado com D. Joanna de Gusmão, natural da villa de Parnahyba: filha de Bartholomeu Bueno da Silva, capitão-mór regente e superintendente com jurisdicção no crime e civel das minas de Goyazes, das quaes tinha sido o seu descobridor com concurso de seu genro o guarda-mór João Leite da Silva, e de sua mulher D. Joanna de Gusmão ; em titulo de Buenos ; e n'este de Lemes, cap. 5° § 5° n, . E teve dez filhos.

7—1 José Dias Paes. (*Passou-se de Villa Boa de Goyazes para o Cuyabá onde vivia até o anno de 1792 e alli tinha casado com D. Anna Theresa de.......)

7—2 Alexandre de Gusmão da Silva Leite, soldado dragão de Villa Boa. Passou-se para o Cuyabá no anno de 1786 ou 87, casado, e situou-se com roça, e tem geração.

7—3 Ignacio Dias Paes, soldado dragão de Villa Boa.

7—4 Antonio Bueno de Gusmão, soldado dragão da mesma capitania.

7—5 Manoel Dias Paes, solteiro.

7—6 João Leite da Silva, solteiro.

7—7 Francisco Dias Paes. Vivia em companhia de seu irmão José Dias Paes, no Cuyabá, d'onde passou em mesma companhia para o Rio de Janeiro a concluir os seus estudos e ordenar-se ; o que com effeito conseguiu, e retirou-se presbytero para o Cuyabá em 1798.

7—8 D. Leonor Corrêa de Abreu, existe solteira no Cuyabá em companhia de seu irmão José Dias Paes.

7—9 D. Anna de Gusmão, casada com João Gaude Ley, alferes da companhia de soldados ventureiros da Villa Boa, natural da villa de Paraty.

7—10 D. Violante Barbosa de Gusmão, casou com Manoel Nunes de Brito Leme, filho do capitão Manoel Nunes Barbosa, natural da villa de Guaratinguetá, republicano de Villa Boa onde tem servido os cargos da republica e foi d'ella juiz ordinario. Manoel Nunes de Brito Lemes, tenente de auxiliares da villa do Cuyabá falleceu alli no anno de 1794, casado segunda vez com D. Custodia.

6—7 D. Theresa Corrêa da Silva Leite, foi casada com seu parente Bento de Barros Fajardo, natural de S. Paulo, e na matriz d'ella a 26 de Agosto de 1702 ; filho de Ignacio Vieira, e de sua mulher Maria Rebello. E teve quatro filhos naturaes de S. Paulo.

7—1 Ignacio Vieira Barros, existe na villa de Pitanguy.

7—2 José Manoel Vieira Barros, casou com....... filha de José de Aguirre.

7—3 Bento Vieira de Barros Fajardo, solteiro.

7—4 D. Anna Theresa de Barros, solteira em Villa Boa.

6—8 D. Maria Leite da Silva, que existe n'este anno de 1766, viuva de José Alvares Fidalgo, natural da villa de Freixo de Espada a Cinta, em cuja matriz foi baptizado

a 22 de Fevereiro de 1677, filho de João Fernandes Fidalgo e de sua mulher Catharina Alvares, como vimos da certidão de banhos em fórma passada pelo reverendo Dr. Francisco Pereira Lima, capellão fidalgo de Sua Magestade, vigario geral, juiz dos casamentos, etc. da comarca da Torre de Moncorvo a 11 de Novembro de 1733. O dito José Alvares Fidalgo, foi irmão inteiro do padre José de Faria, capellão da collegiada da villa de Freixo, onde justificou e provou o seguinte, de que se lhe passou instrumento de nobilitate, que se acha registrado na camara da cidade de S. Paulo, no livro de registro geral pelo escrivão João da Silva Machado no anno de 1764: Que era filho de João Fernandes Fidalgo, pessoa da governança da villa de Freixo por si e seus avós, e de sua mulher Catharina Alvares, ambos naturaes da dita villa. Neto por parte paterna de Manoel Rodrigues, pessoa da governança da terra, e de sua mulher Maria Fernandes Fidalgo, ambos de Freixo. E pela materna, neto de Francisco Alvares, natural da villa de Almendra, pessoa de tratamento e nobreza, com fazendas proprias e moradas de casas de sobrado; e de sua mulher Leonor Foão, natural da villa de Freixo. O que tudo consta melhor do instrumento de abonação mencionado, cujos autos foram processados em 1730 pelo escrivão da villa de Freixo Valentim Varejão Pimentel, sendo juiz de fóra o Dr. Diogo Guedes de Siqueira, que proferiu a sua sentença a 9 de Dezembro do anno de 1730, de que se passou instrumento em 12 de Abril de 1734, justificado em Lisboa por India e Mina pelo Dr. Gonçalo José da Silveira Preto. Falleceu o dito José Alvares Fidalgo, em Villa Boa de Goyazes, tendo sido cidadão da cidade de S. Paulo, em cuja camara tinha servido os cargos d'ella. E teve nascidos em S. Paulo nove filhos.

7—1 João Leite Alvares Fidalgo, casou na matriz de

Villa Boa de Goyazes com D. Brites Leonor do Amaral Coutinho, filha do coronel Francisco do Amaral Coutinho e de sua mulher D. Catharina Leonor de Aguiar, de quem fazemos mais larga menção n'este mesmo titulo e § 5º nos filhos do n. 2—5 ao n. 3—7. D. Potencia Leite, mulher de Manoel Carvalho de Aguiar.

7—2 José Alvares da Silva, que mallogrando os estudos que teve de grammatica latina e philosophia, em que tomou o gráo de mestre em artes, não quiz seguir o estado de sacerdote, e se conservou solteiro n'este anno de 1766 em Villa Boa de Goyazes para onde passou.

7—3 D. Quiteria Bellisarda da Silva Leite, foi casada na matriz de S. Paulo com Francisco Angelo Xavier de Aguirre, natural e cidadão de S. Paulo, onde tomou o gráo de mestre em artes, e depois por letras apostolicas o de doutor em theologia e em direito canonico e civil. Viuvando se ordenou de clerigo, e existe vigario da villa de Paraty este anno de 1766 : filho de Fernando de Aguirre do Amaral e de sua mulher Maria de Lima de Siqueira; em titulo de Aguirres, e em titulo de Moraes, ou em titulo de Barbosas Limas. E tem varios filhos varões e filhas já casadas na matriz de Villa Boa de Goyazes.

7—4 D. Leonor Jacintha Alvares Fidalgo, falleceu solteira em 1744.

7—5 D. Catharina Alvares Fidalgo, que existe viuva de Bento do Amaral da Silva, cidadão de S. Paulo, que foi morto por um facinoroso homisiado a quem ia prender, sendo juiz ordinario da cidade de S. Paulo, como temos referido em titulo de Taques Pompêos, § 3º do n. 2—1 a n. 3—5 ao n. 4—2.

7—6 D. Maria Violante, casou em Villa Boa de Goyaz com Fernando José Leal, sargento-mór das ordenanças

da cidade de S. Paulo,por patente de D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão general da capitania de S. Paulo.

7—7 D. Anna do O' da Silva Leite, casou na matriz de Villa Boa de Goyaz com Belchior da Silva, natural da villa de Vianna do Minho.

7—8 Francisco Xavier Alves, fidalgo, existe solteiro.

7—9 D. Escolastica Maria da Silva Leite, existe em S. Paulo, solteira, na companhia de sua mãi, este anno de 1766.

6—9 D. Roza Maria da Silva, casou na matriz de S. Paulo com José Bonifacio de Andrade, natural da villa de Santos, que passando para a universidade de Coimbra, estudou medicina, e n'esta faculdade se formou, foi medico de grande nota, e do presidio da praça de Santos, filho de José Ribeiro de Andrade, coronel das ordenanças das villas de S. Vicente e Santos, e de sua mulher D. Anna da Silva Borges, natural de Santos, irmã direita do padre mestre Fr. Boaventura, que sendo religioso franciscano, se passou para carmelita, e de fr. Manoel da Purificação, tambem carmelita, e outros. Foi o dito Dr. José Bonifacio, irmão direito do reverendo Dr. Thobias Ribeiro de Andrade, que acabou thesoureiro-mór da Sé de S. Paulo, no anno de 1747, um dos maiores theologos, que teve o bispado todo, ainda comprehendendo as religiões que ha n'elle. Viuvando, se ordenou de clerigo o dito Dr. José Bonifacio de Andrade, e falleceu na villa de Santos sua patria com geral sentimento dos que ficaram experimentando a sua falta, por se ter constituido um medico de grande experiencia e igual sciencia. E teve do seu matrimonio filha unica.

7— D. Maria, que tendo bexigas em tenros annos, perdeu os olhos a effeitos do veneno d'esta maligna enfermidade : existe.

4—4 D. Lucrecia Leme, (filha de D. Isabel Paes da Silva do n. 3—7, e de seu segundo marido o capitão Simão Ferreira Delgado), casou com José de Godoy, natural de S. Paulo, e nasceu a 14 de Abril de 1753, que depois de viuvo se ordenou na cidade da Bahia de presbytero de S. Pedro, e ficou morando na mesma Bahia, onde na villa da Cachoeira teve oppulentas fazendas de fabricas de tabaco, de que testou um grande cabedal; foi filho de Gaspar de Godoy Moreira e de sua segunda mulher Anna Lopes; em titulo de Godoy § 3.º D. Lucrecia Leme falleceu em S. Paulo no anno de 1681, como se vê no cartorio de orphãos d'esta cidade no maço 1.º de inventarios, letra L n. 32, o de D. Lucrecia Leme. E teve filha unica nascida em S. Paulo.

5— D. Maria Leme das Neves, casou na matriz de S. Paulo, aos 8 de Abril de 1698, com Timotheo Corrêa de Góes, terceiro provedor proprietario, e contador da F. R. da capitania, que serviu por espaço de mais de 40 annos, sendo tambem juiz da alfandega da praça de Santos, e vedor da gente de guerra do presidio d'ella. Este paulista foi um dos grandes provedores, que teve a real fazenda no estado do Brasil, porque o zelo, e a inteireza foram virtudes inseparaveis da sua grande capacidade. Soube practicar a rectidão com a benignidade, sem jámais admittir alteração no animo, nem corruptibilidade á sua assás reconhecida limpeza de mãos, cujos relevantes serviços foram bem aceitos em todo o tempo do seu ministerio pelos superiores ministros da provedoria mór do Estado do Brasil, seus vice-reis, e pelos conselheiros do conselho ultramarino, a cujo tribunal enviava todos os annos relação da receita e despeza da sua provedoria. Foi bem instruido na grammatica latina, com claro discernimento, e igual esphera para toda a comprehensão. A capacidade

se lhe adiantou aos annos, de sorte que, antes de completar os 14 de idade, tomou posse do officio de provedor contador, e juiz da alfandega, que na sua menor idade serviram alguns sujeitos de bom nome, nomeados por sua mãi D. Angela de Siqueira, a quem a magestade do Sr. rei D. Affonso VI concedeu o honroso privilegio por seu alvará (Consta do registro da provedoria de Santos) datado a..... de 16.... de que durante a menor idade de seu filho Timotheo, herdeiro do officio de provedor, e contador da F. R., fosse ella D. Angela de Siqueira, quem nomeasse a pessoa, que houvesse de servir o dito officio, como se vê do mesmo alvará.

Mereceu Timotheo Corrêa de Goes conseguir um geral conceito, de que casára conservando ainda a virtude da continencia, que d'antes a não estragára para agora chegar ao thalamo sacramental com esta limpeza e pureza de costumes, contra o commum flagello a que se arrebata pelo ardor dos annos a concupiscencia. Ficou viuvo quando ainda o vigor dos mesmos annos o podiam conduzir ao aceitar um de tantos casamentos que se lhe propuzeram; porém a sua grande capacidade fez obviar todos os interesses de avultados dotes para não aceitar o jugo de segundas nupcias, que sempre foi errado lance aos que como Timotheo Corrêa tinha tantos filhos para educar sem o dissabor de terem por mãi uma madrasta. Com santa doutrina e perfeitas imagens de honra, e santo temor de Deus, creou e educou seus filhos de um e outro sexo, que por isso todos elles acreditaram ao depois estes documentos.

Entre algumas acções memoraveis acontecidas na capitania de S. Paulo no seculo decimo sexto, em que ainda a capitania se chamava de S. Vicente, por ser esta villa a primeira que fundou o donatario d'ella Martim Affonso de Sousa pelos annos de 1531, e era governada por capitães-

móres, sobordinados ao governador geral da Bahia com plena jurisdicção para proverem todos os officiaes de justiça e fazenda, e postos militares até o de mestre de campo, e ainda o de ouvidor da comarca; foi celebre o rompimento acontecido na villa de Santos poucos dias depois de haver tomado posse Timotheo Corrêa de Góes, e foi o caso.,

Estava D. Angela de Siqueira, mãi do provedor Timotheo Corrêa, já casada com Pedro Taques de Almeida, cavalleiro fidalgo da casa real, que tinha occupado o mesmo cargo de provedor contador, e juiz da alfandega por nomeação da propria mulher pelo privilegio que a ella tinha para isto concedido o Sr. D. Affonso VI; e d'antes tinha sido o sargento-mór pago da fortaleza da Vera Cruz da Itapêmma da praça de Santos, de cujo emprego passou a capitão-mór governador da capitania com soldo: em titulo de Taques § 3.º Foram de S. Paulo com grande roda de parentes acompanhar a Timotheo Corrêa, que ia tomar posse na villa de Santos da propriedade do seu officio de provedor e contador da F. real, e juiz da alfandega do porto d'aquella villa. Este acto teve effeito......... E por que estava chegada a festa da paschoa da ressurreição, se recolheram a S. Paulo; e o provedor deixou ao seu escrivão, que era.............................. com commissão para despachar as cargas, que viessem para a casa da alfandega, na forma do regimento da fazenda. Estando já todos em S. Paulo, entrou no porto de Santos uma embarcação, vinda da cidade do Rio de Janeiro, e os moveis, que entram para o despacho da alfandega, pagam por marco 480, que se distribuem com igualdade pelo juiz, escrivão e meirinho da dita alfandega. Pertencia a um José Pinheiro, homem casado e morador da villa de Santos. (Este veio a ser sogro de Manoel Gonçalves

de Aguiar, que sendo sargento-mór da comarca com 80$ de ordenado, conseguiu ter jurisdicção na infantaria do presidio d'aquella praça, acabou com patente de tenente general ad honorem, e foi pessoa de tratamento, cabedaes, e respeito, que encapellou os bens a capella de Nossa Senhora das Neves, cuja administração e herança do usofructo d'estes bens, que se compoem de moradas de casas, numerosa escravatura, e fazendas copiosas de gados vaccuns nos campos geraes da Coritiba, deixou a D. Maria Gomes Palheira, mulher do Dr. Gaspar da Rocha Pereira, que tinha sido juiz de fóra, orphãos, e provedor dos ausentes, da mesma villa de Santos, e acabou intendente da real casa dos quintos de Minas Geraes na comarca do Rio das Mortes. (uma caixa, por cuja marca devia pagar os 480 rs. como fica referido.)Considerando José Pinheiro, que o novo provedor, e juiz da alfandega era um menino pelos seus poucos annos, e se achava ausente em S. Paulo, com resolução de despotismo tirou a caixa, que pelo seu limitado volume podia caber debaixo do braço, e não quiz pagar os 480 rs. D'este procedimento deu o escrivão conta ao provedor Timotheo Corrêa de Goes, e considerada esta acção com as circumstancias que se deviam acautelar para o futuro, por sua mãi D. Angela de Siqueira, que pela sua grande prudencia e capacidade podia ter voto na materia, e tomando a si as providencias do caso seu padrasto o capitão mór Pedro Taques de Almeida, mandou o provedor ao escrivão e meirinho, que recolhessem á enxovia da cadêa de Santos ao culpado José Pinheiro. Executou-se a ordem, porém o preso era protegido de seu compadre Diogo Pinto do Rego, pessoa da maior autoridade d'aquella villa (n'ella se achava casado, e estabelecido com grandes cabedaes, e applaudido de igual respeito, não só pela distincta qualidade e nobreza, mas tambem revestido dos merecimen-

tos de ter sido capitão-mór governador da capitania, em cujo posto tinha vindo provido por Sua Magestade, a quem havia servido nas tropas das fronteiras do reino, por patente datada em 2 de Janeiro do anno de 1677, de que fazemos larga menção em titulo de Guerras), que arrebatado para a protecção não discorreu no attentado, que executava. Foi em pessoa á cadêa, e mandou ao carcereiro d'ella, que abrisse as portas do carcere, e pozesse em liberdade ao preso José Pinheiro, que o mandou para casa.

Este procedimento assáz escandaloso pelo despotismo, accendeu os animos não só do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, em attenção ao seu enteado o provedor Timotheo Corrêa, mas aos parentes do mesmo provedor, entre os quaes eram os irmãos de seu avô materno os mais poderosos e potentados, como Fernão Paes de Barros, Pedro Vaz de Barros, Antonio Pedroso de Barros, e outros, que unidos faziam uma grande roda. Entre todos se considerou com seria reflexão o ponto, e se assentou, que o provedor, como de tenros annos, não ficava bem, se esta injuria se supportasse sem a necessaria demonstração de justiça, que merecia a culpa commettida. Determinaram que passada a festa da paschoa, baixasse o provedor a Santos, acompanhado do proprio padrasto, e parentes de autoridade, que lhe sustentassem a jurisdicção, e o respeito, e fossem castigados os réos conforme o direito.

D'esta determinação teve promptos avisos o capitão-mór Diogo Pinto do Rego, que discorrendo lhe ficava abandonado o respeito e autoridade, tomou a resolução de declarar-se com animo constante a sustentar um rompimento, sem lhe embaraçar as circumstancias funestas, que se originavam do seu inconsiderado desacordo. As casas da sua morada, que eram de sobrado com quatro salas de largura, tinham a frente para a rua, que corre do Carmo até

o lugar a que chamam Quatro Cantos, e os fundos acabavam no Campo da Misericordia em lugar aberto e raso, que se estende até o sitio das fraldas do Montserrate, onde hoje se vê a fonte do Sororôo, obra do governador Manoel Gomes Barbosa, que serve com suas excellentes, e diureticas aguas para remedio e pasto de todos os moradores. N'ellas se fortificou o capitão-mór Diogo Pinto, fazendo abrir nas paredes da frente, e dos fundos varias troneiras, em que introduziu arcabuzes para disparar quando os paulistas intentassem cercal-o. Forneceu-se de todo o necessario com agua e mantimentos para sustentar um largo assedio, cuja demora servisse de total remedio para os contrarios levantarem o sitio, e retirarem-se com a injuria de não conseguirem o menor effeito. Sendo recolhido a esta casa forte muita polvora e bala, com fartura de viveres, e sustento de carnes seccas, e tudo quanto discorreu poderia carecer sem necessidade de abrir as portas para fornecer-se da praça ; chegando os avisos do dia certo em que o provedor com as armas do seu grande partido, estaria na villa de Santos, se recolheu Diogo Pinto do Rego a sua nova Olivença, com sua filha herdeira D. Anna Pinto da Silva, com todos os seus apaniguados, mulatos escravos e pretos, de que tinha numero grande, e homens seus aggregados, destros na pontaria das escopetas e arcabuzes, e com o réo José Pinheiro seu compadre, causa total d'esta indiscreta resolução, cuja teima, não como filha do valor, sim como producto da barbaridade, pode vir a acabar em funesta ruina ; em muito mais quando o dito capitão-mór cego, e surdo aos ecos de tantos amigos, parentes e religiosos, que lhe aconselhavam outro meio decoroso ao seu respeito, para tranquillidade da paz, em que já trabalhavam os interessados d'ella, se conservava teimoso a não ceder do destinado projecto, ou

para vencer com elle sustentando o cerco, ou para acabar a vida com todos os fortificados, se os contrarios por força d'armas, e multidão de gente o conseguissem.

Não se ignorava em S. Paulo a constante resolução do capitão-mór Diogo Pinto do Rego, e o fim que pretendia, fortificado em suas casas proprias, só por não sujeitar a prisão do seu companheiro José Pinheiro, a quem tinha posto em liberdade, com injuria da jurisdicção do provedor, que o havia mandado prender na cadêa publica d'aquella praça. Sem embargo da contingencia de vir a ficar bem, ou mal o provedor Timotheo Corrêa, por si, e com o partido de seu padrasto, tios, parentes e amigos poderosos em armas, e copioso numero de indios administrados, sahiu de S. Paulo um troço de mais de 500 homens, com um trem que formava na estrada e caminho de Santos um corpo de mais de mil pessoas. As primeiras eram o provedor Timotheo Corrêa na companhia de sua mai D. Angela de Siqueira e seu padrasto o capitão-mór Pedro Taques de Almeida com uma guarda de mais de 100 homens armados, Fernão Paes de Barros, com seus irmãos Pedro Vaz de Barros, Antonio Pedroso de Barros, que eram tios do provedor, por serem irmãos inteiros do capitão de infantaria Luiz Pedroso de Barros, de quem era filha D. Angela de Siqueira, mãi de Timotheo Corrêa de Goes ; os briosos Pires Almeidas, como sobrinhos direitos do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, e eram elles Francisco de Almeida Lara, João Pires Rodrigues de Almeida, José Pires de Almeida, e Salvador Pires de Almeida e Pedro Taques Pires. A este corpo fazia grande numero de homens de valor, e resolução os sobrinhos direitos de D. Angela de Siqueira, Luiz Pedroso de Almeida, Antonio Pompêo Taques, José Pompêo de Almeida, Maximiano de Goes e Siqueira, Lourenço Castanho Taques, todos ir-

mãos. Avultava entre tanta gente o soccorro das armas, que marchavam a custa do grande Guilherme Pompêo de Almeida, escolhidos soldados da melhor nobreza da villa da Parnahyba, debaixo do commando do capitão-mór Pedro Frazão de Brito, filho do commendador Manoel de Brito Nogueira cunhado do capitão-mór Pedro Taques de Almeida, por sua mulher D. Anna de Proença, irmã direita do dito capitão-mór. Todos estes paulistas eram capazes para uma facção digna de credito, se o valor de cada um d'elles se houvesse de disputar em batalha contra inimigos da corôa: porém n'esta occasião a mesma vaidade se quiz acreditar n'esta ostentação para fazerem ver ao capitão-mór Diogo Pinto do Rego com todos os do seu partido, que Timotheo Corrêa de Goes, ainda que menino nos annos, tinha parentes para lhe sustentarem o respeito pelo caracter, que tinha de ministro da Magestade como provedor da sua real fazenda.

Chegou em fim ao porto do Cubatão este grande troço de armas, e embarcaram para a villa de Santos no espaço de tres dias, com tres noites, as pessoas principaes d'elle, seguindo o caminho de terra pela villa de S. Vicente, por cuja estrada se recolheram a Santos todo o mais corpo de soldados e trem. Formaram-se barracas cobertas de palha ao pé do Montserrate, que seguiram a figura de tres linhas, que principiavam a estender-se do lugar e sitio, que hoje é a fonte do Sororôo até a fonte de S. Jeronimo em comprimento de tiro de mosquete. Este acampamento tinha a frente para os fundos da casa forte do capitão-mór Diogo Pinto do Rego, que com o animo bellico, posto que menos catholico, tinha a sua casa forte disposta com barris de polvora, para no caso de se ver rendido antes d'este vencimento fazer dar fogo a tudo, arrasarem-se casas, e todos quantos n'ella estivessem, com estrago geral

de todas as vidas. Forte barbaridade! Os moradores da villa de Santos que estavam scientes d'esta indisculpavel resolução, sentindo o futuro damno alheio e proprio, procuraram pelos religiosos da maior autoridade capacitar ao capitão-mór Diogo Pinto do Rego, com a certeza de já estar o partido do provedor Timotheo Corrêa acampado, que desistisse da sua teima entregando o réo José Pinheiro e não quizesse arruinar-se a si, a sua casa e familia, e mais parentes do seu sequito. A todas as ponderações catholicas, e filhas da honra, do temor de Deus, e da obediencia de bom vassallo as leis do soberano, se ensurdecia Diogo Pinto do Rego. O provedor, com todos os do seu partido, o capitão-mór Pedro Taques, seu padrasto, D. Angela de Siqueira sua mãi, tios, parentes e amigos da maior autoridade, tambem não cediam, protestando que o réo José Pinheiro havia de ser conduzido a cadêa, e posto na mesma enxovia de d'onde o tirára Diogo Pinto, e sem este procedimento era impraticavel qualquer outra providencia n'este caso.

Eram passados tres dias sem o menor effeito das embaixadas em que andavam os religiosos de Nossa Senhora do Carmo, de S. Francisco, e da companhia de Jesus, com as pessoas da maior autoridade, e respeito da villa de Santos, de uma para outra parte. Todo o troço, e corpo de soldados se achava postado no campo do Sororôo, na forma referida, porém sem acção de avançada, nem outro algum movimento d'armas. Reconheciam o partido desigual pela fortificação em que se achava Diogo Pinto do Rego, e com a casa toda minada de barris de polvora; e nem se animavam a chegar em distancia, que as armas dos sitiados empregassem os tiros com pontaria certa, e seguro emprego contra as vidas dos contrarios. N'esta inacção occorreu o remedio a Domingos Dias da

Silva, primo irmão por affinidade do provedor Timotheo Corrêa, e irmão direito do preceptor Corrêa, que das cadeiras de Coimbra foi recolhido a casa da supplicação pelos annos de 1709, e acabou conselheiro ultramarino, substituindo o lugar de presidente d'este tribunal, depois da morte do conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora a 14 de Novembro de 1726 ; e ambos eram naturaes de S. Paulo. Domingos Dias da Silva andando de passeio, entrou no forte, que ainda hoje existe pegado ao collegio dos PP. jesuitas, e vendo n'elle nove peças de artilharia de grosso calibre, cavalgadas em carretas, recolheu-se com a sua premeditada idéa, e d'ella deu conta a seu tio o capitão-mór Pedro Taques de Almeida, que aprovando-a, para logo puxou por um corpo de 100 homens indios de serviço, e as costas d'esta gente, descavalgadas as peças, as fez conduzir e tambem as carretas ; e assestando esta artilharia na frente do abarracamento com pontaria para a casa forte, que de antes era segura fortaleza ao partido do capitão-mór Diogo Pinto. A este se mandou um aviso por ultimo desengano com a proposta de que ou entregar o réo José Pinheiro para ser castigado a proporção do attendado commettido, ou dar-se fogo a toda a artilharia, e arrasar-se a casa com ruina de todas as vidas dos sujeitos fortificados n'ella. N'este lance reconheceu Diogo Pinto a sua inadvertencia, que lamentava com injuria da sua disciplina militar, tendo tanta experiencia da guerra adquirida no tempo que em as fronteiras de Portugal tinha, com distincta honra, occupado o ardor dos annos. Concorria muito para lhe capacitar o animo o zelo dos religiosos interessados a evadir uma total ruina com o estrago de tantas vidas e fazendas. Persuadiu-se como catholico, e rendeu-se como vassallo temente, e obediente a jurisdicção dos ministros do rei.

Entregue o réo José Pinheiro foi mandado recolher a enxovia da mesma cadêa, da qual tinha sido posto em liberdade pelo arrojo da inconsideração; carregando um grosso grilhão de ferro, que se lhe mandou deitar nos pés, Este castigo só durou o espaço de duas horas, no fim das quaes mandou o provedor pôr em liberdade ao preso para que se recolhesse solto para sua casa. O capitão-mór Diogo Pinto protestou toda a boa harmonia, e que a fazia praticar com os creditos da amizade, que o ardor de um lance arrebatado o tinha feito apartar d'ella, tendo-a estabelecido com o capitão-mór Pedro Taques de Almeida desde o tempo do seu casamento com D. Maria de Brito e Silva, parenta em gráo prohibido com D. Angela de Siqueira, mãi do provedor Timotheo Corrêa. Celebrou-se esta reconciliação com o estrondo dos repiques dos sinos das torres e campanarios da villa de Santos,e na igreja dos reverendos carmelitas se cantou o *Te Deum* em acção de graças; e publicamente na mesma igreja se abraçaram uns e outros com demonstrações de não ficarem residuos, que fermentassem o menor incendio de futuro.

Todo este movimento pôz em respeito e autoridade a Timotheo Corrêa de Goes, com realce grande dos seus poucos annos. Continuou na administração do ministerio do seu officio, até que casando em 1698, como fica dito, fez total assento e residencia firme na villa de Santos, onde falleceu com geral sentimento d'aquelles moradores,e bem merecida saudade de seus irmãos e parentes de S. Paulo a...de.....de 1732. Foi filho de Sebastião Fernandes Corrêa, natural de Refoyos de Ponte de Lima, freguezia de S. Eulalia, primeiro provedor e contador da fazenda real, proprietario da capitania de S. Paulo por mercê do Sr. rei D. João IV no anno de 1664, em remuneração dos relevantes serviços; e de sua mulher D. Anna Ribeiro,

natural de S. Paulo (Cartorio de Orphãos da villa de Santos, maço de inventarios, letra S, o de Sebastião Fernandes Corrêa com testamento ; e falleceu n'esta villa a 27 de Junho de 1658) Em titulo de Freitas, § 2° n. 1—2. E pela parte materna, neto de Luiz Pedroso de Barros e de sua mulher D. Leonor de Siqueira, natural da cidade da Bahia; em titulo de Pedrosos Barros, § 5° no n.2 - 6 : neto de D. Luzia Leme.

E teve onze filhos nascidos na villa de Santos.

6—1 José de Godoy Moreira, herdeiro do officio de seu pai e avós, e foi quarto provedor e contador da fazenda real, proprietario, juiz da alfandega, auditor e vedor geral do presidio da praça de Santos, e conservador dos contratadores do sal e das balêas, foi familiar do santo officio, cuja medalha foi a que rompeu o véo a funebre impureza com que a maledicencia inimiga quiz offuscar a pureza de sangue do padre José de Godoy Moreira com a macula de infecto. Sempre abandonou os casamentos que se lhe propuzeram, e elevado da teima do seu genio acabou solteiro com idade de mais de sessenta annos, vindo por este modo a vagar para a corôa um officio de tanta autoridade, e dependencia que andava na casa desde o anno de 1644 como fica referido.

6—2 D. Lucrecia Leme, casou com Bento de Oliveira Leitão, da nobre familia d'este appellido, que teve origem na capitania de S. Paulo em Antonio de Oliveira, cavalleiro fidalgo e primeiro capitão-mór governador locotenente do donatario Martim Affonso de Sousa pelos annos de 1538, e de sua mulher D. Genebra Leitão de Vasconcellos, com quem veiu já de Portugal, para um dos nobres povoadores da villa de S.Vicente, que foi a primeira que fundou na sua capitania o dito donatario d'ella Martim Affonso em 1531. Sem geração.

6—3 D. Gertrudes de Araujo Leme, falleceu solteira.

6—4 D. Francisca de Siqueira e Araujo, existe em 1767 solteira, maior de cincoenta annos.

6—5 D. Angela Maria de Siqueira e Araujo, foi casada com Domingos Fernandes Fortes, na matriz de Santos, natural da Ilha Terceira. E teve dois filhos.

7—1 O padre Domingos de Siqueira e Araujo, presbytero de S. Pedro.

7—2 João Francisco Regis, que seguindo os estudos de grammatica e philosophia, tomou o gráo de mestre em artes, se conserva na capitania de Villa Boa de Goyazes, solteiro.

6—6 Francisco Xavier Corrêa, falleceu em S. Paulo, solteiro.

6—7 D. Leonor de Siqueira e Araujo, casou na matriz da villa de Santos, com o governador da praça d'ella João dos Santos Ala, cavalleiro professo da ordem de Santiago, e mestre de campo de um terço do presidio da cidade da Bahia. Não teve filhos.

6—8 D. Maria Leme, casou na matriz de Santos com José Galvão de Moura e Lacerda, moço fidalgo, capitão de infantaria da praça de Santos, natural da cidade de Lisboa, de onde tinha vindo em posto de ajudante da dita praça : falleceu de parto. E teve filho unico.

7—» José Pedro Galvão, que segue o real serviço.

6—9 Ignacio Xavier de Araujo, falleceu de bexigas, tendo acabado os estudos de philosophia do curso do padre mestre Nicoláo Tavares, no collegio de S. Paulo : mallogrou a morte as bem fundadas esperanças em que a todos tinha posto a grande viveza e engenho raro, com um memorião desmarcado de Ignacio Xavier de Araujo.

6—10 D. Isabel Caetano de Araujo, casou na matriz da villa de Santos com Diogo Pinto do Rego, cavalleiro fidalgo da casa real, mestre de campo dos auxiliares de S. Paulo, e proprietario do officio de escrivão da ouvidoria e correição da comarca da cidade de S. Paulo : em titulo de Guerras. E teve filha unica.

7—» D. Anna Maria Pinto da Silva, casou em S. Paulo com Antonio Fortes de Bustamante Sá Leme, doutor de capello e oppositor que foi ás cadeiras de Coimbra, de quem já temos tratado na descendencia do governador Fernão Dias Paes.

6—11 João de Goes e Araujo, existe tenente de infantaria do presidio da praça de Santos, casado em 1746 na matriz de S. Paulo com sua parenta D. Anna Ribeiro Pedroso Leite, filha de Antonio da Fonseca Paes e de sua mulher D. Maria Pedroso Leite : em titulo de Mirandas ou na geração de D. Leonor Leme, mulher de Simão Borges Cerqueira, moço da camara d'el-rei. E teve filhos.

7—1 D. Anna Euphrasia.
7—2 José Joaquim.
7—3 João de Goes.
7—4 Francisco Manoel.
7—5 D. Maria Joaquina.

4—5 D. Sebastiana Paes Leme, (filha de D. Isabel Paes e de seu segundo marido o capitão Simão Ferreira Delgado, do n. 3—7) casou com Antonio do Rego de Sá, natural da ilha de S. Miguel, em quem temos fallado retro no n. 4—2 de D. Potencia Leite, meia irmã d'esta D. Sebastiana Paes Leme, que falleceu em 1709 sem filhos, indo para a ilha de S. Miguel com seu marido.

4—6 D. Anna Ferreira Tourinho, falleceu solteira em S. Paulo com avançada idade, que passou de seculo. Ti-

nha sido tratada para casar com o capitão-mór Jeronymo Tavares de Arruda, irmão direito de Antonio do Rego de Sá, e não teve effeito este contrato, porque D. Anna Ferreira tinha feito eleição do estado de celibato. O grande cabedal, que tinha no cofre dos orphãos da cidade da Bahia, esta senhora como herdeira por seu pai de D. Maria Braz Reis, sua avó, outorgou procuração bastante geral, e especial a seu cunhado Antonio Corrêa de Sá para o receber na Bahia do juizo de orphãos : assim se verificou ; e como Antonio do Rego de Sá embarcou para a ilha de S. Miguel logo levou comsigo o grande cabedal de sua cunhada D. Anna Ferreira,e nunca jamais ajustou esta conta, que com o tempo e pela distancia se perdeu tudo, e falleceu Antonio do Rego com este encargo se não é que declarando-o em testamento, faltou a satisfação o seu testamenteiro, como actualmente assim acontece aos que deixam as restituições para seus testamenteiros cumprirem.

3—7 D. Potencia Leite,(filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5°) cuja infeliz morte, com todas as circumstancias d'ella, temos tratado em titulo de Taques Pompêos, § 1.° Segunda vez casou com Manoel Carvalho de Aguiar, irmão inteiro do capitão de infantaria Francisco Barbosa de Aguiar,cuja nobreza, seus empregos e brazão de suas armas,temos tratado em titulo de Moraes Antas, § 3°, na descendencia do n. 2—2 ao n. 3—5 para o n. 4 -5. E teve nascidos em S. Paulo quatro filhos.

4—1 João Carvalho da Silva Aguiar.

4—2 D. Isabel Barbara da Silva.

4—3 Manoel Carvalho de Aguiar.

4—4 D. Maria Leite, mulher do capitão-mór Manoel Bueno da Fonseca.

4—1 João Carvalho da Silva, cidadão de S. Paulo que occupou os cargos da sua republica, foi sargento-mór do

terço de auxiliares; teve as estimações que soube conseguir a sua docilidade, e a graduação do seu distincto nascimento. Possuiu os bens da fortuna, sem inveja aos opulentos do seu tempo; porém na variedade que o mesmo tempo costuma produzir, encontrou os effeitos do destino, que no Brasil anda annexo aos homens nobres pela desigualdade dos empregos para com o negocio e commercio augmentar-se a fazenda. Estimulado da grandeza do ouro das novas minas do Cuyabá, se dispôz com numerosa escravatura para a extracção do mesmo ouro; porém n'esta jornada a mais arriscada pelo precipicio das grandes cachoeiras, que ha nos rios d'esta navegação, voltou-se a roda a que chamamos da fortuna, e emborcando-se-lhe algumas canôas da sua conducta, lamentou antes de chegar ás minas, castigada a resolução que tomára de deixar o estabelecimento da patria para passar á minas ainda não estabelecidas no anno 1721. O golpe foi grande por ser muito avultado o prejuizo. Emfim chegou ao Cuyabá, onde a peste que ateou pelo veneno da innundação d'aquelles rios, que no tempo das aguas cobrem as suas dilatadas vargens, perdeu quasi todos os escravos, e se impossibilitou para com o serviço d'elles, lucrosos thesouros que o conduziram a aquelles sertões a custa de tão excessiva despeza, ricos de vida e tolerancia das incommodidades, além da contingencia dos assaltos dos barbaros gentios de diversas nações, a cujas forças tem perecido tantas vidas, quantos até hoje lamentam muitas casas, que se destruiram á violencia d'estes inimigos. Já n'este tempo era viuvo o sargento-mór João Carvalho de Silva, com a felicidade de não ter filhos, que lhe occupassem a memoria sobre o estado que lhes devia dar com correspondencia a qualidade d'elles. Casou na matriz de S. Paulo a 15 de Abril de 1697 com D. Maria Bueno, irmã

inteira de Manoel da Fonseca Bueno, cavalleiro da ordem de Christo, capitão-mór governador da capitania de S. Paulo : em titulo de Buenos, na descendencia do § 1º n. 2—8. Acabou-se-lhe a descendencia.

4—2 D. Isabel Barbara da Silva, casou com o mestre de campo Domingos da Silva Bueno: em titulo de Buenos, cap. 1º do § 4º n. 3—5, com sua descendencia.

4—3 Manoel Carvalho de Aguiar, foi cidadão de S.Paulo, onde muitas vezes occupou os cargos da republica, e o de juiz ordinario e orphãos. Falleceu no anno de 1752 na cidade de S. Paulo com avançada idade. Foi casado com D. Francisca da Silva Teixeira, que falleceu de bexigas no anno de 1731, natural da villa de Santos, filha do capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo : em titulo de Buenos, cap. 1º § 4º no n. 3—6. E teve dez filhos naturaes de S. Paulo.

5—1 D. Potencia Leite de Aguiar, casou tres vezes ; a primeira, com Raphael Carvalho. Sem geração. A segunda, com Braz Martins de Andrade, de quem teve filha unica, natural da villa de Santos, chamada D.......... que casou nas minas de Goyazes. A terceira vez casou na cidade de S.Paulo com o sargento-mór Antonio Sarmenha. Sem geração.

5—2 D. Maria da Silva Leite, que ainda existe em 1766 : casou duas vezes ; a primeira com Gaspar de Mattos, na matriz de S. Paulo a...de......de 17 natural da villa de Aguiar. O dito Gaspar de Mattos, foi filho de Sebastião de Mattos, natural do lugar de Parada, freguezia de Santiago de Sotela, e de sua mulher Isabel de Araujo, da freguezia de Nozedo, como consta do assento do seu casamento na matriz de S. Paulo ; e muito melhor nos autos de *genere* de seu filho o reverendo Dr. Bento Caetano, de quem abaixo fazemos menção ; e dos

autos de *genere* do padre Antonio Xavier de Mattos, ambos na camara episcopal de S. Paulo. Segunda vez casou D. Maria da Silva Leite na matriz da mesma cidade com José da Silva Ferraz, que acabou cavalleiro professo da ordem de Christo, cidadão de S. Paulo, onde occupou os cargos da republica, e foi juiz ordinario duas vezes : era irmão inteiro de Bernardo da Silva Ferraz, professo da ordem de Christo, que acabou tenente-general da capitania da Villa-Rica, que era casado com uma irmã do Exm. e Rmo. bispo de Ariopoli, D. João de Rixas, religioso benedictino da provincia do Brasil. E teve.

Do 1.º matrimonio.

6—1. D. Escolastica Maria de Mattos.

6—2. D. Francisca Xavier Maria de Mattos.

6—3. Bento Caetano Leite.

6—4. Gaspar de Mattos.

6—5. D. Maria Caetana da Assumpção e Mattos.

6—6. F. e F., que falleceram meninos de tenra idade.

Do 2.º matrimonio.

6—7. Antonio Bernardo da Silva Ferrão.

6—8. João José da Silva Ferrão.

6—1. D. Escolastica Maria de Macedo, casou na matriz de S. Paulo a . . de . . . . . . de 1730 com Manoel de Macedo, natural de . . . . . .

5—3. D. Isabel Ribeiro de Aguiar, existe em 1766, moradora da villa de Santos, foi casada com Antonio Gonçalves Figueira, natural da mesma praça. Pela carta patente, que teve de capitão de infantaria da ordenança dos moradores do sitio e barra da fortaleza da Bertioga, datada em

5 de Maio de 1729, registrada na secretaria do governo, e capitania de S. Paulo, no liv. 3.º do registro geral fl. 120 v. consta, que o dito capitão é das principaes familias da dita capitania, e que havia servido a S. Magestade em praça de soldado, e alferes de infantaria do terço, que se formou em S. Paulo no anno de 1689, do qual fôra mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e que por ordem real passára para o sertão e campanha do Rio Grande do districto de Pernambuco a castigar o barbaro gentio pelas mortes e insultos, que executavam contra os moradores d'aquelle vasto sertão, levando doze arcabuzeiros, dos mais destros no manejo das armas de fogo, seus escravos; e com elles acudiu em pessoa em todas as occasiões que se offereceram com grande valor, e igual obediencia. Que passando com o seu terço para o Rio Jaguariba, tendo o mestre de campo noticia, de que o gentio era muito numeroso, de sorte que bastava a multidão para se perder victoria, pela total desigualdade do campo inimigo; estendeu-se até a capitania do Ceará, que assás gemia opprimida dos mesmos barbaros, querendo a um tempo acudir com limitadas forças, onde era mais evidente o perigo, se viu precisado a dividir-se, e foi bastante esta necessidade para o gentio inimigo dar um assalto formidavel contra o nosso campo, em que victorioso matou soldados e escravos; porem, que com a valorosa resistencia do Alferes Antonio Gonçalves Figueira, que n'aquella occasião fez vezes do mais destro e destemido cabo, recebêra o mesmo gentio um grande estrago. Que fôra mandado de soccorro á ordem do governador João Amaro Maciel Parente ao Ceará, onde assistiu até retirar-se por ordem do seu mestre de campo Mathias Cardoso de Almeida, e que fazendo uma entrada ao gentio bravo da campanha do rio em 12 de Novembro de 1693, o obrigára a recolher-se depois

com grande utilidade d'aquellas povoações, que em toda esta campanha desde o anno de 1689 até 25 de Abril de 1694, em que se retirou o dito mestre de campo Almeida, n'ella se portára sempre Antonio Gonçalves Figueira com honra, satisfação e valor. Elle foi o primeiro que levantou engenho no Rio de S. Francisco do sertão da Bahia, no sitio chamado Brejo Grande. Foi de animo tão forte, que só com nove pessoas conquistou duas nações de barbaros indios no sertão do Rio Pardo, supprindo as poucas forças com astucias e estratagemas, filhas da sua disciplina, em que foi soldado de fama ; e tão vigilante, que no decurso de cinco annos de campanha sempre dormiu calçado, para ser o primeiro que se achasse prompto na hora de qualquer rebate. Descobriu a sua custa os dois sertões e ribeiras do Rio Verde e Rio Pardo ; este no districto das Minas Novas do Fanado, e aquelle no serro do Frio, que estão povoados com mais de cem fazendas e curraes de gados vaccuns, bestas cavallares, e alguns engenhos. Na Ribeira do Rio Verde, foi senhor da fazenda da Iahiba, Olho d'agua e Montes Claros. Abriu caminho do rio de S. Francisco para a Ribeira, afim de que este sertão ficasse povoado com fazendas de gados em distancia de mais de sessenta leguas, tudo a sua custa. Descobertas as Minas Geraes fez transito de mais de quarenta de sertão da Ribeira para ditas minas do Rio das Velhas; e com este beneficio ficou estabelecida a communicação e commercio com grandes utilidades dos reaes direitos na capitania de Geraes. Foi dotado de móres virtudes, como as da honra, verdade e fidelidade, e limpeza de mãos ; e n'esta foi tão exacto, que já em avançada idade de annos costumava affirmar, que se não acordava de dever restituir a alguem, nem ainda um só real. Na sua patria serviu todos os cargos da republica: foi senhor da grande fazenda chamada Curuguatetá, que hoje

se conhece com a nomenclatura de Cárûára. Ainda se conservam as paredes de uma antiga casa forte, que os primeiros conquistadores d'aquella costa construiram com pedra e cal, janellas, portas e ninho de tijolo, com canhoneiras e setias para de dentro se defenderem do barbaro inimigo gentio: a fortaleza d'esta obra ainda se reconhece no presente tempo, porque criando-se em cima das paredes grandes arvores, não as têm opprimido o peso d'ellas, e existem como padrões que acreditam esta fortificação contra os annos, rigor dos invernos ha mais de dois seculos; e a mesma obra se conservára illeza, se as innundações de um rio, que passa ao pé d'ella, não excavára os cimentos, que fez deitar abaixo a face, que corresponde ao dito rio. Com liberalidades sem competencia dispendeu avultado cabedal na capella da ordem terceira do Carmo da villa de Santos, onde jubilou com o caracter de prior d'ella successivamente muitos annos.

Foi o capitão Antonio Gonçalves Figueira, filho de Manoel Affonso Gaya, natural da villa de Santos, e de sua mulher Maria Gonçalves Figueira, natural da villa da Conceição de Itanhaêe, que foi filha de Antonio Gonçalves Figueira e de sua mulher Ignez Lomim, os quaes foram sogros de Pedro de Figueiredo, moço da camara d'el-rei D. João III, como consta no cartorio da provedoria da fazenda no livro de registros de sesmarias, titulo 1609 fl. 7. E camara episcopal de S. Paulo, autos de genere de Manoel Affonso Gaya. O dito Manoel Affonso Gaya, foi capitão dos moradores da villa de Santos. Em tempo que ainda não era praça d'armas com presidio de infantaria paga; e assim consta no archivo da camara d'ella no liv. 1º de registros fl. 82. Serviu repetidas vezes os cargos da republica e o de juiz ordinario. Foi senhor de engenho na sua fazenda do Pirayquiguaçû. Em serviços da corôa, fez

varias entradas ao sertão de Parnaguá. Teve grande respeito e igual veneração, não só dos moradores da praça, mas tambem dos paulistas da primeira nobreza. Este merecimento fez conseguir pelo seu ardente zelo, que os padres da companhia de Jesus, que tinham sido lançados do collegio de S. Paulo em 13 de Julho de 1640 (Este successo e expulsão dos jesuitas temos tratado em titulo de Moraes), não passassem do seu collegio da villa de Santos; cujos religiosos reconhecendo o beneficio, o gratificaram com uma obrigação por escripto, para que o seu protector Manoel Affonso Gaya e seus legitimos descendentes tivessem jazigo proprio n'aquella igreja e suffragios como religiosos ; e cedeu a furia dos paulistas ás rogativas do capitão Gaya, em cuja contemplação não foram logo embarcados os ditos reverendos, que depois vieram tambem a largar aquelle collegio. Este capitão Manoel Affonso Gaya, foi irmão inteiro do padre Pedro Nunes de Siqueira, que foi clerigo coadjutor da igreja matriz da villa de Santos, e de D. Catharina de Mendonça, mulher do Francisco Barbosa Sotto-Maior, cavalleiro professo da ordem de Christo, cuja nobreza e pureza de sangue consta nos autos de genere de seu filho Antonio Barbosa de Mendonça, na camara episcopal de S. Paulo, maço letra A : e foram filhos de outro Manoel Affonso Gaya, em quem teve principio a familia d'este appellido na villa de Santos, e de sua mulher Maria Nunes de Siqueira, da nobre e antiga familia dos Siqueiras Mendonças, da mesma villa, da qual são descendentes os Oliveiras Leitões por allianças de casamentos, e da mesma foi a mulher de Luiz Dias Leme, d'este titulo § 5º n. 2—7 : como mostramos e consta tambem no cartorio dos orphãos de S. Paulo, maço 1º de inventarios, letra S, o de Salvador Nunes, filho do sobredito Manoel Affonso Gaya e Maria Nunes de Si-

queira, a qual foi filha de Pedro Nunes de Siqueira, nobre povoador da villa de Santos.

E teve de seu matrimonio n'esta villa de Santos, nove filhos.

6—1 Manoel Angelo Figueira, existe morador em Santos, onde tem servido varias vezes os cargos da republica e de juiz de fóra, como vereador mais velho : é sargento-mór das ordenanças d'aquella marinha por carta patente dos governadores da capitania do Rio de Janeiro, que succederam ao Exm. conde de Bobadella, governador e capitão general d'aquella capitania, e da de S. Paulo, datada no Rio de Janeiro no anno de 1763. Casou duas vezes : a primeira com sua tia em terceiro gráo, D. Isabel Caetana Leite de Azevedo. Sem geração. Em titulo de Buenos : segunda vez casou com D. Rosa Jacintha da Silva, de quem já tem fructo.

6—2 D. Francisca Angela Xavier da Silva, foi casada com o ajudante Isidoro José, natural de Lisboa. Sem geração.

6—3 D. Maria Ignacia da Silva, mulher de Manoel de Andrada de Almada, natural da villa de Chaves, alferes de infantaria da praça de Santos, em cujo posto continúa o real serviço, destacado nas fronteiras do Rio Pardo e Rio Grande de S. Pedro do Sul, n'este anno de 1766. Com geração.

6—4 Miguel Gonçalves de Siqueira.

6—5 D. Domingas, falleceu solteira.

6—7 D. Rita, falleceu solteira.

6—8 José Antonio Gonçalves Figueira, continua o real serviço no presidio da praça de Santos, em praça de sargento do numero n'este anno de 1766. Solteiro.

6—9 D. Cordula Maria de Jesus, casou duas vezes : primeira com Luiz Ribeiro de Mendonça, de quem se ex-

tinguiu a geração : segunda vez casou com Salvador Gomes Ferreira, capitão das ordenanças da praça de Santos, e tem já filhos.

5—4. D. Catharina Magdalena Leonor de Aguiar, (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, n.º 4—3), casou na matriz de S. Paulo a 6 de Março de 1728 com o coronel Francisco do Amaral Coutinho, natural da cidade do Rio de Janeiro, cuja nobre qualidade é bem conhecida : falleceu em Villa Boa de Goyazes no anno de 17 . . , e nas ditas minas ficou até hoje sua mulher e filhos, por conta do grande estabelecimento em que se achava de lavras mineraes, e numerosa escravatura. Foi filho de Diogo Bravo de Menezes, e de sua mulher D. Brites de Azeredo Coutinho. Neto pela parte paterna de Bartholomeu Figueira da Silva; em titulo de Figueiras de Braga (irmão o dito Bartholomeu do doutor Diogo Bravo, que foi ouvidor de Bragança, e corregedor da comarca da Guarda ; e irmão tambem do doutor Gaspar da Fonseca de Sousa, que foi ouvidor de Braga, provedor da Torre de Moncorvo e de Lamego ; e irmão tambem de Simão Freire de Sousa, que foi servir a India ; e de Francisco Figueira abbade de S.Christina, tudo em titulo de Figueiras de Braga); e de sua mulher D. Ursula do Amaral, natural da cidade do Rio de Janeiro ; e bisneto de Geraldo Figueira da Silva, fidalgo da casa real, (irmão de Francisco de Figueira, provedor da comarca da Guarda, e de João da Guarda Figueira, e de Fernão Figueira da Silva), e de sua mulher D. Anna Bravo Coutinho. Ter-neto de Dom Diogo Figueira, que foi deão da sé de Braga pela renuncia, que n'elle fez seu primo D. Carlos ; quarto-neto de Fernão Figueira, (irmão de Isabel Figueira, mulher de Heitor de Barros de Bracamonte, e de Diogo Figueira, commendador da ordem de Christo, e secretario do duque de Bragança D. Jaime), e de sua mu-

lher Leonor Tomirronquilha, que era sobrinha do protonotario Dom João da Guarda. Quinto neto de Lopo Figueira, natural da cidade de Toledo, que com sua mulher se passou a Portugal em 1486, e assentou casa em Braga: el-rei D. João II o houve por natural de Portugal, por carta passada em Santarem a 6 de Junho de 1486; e a sua mulher Isabel Dias Lamaya, natural da cidade de Toledo, filha de Affonso Dias Lamayo, mordomo-mór de D. João Manoel, que foi filho do infante D. Manoel, e neto d'el-rei D. Fernando VI, o qual foi pai d'el-rei D. Affonso o sabio. Tem o seu solar na villa de Lamayo; como tudo se vê melhor em titulo de Figueira de Braga: e vem a ser o dito coronel Francisco do Amaral Coutinho, sexto neto d'este Affonso Dias Lamayo, mordomo-mór de D. João Manoel acima referido. Por sua bis-avó dita D. Anna Bravo Coutinho, ter-neto de Simão Freire de Sousa, que foi capitão em Braga em tempo d'elrei D. Sebastião, e ficou captivo na infeliz batalha de Alcaçarquibir em 4 de Agosto de 1587 com os 80 fidalgos, que curtiram o mesmo destino; e de sua mulher D. Antonia de Fonseca, que foi legitimada, a qual era filha illegitima de Antonio da Fonseca Coutinho, arcediago de Fonte-Arcada, filho de Dom Francisco da Fonseca: o dito capitão Simão Freire de Sousa, foi filho de Gregorio da Costa Sousa, que era filho de João Pereira de Andrade: tudo se vê melhor em titulo de Figueiras de Braga.

E teve o coronel Francisco do Amaral Coutinho duas filhas:

6—1 D. Brites Leonor Magdalena Coutinho e Aguiar.

6—2 D. Anna Joaquina do Amaral Coutinho.

6—1. D. Brites Leonor Magdalena Coutinho e Aguiar, casou em Villa Boa de Goyazes, com João Leite Alvares Fidalgo, natural de S. Paulo, que n'aquella villa

tem servido os cargos da republica, e o de juiz ordinario, thesoureiro da real fazenda, em quem fallamos n'este § 5.° na descendencia do n.° 2—5 ao n.° 3—7, e d'elle ao n.° 4—3 ao nº 5—12, nos netos de D. Leonor Corrêa de Abreu.

6—2. D. Anna Maria Joaquina de Jesus Menezes Coutinho, casou na Villa Boa dos Goyazes, com o doutor Antonio Mendes d'Almeida, estando servindo de intendente do ouro da real casa da fundição, e provedor da fazenda real d'aquella capitania, para cujo emprego veio provido, tendo acabado o lugar de ouvidor da villa do Crato; é natural da freguezia de Nossa Senhora do Pilar de Villa Rica, professo na ordem de Christo, filho de Ventura Rodrigues Velho, natural da cidade do Porto da freguezia de S. Nicoláo, e de sua mulher Cecilia Mendes de Almeida, natural de S. Paulo. Neto pela parte paterna de Manoel de Mesquita, natural da Villa Real, da rua de S. Margarida, freguezia de S. Pedro Velho, e de sua mulher Catharina Rodrigues, natural da freguezia de Santiago de Morquim, termo da villa de Barcellos; e pela parte materna, é neto de Manoel Mendes de Almeida, natural de Figueiró dos Vinhos, que foi capitão-mór das ordenanças da cidade de S. Paulo, feito por D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão general de S. Paulo no anno de 1740; e de sua mulher Maria Gomes de Sá, natural da freguezia da Acuthia, termo de S. Paulo, (como se vê na camara episcopal de S. Paulo, autos de *genere* de Antonio Rodrigues de Almeida, sentenciados de *puritate* em 1752), que foi filha de Manoel Gomes de Sá; em titulo de Lopes Silvas, cap. 3.°

5—5. D. Anna Joaquina de Aguiar Silva, (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, n.° 4—3), existe moradora em Villa Boa de Goyazes; casou tres vezes: a primeira com João Ferreira dos Santos, natural e cidadão de S. Paulo, na

matriz da mesma cidade. Sem geração. Segunda vez, na mesma matriz com Antonio Xavier Garrido. Sem geração. Terceira vez na matriz de Villa Boa com Manoel de Araujo Vianna. Sem geração.

5—6. D. Escolastica Magdalena de Aguiar, casou na matriz de S. Paulo com o doutor Dom Manoel Garcez e Gralha, natural da cidade do Rio de Janeiro; sem geração: e se conserva no estado de viuva em Villa Boa de Goyazes, onde falleceu seu marido Dom Manoel Garcez, e ella tambem alli falleceu.

5—7. D. Gertrudes Maria de Aguiar e Silva, casou em Villa Boa de Goyazes com Manoel da Silva, natural da cidade do Rio de Janeiro, formado em medicina pela universidade de Coimbra, filho de ....

5—8. Bento Carvalho Leite de Aguiar, falleceu de bexigas em 1731, mallogrando-se na flor dos annos as grandes esperanças, que havia dado pela docilidade do genio, e excellente grammatico latino : era o mimo dos seus naturaes e estranhos, porque de todos tinha adquirido um applauso affectuoso, que para isso convidavam as prendas de que era adornado. Teve gentil presença, com perfeita symetria de corpo, que no mesmo aspecto lhe inculcava uma alma nobre. Dos escolasticos do seu tempo nenhum o igualou, quanto mais exceder. A sua morte foi geralmente sentida, porque a estimação que havia conseguido era sem excepção de pessoa.

5—9. João Leite da Silva e Aguiar, falleceu de bexigas, mallogrando-se com a morte os estudos, em que já se achava adiantado, não só com perfeição da lingua latina, mas consummado philosopho, em cuja faculdade se não graduou de mestre em artes, porque a morte lhe atalhou estes e outros maiores empregos, que se esperavam da sua grande applicação e religioso procedimento, sem pagar tributo ao

ocio da mocidade, sendo aliás bem figurado, que não desmerecia os applausos de gentil.

5—10 Gaspar Teixeira de Azevedo, falleceu de bexigas, cujo mal em todos os tempos foi sempre venenoso para os filhos de Manoel Carvalho de Aguiar, e D. Francisca da Silva Teixeira, em quem principiou o damno no anno de 1731, como fica referido; e do mesmo contagio acabaram tres filhos, e tem acabado varios netos de um e outro sexo, como iremos vendo no decurso d'esta genealogia.

4—4 D. Maria Leite (filha de Manoel Carvalho de Aguiar, e D. Potencia Leite do n. 3—7 :) casou com Manoel Bueno da Fonseca, natural da cidade de S. Paulo, professo da ordem de Christo, sem geração; em titulo de Buenos.

3—8 D. Veronica Dias Leite (filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.º n. 2—5 : do cap. 5), casou com Manoel Ferraz de Araujo, natural da cidade do Porto da nobre familia dos Ferrazes Araujos,da capitania de S. Paulo, que são vindos da cidade do Porto, o qual foi irmão de João de Araujo Cabral, professo na ordem de Christo, que veio a S. Paulo pelos annos de 1656, em que seu irmão R. P. prégador geral fr. Jeronymo do Rosario, monge do patriarcha S. Bento; era presidente do mosteiro de S. Paulo, e subiu a D. abbade do mesmo mosteiro, sahindo eleito no triennio do Revm. D. abbade geral fr. Vicente Rangel no anno de 1659, como consta na secretaria da congregação do mosteiro de Tibães, no tom. 3.º dos livros, que chamam Bezerros. Estes tres irmãos foram filhos de Lourenço de Araujo Ferraz, e de sua mulher Brites Ribeiro da freguezia do Paço de Sousa. Netos por parte paterna de Jeronymo Ferraz, nobre cidadão da cidade do Porto, que foi filho de Domingos Ferraz; e pela parte materna, netos

de Bento Ribeiro, e de sua mulher Maria Moreira, e bisnetos de Manoel Fernandes Ribeiro, nobre cidadão do Porto. No livro velho dos assentos do noviciado de Tibães do anno de 1630 a fl. 11 consta, que a 24 de Julho de 1636, pelas 7 horas da tarde, sendo geral o Revm. padre fr. Manoel de Santa Cruz, tomára o habito fr. Jeronymo do Rosario. Tudo isto assim referido, veio por Memoria, que nos remetteu de Tibães o padre secretario d'aquella congregação. E pelos exames, que mandamos fazer na cidade do Porto consta, que Lourenço de Araujo Ferraz, foi alli vereador em 1690 com Miguel Pereira de Mello, com Miguel Alvo Brandão, Gonçalo Pinto Monteiro, e José Pinto Pereira, sendo escrivão do senado Manoel Pereira Guedes, Jeronymo Ferraz (pai de Lourenço de Araujo Ferraz); foi provedor da casa da Misericordia da cidade do Porto no anno de 1583. Manoel Fernandes Ribeiro (vis-avô de fr. Jeronymo do Rosario, e seus irmãos já referidos); foi vereador do senado do Porto em 1563, e 1565. Emfim da nobre familia dos Ferrazes Araujos, e Ribeiros, consta dos *Nobiliarios*, e de quem faz uma diffusa menção, deduzindo a origem d'esta familia, o padre Antonio Carvalho, na sua obra, titulo, *Corographia Portugueza*, em um dos seus tres tomos.

Em S. Paulo, como fica referido, casou Manoel Ferraz de Araujo com D. Veronica Dias Leite. E teve tres filhos.

4—1 Pedro Dias Leite.

4—2 Antonio Ferraz de Araujo.

4—3 Jeronymo Ferraz de Araujo.

4—1 Pedro Dias Leite, casou duas vezes: a primeira com Isabel de Campos; em titulo de Campos, cap. 11, com sua descendencia: segunda vez casou com Antonia de Arruda; em titulo de Botelhos Arrudas, cap. 1.°, §. . com sua descendencia.

4—2 Antonio Ferraz de Araujo, casou com Maria Pires Bueno, natural da villa de Parnahyba, irmã direita de Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhanguéra, capitão-mór conquistador e descobridor das novas minas da Villa Boa de Goyazes. Em titulo de Buenos, cap. 2.º, § 2.º, n. 3—7. E teve nove filhos, naturaes da villa de Parnahyba.

5—1 Maria Pires de Araujo.
5—2 José Ferraz.
5—3 Isabel Cardoso Leite.
5—4 Manoel Ferraz de Araujo.
5—5 Veronica Dias Leite.
5—6 João de Araujo Ferraz.
5—7 Antonio Ferraz de Araujo.
5—8 Maria Leite de Araujo.
5—9 Domingos Leme da Silva.

3—9. D. Sebastiana Leite da Silva, (filha de Pedro Dias Paes Leme, do § 5.º d'este cap. 5.º) foi casada com Bento Pires Ribeiro, natural e cidadão de S. Paulo, que falleceu em 1669. (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 1.º de inventarios, letra B. n.º 20, inventario de Bento Pires Ribeiro) filho do capitão Salvador Pires, e de sua mulher a matrona D. Ignez Monteiro: em titulo de Alvarengas, § 2º. Em titulo de Pires, § 5º. Falleceu Sebastiana Leite da Silva em 1680. E teve sete filhos nacionaes de S. Paulo.

4—1. Francisco Pires Ribeiro.
4—2. Bento Pires.
4—3. Paschoal Leite da Silva.
4—4. D. Ignez Monteiro da Silva.
4—5. D. Maria Leite, casou em Itú. Vide casamentos n.º 386.
4—6. Salvador Pires.
4—7. José Pires.

4—1. Francisco Pires Ribeiro, tendo occupado os cargos da republica como cidadão de S. Paulo, fez varias entradas ao sertão a conquistar indios barbaros, e reduzil-os ao gremio da igreja. Adquiriu sciencia militar contra a guerra dos gentios. Foi muito celebre o ardil com que conseguiu uma grande reducção, com credito da sua disciplina, utilidade propria e augmento da fé. Tendo posto em cerco uma populosa aldêa de gentios, fez vir ao cacique d'aquella nação (com antecedencia havia disposto em varias vasilhas a agua ardente de canna, da qual ainda os gentios não tinham conhecimento algum) a sua presença, e como pratico no idioma, lhe fez um efficaz arrasoado com rogativa amorosa, para que aceitasse a sua amizade, e se recolhesse com os seus vassallos, ao gremio da igreja, capacitando-o, que isto queria praticar a sua benevolencia por affecto, pois tinha poder para o conquistar não só a sua nação, como a todos os mais d'aquelle sertão, abrazando-lhe os campos, matos e rios com fogo, que dominava, e para que o cacique inteiramente se capacitasse d'este fingido poder, pediu uma luz, e introduzindo-a nas tinas de agua ardente, que o gentio estava vendo, ardeu o espirito d'este licor como costuma, fazendo as labaredas tão horrorosa vista ao simples cacique, que capacitado do poder de Francisco Pires Ribeiro, ficou como extatico e confuso, pedindo que contra elle e sua nação não empregasse as iras, porque se recolhia á sua povoação, e vinha com todos os seus vasallos procurar a sua amizade, para seguir a transmigração que lhe propunha. Assim se verificou promptamente, vencendo com este engano uma reducção de muito credito e conveniencia. Recolheu-se d'esta conquista sem desembainhar a espada, fazendo applaudido o seu nome entre os mais antigos sertanistas. Com esta reducção augmentou muito o seu estabelecimento,

e se fez potentado com a administração, que ficou tendo em seu serviço d'esta gente.

Empenhado o governador Fernando Dias Paes Leme para a entrada do sertão das Esmeraldas, um dos parentes, que o acompanhou com grande troço foi Francisco Pires Ribeiro, como sobrinho muito amante de seu tio dito governador, cujo successo temos referido n'este cap. 5.° § 5°. Casou com D. Maria de Arruda : em titulo de Botellos Arrudas, cap. 1.° § 3.° Com sna descendencia.

4—2 Bento Pires Ribeiro, (filho de D. Sebastiana Leite, do n.° 3—9.) Suppomos que não casou, porque lhe não descobrimos certeza d'este estado.

4—3 Paschoal Leite da Silva. Falleceu solteiro.

4—4 D. Ignez Monteiro da Silva, (filha de D. Sebastiana Leite, do n,° 3—9) casou com José de Campos Bicudo, natural e cidadão de S. Paulo. Em titulo de Campos, cap. 5.° com sua descendencia.

4—5 D. Maria Leite Ribeiro, falleceu em Itú, onde casou a 14 de Junho de 1689 com João de Siqueira, natural de Itú, filho de Paulo de Anhaya, e de sua mulher Mecia Nunes de Siqueira,

4—6 Salvador Pires. Falleceu solteiro.

4—7 José Pires, falleceu solteiro em 1683, e foram herdeiros do seu cabedal os irmãos que se acharam vivos, como consta do inventario dos bens, no cartorio de orph. de S. Paulo, maço 2.° da letra I, titulo inventario de Isabel Collaça.

2—6 D. Luiza Leme, (filha de D. Lucrecia Leme, e Fernando Dias Paes, do cap. 5.° § 5.°) foi casada com Pedro Vaz de Barros. Em titulo de Pedrosos Barros, com sua descendencia.

2—7 Luiz Dias Leme, (filho de D. Lucrecia Leme, e de Fernando Dias Paes, do cap. 5.°) fez assento e estabeleci-

mento nas villas de Santos, e de S. Vicente. N'estas republicas foi este paulista de tanta autoridade e respeito, que nem antes, nem depois d'elle se conheceu outro, que o excedesse. Foi muito venerado geralmente de todos pelas suas grandes virtudes de magnanimidade, prudencia, rectidão, affabilidade, e caridade. Teve sempre o peso da governança, com o primeiro voto em todas as assembléas da villa capital de S. Vicente. Pela sua grande autoridade teve a honra de ser eleito para ser elle que acclamasse ao Sr. Rei D. João IV, estando n'aquelle tempo a capitania fortificada de castelhanos de respeito, que fulminavam corpo tumultuoso, que não chegou a vencer o seu depravado intento de quererem conservar a capitania de S. Vicente e S. Paulo com a voz de Castella. Esta materia temos referido quando tratamos de Amador Bueno, em titulo de Rendons, cap. 1.°; cuja lealdade foi mais estimada então em Portugal, do que é hoje applaudida em a cidade de S. Paulo, porque o segredo do tempo fez consumir aquella acção digna de se perpetuar com um padrão que sempre lhe accusasse a heroicidade ; mas até para este descuido concorreu muito o destino occulto de ser paulista Amador Bueno. A estimação, que conciliou o respeito de Luiz Dias Leme não se conservou só entre os moradores de S. Paulo, S. Vicente e Santos ; porque passou a cidade capital do Estado do Brasil, de cujo governador geral e primeiro vice-rei D Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, teve carta, em que com expressões muito honrosas lhe dava conta da feliz acclamação do Sr. Rei D. João IV, dizendo-lhe que a elle, como pessoa de maior autoridade e fidalguia, pertencia fazer na villa capital de S. Vicente esta acclamação ; assim o executou com aquelle alvoroço, que se devia esperar do jubileo da ventura dos portuguezes, vendo-se livres do captiveiro, que tinham soffrido 60 annos

no poder dos reis de Castella. Foi Luiz Dias Leme, capitão da villa de S. Vicente por carta patente datada em 27 de Dezembro de 1655, registrada nos livros do archivo da camara da mesma villa, titulo 1659. Elle aperfeiçôou como segundo fundador a capella de S. Anna, que havia principiado Alonço Pellaes ao tempo, que fez mudança para o sitio da Bertioga, termo da villa de Santos, cuja fervorosa devoção deixou por herança a seus filhos e netos. N'esta capella fez em todo o tempo da sua vida festejar a gloriosa Santa, e depois do seu fallecimento continuou com a mesma grandeza sua mulher D. Catharina Pellaes, que fallecendo deixou (em o codicillo que fez) ordenado aos filhos, que não se acabassem as festas da gloriosa S. Anna na sua propria capella ; e herdaram elles e mais descendentes tanto esta devoção, que o neto *Francisco Tavares Cabral. de quem fazemos abaixo menção, erigiu outra capella* a S. Anna, que ainda hoje existe, applaudindo-se n'ella esta Santa alternadamente,pelo cordeal affecto da matrona D. Anna de Siqueira e Mendonça, que ainda existe na villa de Santos. N'ella falleceu Luiz Dias Leme a 16 de Julho de 1659. (Livro 1.º de Obitos da matriz de Santos, titulo 1659 fl. Cartorio de orph. da villa de S. Vicente, maço de inventarios,o de Luiz Dias Leme com testamento). N'este anno estava mandando fabricar em Santos um navio, que se não acabou, porque a morte atalhou o curso d'esta construcção ; avaliou-se o tal navio no estado em que se achava por 400$000. Foi sepultado na igreja dos terceiros de S. Francisco como irmão professo n'ella, tendo jazigo proprio na igreja dos religiosos franciscanos. Foi casado com D. Catharina Pellaes,natural de S. Vicente, filha de Alonço Pellaes, cavalheiro castelhano, e de sua mulher D. Luzia de Siqueira e Mendonça, natural de S. Vicente, na nobre familia de seus appellidos, pelos pri-

meiros povoadores da villa de Santos, onde ainda hoje se conservam os da familia dos Siqueiras e Mendonças, que se tem derramado por muitas partes da capitania de S. Paulo. Foi o cavalheiro Alonço Pellaes sujeito de grande autoridade e estimação na villa de S. Vicente, onde teve o seu primeiro estabelecimento, e foi d'esta capitania ouvidor, de que tomou posse na camara capital d'ella aos... de......do anno de 16.... Elle foi o primeiro fundador da capella de S. Anna no termo da villa de S Vicente, com a gloria de ser esta capella a primeira que no Brasil se erigiu para culto e veneração d'esta prodigiosa Santa. Dizem que movidos marido e mulher da lição de um livro, em que acharam, que quem festejasse a gloriosa S. Anna não teria detrimento no credito, nem fallencia nos bens da fortuna; de tal sorte cresceu a devoção n'estes primeiros fundadores, que ficando como por herança a seus herdeiros, veio com o tempo a erigir-se segunda capella a mesma Santa. Casando D. Anna de Siqueira e Mendonça, neta de Alonço Paes com o capitão-mór governador Cypriano Tavares, erigiu nova capella no lugar da Vargea. Emquanto existiu a primeira, era S. Anna festejada annualmente duas vezes; em dia do Apostolo Santiago na capella de cima por D. Catharina Pellaes, viuva de Luiz Dias Leme, que a sua grande devoção lhe facilitava um tal regozijo, que a nobre matrona obrava acções pueris em applauso de S. Anna. No testamento com que falleceu, e codic llo feito poucas horas antes do seu transito diz assim: « Peço a meu filho, filhas e genros, que sustentem a igreja de S. Anna, e lhe façam sua festa no seu dia, como até agora se fez; e isto lhes peço muito encarecidamente, e que sejam seus devotos. » (Cartorio da villa de S. Vicente, testamento e codicillo de D. Catharina Pellaes). Falleceu Catharina Pellaes em S. Vicente com testamento

a 16 de Julho de 1667. A outra festa era no dia proprio da Santa na segunda capella da erecção do capitão-mór governador Cypriano Tavares, marido de D. Anna de Siqueira e Mendonça. Correndo o tempo, já depois da morte dos fundadores, foi esta segunda capella da Vargea, acrescentada por Francisco Tavares Cabral, filho do dito capitão-mór governador Cypriano Tavares; no estado em que até hoje existe sustentada, e paramentada pela administradora a matrona D. Anna de Siqueira de Mendonça, cuja devoção lhe vem por herança de seus nobres ascendentes, primeiros fundadores da capella de S. Anna em todo o Brasil, como fica referido. Chegou a tanto merecimento a decencia e culto d'esta capella, e depois de augmentada por Francisco Tavares Cabral, que os Illms. Bispos D. Francisco de S. Jeronymo e D. Fr. Antonio de Guadalupe, lhe concederam o privilegio de n'ella se enterrarem os escravos dos administradores, casarem e serem n'ella baptizados. Este indulto acabou com o primeiro Exm. e Rev. Bispo que teve a cidade de S. Paulo D. Bernardo Rodrigues Nogueira, que se sérviu annexas esta capella á igreja matriz da villa de S. Vicente. A festa porem da gloriosa S. Anna se tem executado sem a minima falta annualmente pela administradora, protectora D. Anna de Siqueira e Mendonça.

Do matrimonio de Luiz Dias Leme e de D. Catharina Pellaes, nasceram como consta dos testamentos e inventarios do marido e da mulher os filhos, que são os seguintes :

3—1. D. Anna de Siqueira e Mendonça.
3—2. José Dias Paes.
3—3. D. Maria Leme.

3—4. D. Isabel Paes.
3—5. D. Catharina de Siqueira (30).
3—6. Affonso Pellaes, falleceu solteiro, existindo ainda no anno de 1657.

Outros filhos houveram que voaram para o ceo em tenros annos conforme o testamento de Catharina Pellaes, que só declarou os filhos que eram vivos.

3—1. D. Anna de Siqueira e Mendonça, filha de Luiz Dias Leme, do § 7.º, casou com Cypriano Tavares, natural de Pernambuco, onde tendo seguido o real serviço até a restauração da sua patria, veio para Santos, e foi em capitão-mór governador da capitania de S. Vicente, e S. Paulo, por despacho de 31 de Dezembro de 1661. Fez pleito e homenagem nas mãos de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, governador do Rio de Janeiro no 1º de Janeiro do anno de 1662. Tomou posse na camara capital de S. Vicente a 29 de Janeiro do mesmo anno, o que tudo consta no archivo da camara da cidade de S. Paulo, liv. de registros n.º 8.º titulo 1662 a fl. 7 e fl. 39 e seg. Este capitão-mór e governador Cypriano Tavares foi filho de Balthasar Rodrigues Mendes, natural de Belem da cidade de Lisboa, e de sua mulher Isabel Cabral, que casou em a cidade de Olinda, para onde veio na companhia de seu pai Manoel Tavares Cabral, natural da ilha de S. Miguel, e de sua mulher N. de Paiva, natural da mesma ilha, da nobre familia do seu appellido, que teve origem em o seu descobridor, e primeiro donatario Gonçalo Velho Cabral, commendador do castello de Amurol, como temos já tratado n'este cap. 5.º § 5º onde copiamos o brasão d'armas dos Cabraes, Velhos, Mellos, e Travaços. Do matrimonio d'esta Isabel Cabral nasceram em

(30) Cartorio da villa de S. Vicente, inventario de Luiz Dias Leme, e inventario de Catharina Pellas.

Olinda, não só o filho Cypriano Tavares, mas tambem Valentim Tavares, que foi governador do Rio Grande, ou Parahyba do Norte. Viuvando Isabel Cabral, do seu primeiro marido Balthasar Rodrigues Mendes, casou segunda vez em Olinda com João Rodrigues, e foram pais do reverendo Gonçalo Cabral, que foi vigario de Itamaracá. Tambem Manoel Tavares Cabral (pai de Isabel Cabral) que veio viuvo de S. Miguel, para Pernambuco, casou com uma filha de Nuno Dias Thovar, de quem teve unica filha D. Catharina, que deixou nobre geração em Pernambuco.

Em Santos se estabeleceu, e ficou alli melhor o capitão môr governador Cypriano Tavares. Em todo o tempo da sua vida gozou um respeito igual ao seu caracter; esta veneração foi tão nobremente adquirida, que não só por seus merecimentos, mas tambem pela grande roda de parentes, pela sua alliança, que tinha em S. Paulo, foi o seu nome sempre applaudido. Falleceu D. Anna de Siqueira em Santos a 5 de Outubro de 1695, (Obitos ,fl. 37) e já seu marido era fallecido.

E teve nacionaes da villa de Santos cinco filhos, que foram :

4—1 D. Antonia Tavares Cabral.
4—2 Estevão Tavares.
4—3 José Tavares de Siqueira.
4—3 Miguel Tavares.
4—5 Francisco Tavares Cabral.

4—1 D. Antonia Tavares Cabral, não quiz casar; e acabou com 95 annos de idade, para lograr a felicidade de palma e capella, com que se adornou o seu cadaver; nasceu a 8 de Abril em que Deus a recebeu na sua igreja, e foram seus padrinhos Alonço Pellaes, seu tio, e Catharina da Silva de Mendonça, e ministro do Sacramento o padre Antonio de Amorim, jesuita do collegio de Santos.

4—2 Estevão Tavares da Silva, foi sacerdote do habito de S. Pedro, e n'este estado tomou a roupeta de jesuita, e estando feito superior da aldêa de S. José, termo da villa de Jacarahy da comarca de S. Paulo, falleceu na mesma aldêa, onde jaz sepultado. Tinha sido habilitado de *genere* pela camara episcopal do Rio de Janeiro no anno de 1684 (Camara episcopal de S. Paulo, autos de *genere* letra E n. 2, os de Estevão Tavares de Silva).

4—3 José Tavares de Siqueira, baptizou-se em Santos a 20 de Novembro de 1659 pelo padre Manoel Nunes, jesuita, foram seus padrinhos Jeronymo Dias Vareiro, e sua mulher Isabel Paes; tendo occupado cargos da republica da praça de Santos, foi capitão da fortaleza da Itapemma da mesma praça com 40$000 de soldo, até passar a sargento-mór da comarca com 80$000 de soldo, com cujo posto acabou a vida, por patente d'El-rei D. Pedro, registrada na vedoria da praça de Santos. Fez estabelecimento no sitio de Santa Anna, de cuja capella, e suas festas annuaes temos feito menção. Descobertas as Minas-Geraes, com nome de Cataguazes, por serem assim chamados os barbaros indios habitadores d'este sertão; convidado da grandeza do ouro d'estas Minas, passou a ellas, e falleceu na jornada. Trasladados os ossos para a praça de Santos, foram sepultados na igreja da ordem terceira de S. Francisco, e os irmãos d'ella souberam não esquecer-se das funeraes demonstrações praticadas com os que são ministros da ordem terceira na forma de suas actas. Foi a sua morte geralmente sentida pelo merecimento que tinha adquirido da commum estimação dos povos, e igualmente dos grandes. Casou em a matriz da praça de Santos a 16 de Junho de 1691, com D. Isabel Maria da Cruz, natural da villa de Vianna do Minho, irmã direita do Revm. padre mestre fr. João Baptista da Cruz, monge benedictino, qualificador do

santo officio, que foi D. abbade provincial do mosteiro da cidade da Bahia no triennio de 1720, e D. abbade do mosteiro da Bahia no triennio de 1731; varão que se fez recommendavel com grandes merecimentos, e igual nome na sua religião, em seculo, por ser adornado de letras e virtudes. Falleceu no mosteiro da praça de Santos, que elegeu para no silencio d'elle exercitar a vida contemplativa a 5 de Maio de 1740. Foram filhos de Domingos de Araujo, natural da villa de Ponte de Lima, familiar do santo officio, e sargento-mór da capitania de S. Vicente (irmão inteiro de Gaspar Gonçalves de Araujo, que foi provedor da fazenda real da mesma capitania, e marido de D. Margarida Corrêa : em titulo de Freitas. Tambem foi irmão inteiro da mãi de Estevão Luiz, que instituiu um morgado em Ponte de Lima, como tratamos em titulo de Bayoens, e de sua mulher D. Filippa da Cruz, que foi filha de Domingos Coelho, e de sua mulher Catharina Rodrigues, ambos naturaes da villa de Monção.

Do matrimonio do sargento-mór José Tavares, nasceram na praça de Santos cinco filhos.

5—1 D. Anna de Siqueira e Mendonça.
5—2 D. Maria Isabel da Cruz.
5—3 D. Catharina Baptista de Jesus.
5—4 João Tavares.
5—5 D. Josepha Maria da Cruz.

5—1 D. Anna de Siqueira e Mendonça, baptizada em Santos aos 22 de Abril de 1692, fl. 85 do livro, ainda existente n'este anno de 1767, casou na villa de Santos a 6 de Julho de 1712 com Domingos Teixeira de Azevedo, natural da mesma villa, filho do capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo, e de D. Maria da Silva : em titulo de Buenos, cap. 1.º, § 5.º n. 3—6 e seg. Foi superintendente das

minas dos Cataguazes e provedor da real casa da fundição da villa de Parnaguá, e coronel das ordenanças da praça de Santos e villa de S. Vicente. Em titulo de Buenos, cap. 1.° § 5.°a n. 3—6, seguindo ao n. 4—5. E teve seis filhos, nacionaes da villa de Santos.

6—1 D. Isabel Maria da Cruz.
6—2 Gaspar Teixeira de Azevedo.
6—3 José Tavares de Siqueira.
6—4 João Baptista de Azevedo.
6—5 Miguel Teixeira de Azevedo.
6—6 D. Anna Maria de Siqueira.

6—1 D. Isabel Maria da Cruz, existe religiosa professa no convento de Nossa Senhora da Ajuda da cidade do Rio de Janeiro, uma das doze primeiras fundadoras do dito convento, onde entrou no anno de 1750, sendo abbadessa a religiosa fundadora vinda da cidade da Bahia, que existindo prelada até se recolher ao seu convento no anno de 1761, sahiu eleita em abbadessa D. Isabel Maria da Cruz, que sendo a segunda prelada na ordem do numero, foi a primeira na ordem da profissão. As suas grandes prendas lhe adquiriram a pluridade dos votos para ficar com o pezo d'aquella clausura. Foi esta eleição geralmente applaudida por toda a cidade pelo grande conceito que tinha adquirido a religiosa vida da madre D. Isabel Maria da Cruz. Não faltaram a obsequial-a os primeiros grandes do governo ecclesiastico e secular, o Exm. e Revm. bispo D. fr. Antonio do Desterro, o Illm. e Exm. conde de Bobadella Gomes Freire de Andrade, governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, S. Paulo, e de Minas-Geraes. Desempenhou a expectação em que havia posto a todos as grandes virtudes moraes da madre D. Isabel Maria da Cruz. Dotada de affabilidade, pruden-

cia e humildade conseguiu lentamente uma total reforma na sua clausura, lançando d'ella tudo quanto era superfluo e indecente nos moveis, com que as religiosas adornavam as cellas, em muitas das quaes haviam cadeiras de damasco, cortinados, e pannos de bofete da mesma sêda. Fez lançar tambem para fóra o excesso de criados mulatos, com que se serviam as religiosas com tanta superfluidade, como indecencia. Emfim suspendamos a penna em formar o caracter d'esta religiosa e prelada, porque as linhas do sangue nos embaraçam os periodos, por não ficarmos sujeitos a emulação dos que nos quizerem constituir affastados da pureza, e singeleza com que escrevemos a nossa Historia-Genealogica. Falleceu a madre abbadessa no seu mosteiro da Ajuda, aos . . de . . . de 1768.

6—2 Gaspar Teixeira de Azevedo, tendo-se applicado com desvelo (igual aos estimulos da honra com que o adornou a natureza por tantos costados de nobre sangue) a lingua latina, entrou monge benedictino, recebendo no mosteiro da Bahia a illustre cogula do seu Santo Patriarcha em 15 de Agosto de 1732, e fez profissão com o nome de fr. Gaspar da madre de Deus. Continuou os estudos da philosophia, theologia, em que fez tão grande progresso, que se constituiu digno para lhe darem a cadeira de mestre no mosteiro da cidade do Rio de Janeiro, onde duas vezes leu philosophia, com gloria de ter sido o primeiro, que na sua provincia dictou philosophia moderna. No mesmo mosteiro se doutorou, tomando a borla de doutor. No anno de 1752 sahiu eleito D. abbade do mosteiro da cidade de de S. Paulo, que renunciou. No anno de 1763 sahiu eleito D. abbade do mosteiro da cidade do Rio de Janeiro, que acabou o triennio com grande satisfação dos seus subditos, e com igual applauso de todos os grandes ecclesiasticos e seculares da mesma cidade. D'este emprego de D. abbade

sahiu eleito em provincial do Estado, e provincia da Bahia no anno de 176. em que se espera da sua grande litteratura, inteireza e religiosa observancia, grandes creditos, e utilidade da provincia.

6—3 José Tavares de Siqueira, familiar do santo officio, foi destinado para herdeiro da casa de seus pais; e tendo-se dado muito ao cuidado de augmentar os bens patrimoniaes d'ella, assim nas grossas fazendas dos campos geraes da Coritiba, como nas que fez estabelecer no sitio da Bocayna do caminho do Rio de Janeiro, com excellentes pastos para n'elles engordarem as boiadas que descem para o talho d'esta cidade, falleceu solteiro em 1758 a 6 de Dezembro nas suas fazendas dos Campos Geraes; jaz sepultado na capella de Santa Barbara de Pitanguy, termo da villa de Coritiba, que fôra da administração dos padres jesuitas do collegio de Parnaguá.

6—4 João Baptista de Azevedo, seguiu os estudos, e nos pateos do collegio de S. Paulo, tomou o gráo de mestre em artes. Ordenou-se de clerigo secular, e passou a ser vigario da igreja, e da vara da villa de S. Francisco do Sul, onde falleceu em 3 de Junho de 1754 com a mesma occupação: jaz sepultado na igreja matriz, da qual era actualmente parocho.

6—5 Miguel Teixeira de Azevedo, entrou monge benedictino, e professou no mosteiro de S. Bento da cidade da Bahia, e ficou chamando-se fr. Miguel Archanjo da Annunciação. Foi presidente do mosteiro da villa de Santos, e commissario de todos os mosteiros da capitania de S. Paulo.

6—6 D. Anna Maria de Siqueira, que na profissão de religiosa no convento da Ajuda da cidade do Rio de Janeiro tomou o nome de D. Maria do Sacramento: n'elle viveu com exemplar vida, e tendo sido uma das doze primeiras fundadoras, tambem foi a primeira que para o

ceo deu este convento, fallecendo a madre D. Maria do Sacramento a 12 de Agosto de 1760.

5—2. D. Maria Isabel da Cruz, baptizada a 4 de Abril de 1693, fl. 87 do livro velho, (filha do sargento-mór José Tavares de Siqueira, do n.° 4—3) professou no convento de S. Anna de Vianna do Minho, onde existe.

5—3. D. Catharina Baptista de Jesus, baptizada a 13 de Novembro de 1695, fl. 96 (filha do sargento-mór José Tavares, do n.º 4—3) : existe professa no mosteiro de S. Anna de Vianna do Minho.

5—4. João Tavares, falleceu solteiro na idade de 15 ou 16 annos, tendo nascido a 1.° de Janeiro de 1697, fl. 98 do livro velho.

5—5. D. Josepha Maria da Cruz, baptizada aos 26 de Agosto de 1699, livro fl. 110 (filha ultima do sargento-mór José Tavares de Siqueira, do n.° 4—3) casou na capella de S. Anna com licença do R. doutor José Rodrigues França, parocho da praça de Santos aos 25 de Setembro de 1724 com Antonio de Brito Ferreira, fidalgo da casa real, natural da villa de Vianna do Minho, irmão direito do mestre de campo João da Costa Ferreira de Brito, governador que foi da praça de Santos, e de Thomaz da Costa Ferreira, de quem temos tratado n'este cap. 5.º § 5º na descendencia de Estevão Raposo Bocarro, no n.° 5—2; filhos de André da Costa, fidalgo da casa real, cavalleiro professo da ordem de Christo, e morgado de Alcami, em Vianna, e de sua mulher D. Anna Maria Ferreira, netos de João da Costa Ferreira, fidalgo da casa real. E teve nascidos na villa de Santos tres filhos :

6—1. D. Isabel, que falleceu de 11 para 12 annos.

6—2. André da Costa, que foi servir a el-rei a Mossambique, e não sabemos se é vivo ou não. Se este unico ramo acabou no estado de solteiro, em que passou para

Mossambique, ficou extincta a descendencia do sargento-mór José Tavares de Siqueira.

6—3. José da Costa de Brito, tomou o habito de carmelita calçado na provincia do Rio de Janeiro, existe.

4—4. Miguel Tavares, (filho do capitão-mór Cypriano Tavares, do n.º 3—1); falleceu solteiro de idade de 16 annos pouco mais ou menos.

4—5. Francisco Tavares Cabral, (ultimo filho do capitão-mór e governador Cypriano Tavares, do n.º 3—1); falleceu sendo protector da capella de S. Anna, depois da morte de seu irmão o sargento-mór José Tavares de Siqueira. No seu tempo foi a gloriosa S. Anna applaudida com grandeza, não só no culto da igreja, mas tambem nos festejos de comedias e banquetes, que se executavam com toda a abundancia de iguarias; a que eram convidados os da primeira nobreza das villas de Santos e de S. Vicente. Casou Francisco Tavares Cabral duas vezes, como fazemos menção abaixo. Tendo decahido da opulencia em que se achava, passou com muita parte da sua familia para as minas dos Goyazes, já com avançada idade, atrahido das amorosas rogativas de sua filha D. Francisca Xavier Tavares, que se achava n'ella com grande estabelecimento de lavras mineraes e numerosa escravatura, e n'esta jornada falleceu. Foi casado primeira vez com D. Isabel da Silva, natural da praça de Santos, irmã direita de Domingos Teixeira de Azevedo, e filhos do capitão-mór Gaspar Teixeira de Azevedo, de quem temos retro tratado. Casou segunda vez com D. Ignez Corrêa de Castro, natural da villa de Santos, filha de D. Isabel da Silva, e de seu segundo marido Domingos de Castro Corrêa, natural da villa de Vianna do Minho: em titulo de Buenos, cap. 1.º § 5.º a n. 3—7.

E teve do:

1.º matrimonio oito filhos.

5—1 Francisco Tavares Cabral.
5—2 Bento Tavares Cabral.
5—3 D. Maria da Silva Tavares.
5—4 D. Francisca Xavier Tavares.
5—5 D. Anna Maria Tavares.
5—6 D. Marianna Tavares.
5—7 D. Antonia Tavares.
5—8 D. Escolastica Maria Tavares.

Do segundo matrimonio teve cinco filhos.

5—9 D. Isabel Corrêa da Silva.
5—10 D. Josepha Maria Tavares.
5—11 D. Maria da Silva Tavares.
5—12 D. Escolastica Maria Tavares.
5—13 D. Theresa Maria Tavares.

5—1. Francisco Tavares Cabral, é religioso do patriarcha S. Francisco da provincia de Nossa Senhora da Conceição do Rio de Janeiro. Já depois de professo, fugindo das virtudes, e apertos da clausura, passou a viver apostata pelos sertões do Rio de S. Francisco. D'elles se passou para a comarca de Villa Boa de Goyazes, a tempo que já suas irmãs se achavam n'estas minas, que fazendo assento no arraial de Nossa Senhora do Pilar, sitio da Papuaâ, a elle veio fr. Francisco. Alli o prendeu o sargento-mór Antonio Ribeiro Leal, sendo juiz ordinario, como amante da justiça e da rectidão, pelos estimulos de varias queixas, que muitos offendidos articulavam contra o apostata, que remettido em ferros ao seu prelado, foi castigado conforme as leis indispensaveis de tão santo instituto. Com o de-

curso dos annos se consumou a pena do castigo, e foi posto em liberdade fóra dos carceres em que se tinha conservado, quando já o culpado réo a não póde gozar com socego de espirito, porque reflectindo nos erros da vida passada cahiu na infelicidade de ficar leso do discurso, e vive como pateta possuido de um temor panico, que lhe tem introduzido a maior humildade que se póde considerar: com tudo segue os actos de religião, sem liberdade para sahir á rua acompanhando a qualquer outro religioso. Altos são os juizos de Deus!

5—2 Bento Tavares Cabral, seguiu os estudos de grammatica latina com destino do estado sacerdotal, porém abandonando este acerto, passou para as minas de Goyazes na conducta da casa toda de seus pais: vive solteiro, fazendo companhia as suas irmãs em as ditas minas no arraial do Pilar.

5—3 D. Maria da Silva Tavares, casou na praça de Santos com o juiz de fóra d'ella o Dr. Mathias da Silva e Freitas, natural da cidade de Olinda de Pernambuco: foi ouvidor e corregedor da comarca de S. Paulo, por ausencia do proprietario, conforme as reaes determinações: foi ouvidor da cidade de S. Luiz do Maranhão, em cujo lugar esteve muitos annos, e d'elle sahiu tão pobre, que não teve com que poder na côrte de Lisboa tratar-se e seguir o seu despacho. Recolheu-se á companhia de sua mulher na villa de Santos, e por melhorar de fortuna passou ás minas de Goyazes, e fez estabelecimento no arraial do Pilar, onde existe já com avançados annos. E teve unico filho, natural de Santos, que é Mathias da Silva e Freitas, que solteiro vive na companhia de seus pais.

5—4 D. Francisca Xavier Tavares, casou na praça de Santos com Francisco Xavier Pissarro, natural da villa de

Chaves, professo da ordem de Christo, estando em patente régia de capitão-mór da villa da Coritiba. Foi irmão inteiro do R. Dr. José Nogueira Ferraz, protonotario apostolico, e vigario collado da igreja de S. José do Rio das Mortes, da capitania de Villa Rica de Minas Geraes; e do padre João Mourão, da companhia de Jesus, que tendo passado missionario á China, acabou martyr no dia 24 de Agosto de 1726; e de D. Francisca da Conceição, que com opinião de santidade acabou religiosa no convento de Chaves, no anno de 1718. Passando o capitão-mór Francisco Xavier Pissarro, para as minas de Villa Boa de Goyazes no principio de sua grandeza, se estabeleceu com lavras mineraes, e numerosa escravatura no sitio chamado do Ferreiro, e até que extinctas as terras, ou já enfraquecidas de pinta rica, passou para as minas de Pilar, onde fez estabelecimento de lavras mineraes, das quaes os seus escravos extrahiram muita grandeza d'ouro. D. Luiz Mascarenhas, governador e capitão general d'aquella capitania, que ainda então era sujeita á de S. Paulo, creando as tropas de infantaria e cavallaria auxiliar, passou patente de coronel a Francisco Xavier Pissarro, e n'ella se tem conservado. Depois da morte de sua mulher D. Francisca Xavier Tavares no anno de 1752, se ausentou para a cidade do Rio de Janeiro, onde existe, e alli é cidadão da republica d'ella, gozando os previlegios, que são os mesmos concedidos aos cidadãos da cidade do Porto. E' filho de Bartholomeu Nogueira Ferraz, e de sua mulher D. Margarida Cardoso Pissarro, da Villa de Chaves. Neto pela parte paterna de Balthasar Alves Pimenta, natural de Torgueda, comarca de Villa Real, e de sua mulher Helena Rodrigues Ferraz, da villa de Chaves, por quem é bisneto de Domingos Nogueira, e de Catharina Rodrigues, ambos da villa de Chaves. E pela parte materna é neto

de João Cardoso Pissarro, fidalgo da casa real, que foi commissario geral da cavallaria em Traz-os-Montes, e governador das ilhas de Cabo Verde, que em D. Antonia Gomes, natural da villa de Chaves, teve a filha D. Margarida Cardoso Pissarro, a Paulo Cardoso Pissarro, que foi tenente-coronel da cavallaria em Cabo Verde; a João Cardoso Pissarro, que tambem serviu nas mesmas ilhas em posto de sargento-mór, e foi legitimado, e a Antonio Cardoso Pissarro, capitão de infantaria, e sargento-mór da praça de Chaves no anno de 1719, e fidalgo da casa real, como escreve em titulo de Pissarros José Freire Montarroio Mascarenhas, a quem agora seguimos inteiramente para adiantarmos a ascendencia do coronel Francisco Xavier Pissarro. Este por seu avô materno dito João Cardoso Pissarro, é bisneto de Paulo Cardoso de Vargas, que foi cavalleiro professo da ordem de Christo, e governador da Ilha Terceira, e de sua mulher D. Margarida Deniz. Terneto de D. Brites de Vargas Pissarro, que succedeu nos bens e serviços de seu pai; casada com o capitão Antonio Cardoso Machado, natural da cidade d'Angra da Ilha Terceira, e pessoa de muita nobreza, de quem o capitão-mór da mesma cidade Manoel do Canto e Castro, fidalgo da casa real, e mui conhecido n'aquella ilha, declara, e jura ser parente, em uma certidão, que passou a seu filho D. Diogo Pissarro no anno de 1610.

Quarto neto de D. Diogo Pissarro de Vargas, que estudou algum tempo na universidade de Salamanca; porém sendo mais inclinado ás armas, do que ás letras, commetteu alguns crimes, e fez algumas travessuras, que o precisaram a deixar os estudos, e retirar-se para a cidade de Truxilhos, d'onde era natural. Seu pai irritado pela repetição de tantas extravagancias, o não quiz ver mais, e elle mandou dar 500 ducados por Affonso Pissarro de Torres, seu pa-

rente, com a condição de que não voltasse a Truxilhos; o que elle fez, e passou a servir no sitio da Galleta contra os turcos, quando elles tomaram aquella praça no anno de 1574. Depois passou a Portugal; serviu e viveu na Ilha Terceira na cidade de Angra, onde Manoel Corte Real, senhor de parte d'aquella ilha, e parente muito chegado do marquez de Castello Rodrigo, e seus filhos, o tratavam por fidalgo, passeavam com elle, e se assentavam juntos na igreja ao sermão. Em Lisboa tratavam por parente muito chegado D. Diogo de Sottomaior, bisavô de D. Lourenço de Sottomaior, e seu filho D. Diniz de Almeida. Casou D. Diogo Pissarro de Vargas em Lisboa com D. Joanna Rodrigues, que dizem ser de castelhanos, natural de Robleda, e prima segunda de fr. Christovão de Espinhoza, sacerdote do habito de S. Pedro, freire da ordem de S. Bento de Aviz, capellão d'El-rei, e administrador do hospital de S. Filippe S. Thiago de Lisboa, que vivia ainda no anno de 1615, em que foi testemunha na inquirição de D. Diogo Pissarro, que era neto de sua prima, e declarou ser de idade de 60 annos.

Por seu quarto avô dito D. Diogo de Pissarro de Vargas, é quinto neto de D. Fernando Pissarro, que foi um fidalgo muito conhecido na cidade de Truxillos. Sexto neto de D. Diogo Fernandes Pissarro, que foi progenitor das casas dos marquezes de las Charcas, conforme escreve Garcilaço de la Vega, e casou com D. Brites de Vargas, da familia d'este appellido, notoriamente nobre na provincia da Extremadura. Setimo neto de D. Sancho Martins de Anhasso Pissarro, que viveu na cidade de Truxilhos com estimação de nobreza pela sua antiguidade, e pelas muitas casas e morgados, que ha n'ella, e na villa de Caceres, que todos descendem do mesmo tronco; como escreve Karo —*Nobiliarcho*, parte 2.ª liv. 10 cap. 45.

Diz o mesmo genealogico Montarroyo no titulo que escreveu de Piçarros, que esta familia é uma das mais illustres da Extremadura, e mui conhecida pela sua antiguidade e nobreza na cidade de Truxilhos, onde possue varios morgados, por haverem tido repartição n'ella seus antepassados, como seus conquistadores, e já estes eram descendentes de outros, e dos que conquistaram Toledo, onde tambem haviam sido herdados. Gonçalo Pissarro estando proximo ao supplicio, que padeceu em Indias de Hespanha (Nós lemos nos *Elementos de historia*, do abbade de Vallemont, tomo 1.° pag. 496 até 497, que Gonçalo Pissarro fora o aggressor tyranno da morte de um filho do Almagro, que tanta havia concorrido para a conquista do Perú na companhia de Francisco Pissarro, e Fernando Pissarro, irmãos do dito aggressor Gonçalo Pissarro no anno de 1525, em que o tal Francisco Pissarro cruel e perfidamente mandou enforcar a Atabalida rei do Perú; e por este homicidio e outros muitos insultos, mandou Carlos V ao jurisconsulto Pedro Gasca, o qual fez enforcar a Gonçalo Pissarro no anno de 1546), vendo que se não tinha attenção a sua nobreza, disse ao presidente: Que desde o tempo que os godos entraram em Hespanha eram os Pissarros, cavalleiros e fidalgos de solar conhecido: como escreve Garcilaço.

Tem esta familia produzido illustres varões em armas. Bastavam só para illustral-a os grandes heroes D. Francisco Pissarro, progenitor dos marquezes de las Charcas; e Fernão Cortez Pissarro, que é dos duques de Terra Nova; o primeiro conquistador do reino do Perú, e o segundo da Nova Hespanha, que é o imperio do Mexico, filhos de Martim Cortez de Monroy, e de sua mulher D. Catharina Pissarro Altamirano, da villa de Medelhim na Extremadura, como traz Solis, liv. 1.° cap. 8° pag. 31. Foram os antigos

Pissarros, alcaides-móres de varias cidades; foram revestidos da dignidade de cavalleiros de varios ordens militares de Hespanha. O appellido d'esta familia teve origem na fortaleza e constancia incontestavel do seu primeiro ascendente, a quem deram o cognome, ou epiteto de Pissarro. Karo diz, allegando Gracia Rei, e outros autores, que dois cavalheiros d'esta linhagem se acharam na restauração de Hespanha com el-rei D. Pellayo, mostrando no valor com que obravam os grandes espiritos, que infundira nos seus corações o generoso sangue de seus avôs. Em sua memoria ajuntaram sem duvida ao seu escudo, duas piçarras.

São as primitivas armas dos Pissarros, em campo de prata, um pinheiro verde com pinhas douradas, e dois ussos da sua côr natural em pé arrimados a arvore comendo, ou arrancando o fructo; e ao pé do escudo de cada parte d'ella; uma pissarra parda, sobre os quaes estão subidos os ussos. Assim se acham esculpidos em varios partes da cidade de Truxilho nas casas antigas dos ascendentes do marquez de las Charcas D. Francisco Pissarro, cujos descendentes os trazem acrescentadas na forma seguinte: « Por mercê, que o famoso imperador Carlos V fez ao dito marquez em memoria dos heroicas acções que obrou na conquista da Nova Hespanha, a saber: O escudo partido em mantel; a parte do lado direito partida em faxa; no quartel superior, em campo d'ouro, uma aguia negra coroada, estendida e armada entre duas columnas com esta letra *Plus ultra*. No quartel inferior, em campo negro, uma cidade de prata sobre ondas do mar, e toda esta parte orlada com oito camellos de prata em campo verde; a parte esquerda do escudo formada em mantel, se divide em tres quarteis; no primeiro em campo negro, uma cidade fundada em um ilheo tudo de prata, e a torre

mais alta coroada com uma corôa imperial d'ouro ; no segundo, um leão d'ouro ; e no terceiro, que forma o váo do mantel, um leão coroado, cujos côres Alonço Lopes de Karo não refere. Ao pé do escudo, em campo vermelho, Atabalida rei do Perú coroado, e preso ; e por orla em campo azul, uma cadêa d'ouro com sete cabeças de indios. Toda a fabrica d'este escudo se acha orlada com uma cadêa d'ouro, em campo azul, e n'ella pegados oito grifos tambem d'ouro, cada um com uma bandeira de duas pontas na garra direita. Este escudo foi approvado em Valhadolid pelo imperador Carlos V em 22 de Dezembro de 1537, e contrasignado por João Vasques de Molina, seu secretario.

D. Francisca Xavier Tavares, do n. 5—4, teve filha unica D. Eufrazia Maria Xavier Pissarro, que na matriz do arraial das minas do Pilar casou com o licenciado Francisco Gomes Tissão, natural da villa de Ponte de Lima, pelos annos de 1753.

5—5. D. Anna Maria Tavares, falleceu nas minas do Pilar em 1752, para onde se tinha passado na companhia de seus irmãos ; ia no estado de viuva de seu marido Fernando Pereira de Castro, natural de Vianna do Minho, onde a qualidade de sua nobreza é bem conhecida. Casou na matriz da villa de Santos, sendo ajudante de infantaria d'aquelle presidio. Sem geração. Foi irmão inteiro do coronel Faustino Pereira da Silva, bem conhecido em Minas Geraes pelas suas virtudes moraes, e grande casa que alli teve, e de quem temos feito menção na descendencia de Pedro Leme, do cap. 1.° d'este titulo no § 2.°

5—6 D. Marianna Tavares, casou com Mathias Cardoso, senhor de varias fazendas de gados vaccuns no sertão do Rio de S. Francisco. Sem geração.

5—7 D. Antonia Tavares, casou com Antonio Alves Cal-

vão, que ainda existe morador no seu engenho de assucar no termo das minas de Meia-Ponte.

5—8 D. Escolastica Maria Tavares, casou em Villa Boa de Goyazes com Antonio Luiz Lisboa, que então occupava o peso do importante officio de fiscal da real casa da intendencia do ouro da capitação, como intendente d'ella o doutor Sebastião Mendes de Carvalho, que pelos seus merecimentos foi escolhido, e despachado para a creação d'esta casa, quando no anno de 1737 foi estabelecida pelo mesmo methodo, com que lhe deu a norma em Minas Geraes, Martinho de Mendonça de Pinna e de Proença, que da côrte tinha sido mandado para este effeito pelo Sr. rei D. João V, o magnanimo, que lhe soube conhecer a alta comprehensão e esphera grande, de que foi adornado este rocommendavel vassallo. Antonio Luiz Lisboa, foi igualmente lembrado para o officio de fiscal, pela intelligencia, e sciencia arithmetica, em que era bem instruido e com desembaraço, actividade, e zelo para o diario exercicio de mover a penna escrevendo nos livros da matricula dos escravos, e censo do negocio mercantil. N'esta casa foi conservado até se extinguir o methodo da real capitação, e laborar o das casas de fundição, e passar para intendente da fundição das minas de S. Felix com o mesmo ordenado, que percebiam os membros régios. N'este mesmo emprego acabou a vida em S. Felix no anno de 1763. E teve nascidos em Villa Boa de Goyazes dois filhos machos e uma femea; porque fallecendo de parto sua mulher D. Escolastica Maria Tavares em dita Villa Boa deixou estes fructos. O dito Antonio Luiz Lisboa passou á segundas nupcias com D. Maria Joanna Leite d'Andrade, como tratamos n'este titulo, no cap. 5.º § 5.º n.º 3—5, e. seg

FILHOS DO 2.º MATRIMONIO DE FRANCISCO TAVARES CABRAL.

5—9 D. Isabel Corrêa da Silva, foi casada com Antonio Pereira do Lago, um dos mais opulentos mineiros, por chegar a escravatura da sua fabrica de minerar quasi a duzentos pretos da costa da Mina: occupou sempre honrosos postos, assim da republica, como da justiça e milicia. Foi muitas vezes juiz ordinario, provedor dos defuntos e ausentes, guarda-mór da repartição das terras, e aguas mineraes, sargento mór do regimento das ordenanças, e o primeiro intendente commissario da real companhia das minas do Pilar, e das de Nossa Senhora da Conceição de Crixás, que creou e estabeleceu o grande zelo e actividade do conde d'Arcos, primeiro governador, e capitão-general positivo da capitania de Goyazes, onde chegou em Novembro do anno de 1749, passando de Pernambuco, onde estava tambem por governador e capitão-general d'aquella capitania Antonio Pereira do Lago, foi convidado para a creação d'esta nova intendencia pelo mesmo conde, cujas excellentes virtudes, limpeza de mãos, affabilidade e prudencia, o fizeram adorado de todos os subditos, vencendo com estes dotes da natureza, todos os empenhos, em que entendeu fazia serviço ao rei, e augmentava a capitania; e por isso aceitou o onus de intendente sem ordenado algum, passando a sua liberalidade, e amor de honrado vassallo a dar as suas casas para servirem de intendencia, privando-se do socego e tranquillidade do retiro de sua fazenda, distante do arraial meia legua, onde antes se achava, vindo sómente ao dito arraial aos domingos e dias santos. Para expedição d'este grande trabalho se lhe deu para seu adjunto, com o caracter de fiscal, escrivão, e thesoureiro da real intendencia a Pedro Taques de Almeida Paes Leme, autor d'estas memorias,

que no mesmo anno de 1750 se achava morador em Villa Boa, onde convidado pelo conde general não duvidou fazer aceitação d'este laborioso emprego, para cujo exercicio se transmigrou com mulher e filhos, e os seus escravos para o arraial do Pilar, transitando por sertões despovoados mais de 50 leguas a custa da propria fazenda, sem a menor ajuda de custo do real, com provisão tambem da provedoria dos defuntos e ausentes dos dois arraiaes Pilar, e Crixás, que ajudado do amor que mereceu a todos aquelles moradores, conseguiu, que no primeiro anno da sua capitação tivesse El-rei 19,892 oitavas d'ouro, quando nos preteritos desde o de 1737, em que se estabeleceu a capitação de Goyazes, nunca os arraiaes de Pilar e Crixás produziram mais de 7,500 oitavas, cobrando o real quinto os juizes ordinarios com seus tabelliães. Nos livros que se acham no archivo da provedoria da fazenda real de Villa Boa, que tiveram uso durante a capitação, consta melhor esta verdade, e fortuna da nossa feliz occupação.

Falleceu D. Isabel Corrêa da Silva, sem geração.

5—10 D. Josepha Maria Tavares, que nasceu de um parto com a irmã D. Isabel, vive casada em Pilar com Antonio dos Santos Silva, sobrinho direito do Dr. Mathias da Silva e Freitas, natural tambem de Pernambuco, que tem servido os cargos da republica, e de provedor dos defuntos e ausentes d'aquellas minas, ha muitos annos desde o de 1752 em que entrou n'esta occupação.

5—11 D. Maria da Silva Tavares, existe solteira n'este anno de 1767 em minas de Pilar.

5—12 Escholastica Maria Tavares, casou na matriz do Pilar com José Pereira do Lago, capitão de infantaria da ordenança das ditas minas, e da sua republica, onde tem servido de juiz ordinario : é sobrinho direito do sargento-mór Antonio Pereira do Lago.

5—13 D. Thereza Maria Tavares, casou na matriz das minas do Pilar com José dos Santos Silva, irmão direito de Antonio dos Santos Silva, do n. retro 5—10 : está estabelecido com lavras mineraes e numerosa escravatura : é da governança da republica d'aquellas minas onde tem servido de juiz ordinario : é sargento-mór das ordenanças por patente do conde de S. Miguel, sendo governador e capitão-general da capitania de Goyazes.

3—2 José Dias Paes, falleceu sem testamento em S. Paulo a 13 de Junho de 1691 (Cart. 2.º de Not. de S. Paulo, inventario de José Dias Paes), e foi filho de Luiz Dias Leme, do § 7.º retro. Casou a primeira vez com a filha de Maria Betineque, sem geração ; consta do testamento supra ; e casou segunda vez na cidade de S. Paulo com D. Catharina Ribeiro de Moraes, filha de Vitto Antonio de Castro-Novo, e de sua mulher D. Sebastiana Ribeiro de Moraes; em titulo de Moraes, cap. 3.º, § 2.º, n. 3 –5. Com sua descendencia ; foram dois filhos. O padre José Dias Paes, que tendo tomado a roupeta, foi expulso da companhia, e acabou clerigo de S. Pedro em sua patria S. Paulo. O padre Manoel Pedroso, que acabou religioso da companhia, e professo do quarto voto, e um grande barrete nas cadeiras de philosophia e theologia.

3—3 D. Maria Leme de Mendonça (filha de Luiz Dias Leme, d'este § 6.º), casou em vida de seus pais com Francisco Machado de Aguiar, natural da Ilha Terceira, e pelos seus serviços de almoxarife proprietario da fazenda real da villa de Santos, falleceu pelos annos de 16... E teve tres filhos.

4—1 N. que falleceu de tenros annos.

4—2 D. Anna de Aguiar, falleceu solteira.

4—3 D. Catharina de Aguiar, casou com Filippe de Almada, natural da Ilha. . . . . . E teve só um filho què foi João de Aguiar Machado, e falleceu solteiro.

3—4 D. Isabel Paes, casou em vida de seus pais com Jorge da Costa Ferreira, natural de Pernambuco. Sem geração.

3—5 D. Catharina de Siqueira de Mendonça, ficou solteira quando falleceu sua mãi D. Catharina Pellaes de Mendonça em 1667. Casou depois com Raphael Carvalho, natural da cidade Lisboa, que fez estabelecimento no termo da villa de S. Vicente. E teve filha unica D. Margarida Carvalho da Silva, que sendo pedida por Manoel Vieira Collaça, nobre cidadão republicano da villa de S. Vicente, se lhe não concedeu sem mais demerito, que não ser do agrado, por então, dos pais darem estado de casada a sua filha D. Margarida. Porém o Collaça fazendo d'esta repulsa o maior desprezo de sua pessoa, pretendeu com o estrondo das armas despicar-se da imaginada injuria, que lhe formava na idéa a propria desconfiança. Foi o seu desafogo uma insolencia. Formou dos seus parentes um corpo de armas, e sem mais conselho, que o nescio ardor de animo desesperado, marchou no silencio da noite, e pôz em cerco a casa de Raphael Carvalho. que sem presumir, nem ter noticia d'este attentado, se achava entregue, no seu natural descanso ao somno. Os escravos da fazenda que não eram poucos deram aviso ao senhor, que sahiu a receber ao corpo da rebellião com as armas, que tinha em cabide, como moveis indispensaveis n'aquelle tempo a qualquer varão de nobreza e respeito. Disparadas as armas de um e outro partido, pereceram algumas pessoas até o numero de nove, a tempo que já D. Catharina e sua filha D. Margarida estavam postas a salvamento na casa do capitão-mór Cypriano Tavares, que não ficava muito distante. Promptamente acudiu este com soccorro de gente armada, a livrar a vida do cunhado Raphael Carvalho ; mas quando chegou já o Collaça estava em reti-

rada, tendo havido as nove mortes executadas ao furor do primeiro rompimento. Foi seguido, porém inutilmente, porque além de ser a noite não muito clara, era a vereda por trilho fóra da estrada.

Manoel Vieira Collaça, tinha n'este tempo as rédeas do governo ordinario da villa de S. Vicente, e ficou com tal paixão d'alma, que cahiu em demencia, tendo lucidos intervallos. Brotou a sua dôr na ruina, que experimentou o grande cartorio do archivo da camara d'aquella villa, porque deu ao fogo todos os livros e papeis antigos, que como monumentos para a posteridade alli se conservavam como villa capital, e a villa que teve o Brasil, fundada pelo Sr. donatarios Martim Affonso de Sousa. Entre aquelles (hoje bem necessarios) excellentes moveis, reduzidos á cinzas, só lamentamos o livro grande chamado *Tombo*, porque n'elle se achava escrito com pureza da verdade, o dia, mez, e anno da fundação d'aquella villa, a chegada do seu primeiro fundador dito donatario Martim Affonso de Sousa, com as forças, que trouxêra do reino para a conquista dos barbaros indios habitantes dos sertões do sul, o numero dos navios, em que com elle tinham passado os primeiros e nobres povoadores, fazendo-se menção dos merecimentos e qualidades de cada um d'elles, e dos sujeitos que vinham já casados, e sem familias, attrahidos do reino de Portugal pelo convite do donatario Sousa, que tinha conseguido esta transmigração com o real aggrado do Sr. Rei D. João III, de cujos creados, com o fôro de cavalleiros fidalgos, vieram muitos sujeitos, que propagaram familias nobres em S. Vicente, derramados por S. Paulo, depois que houve de serra acima a primeira villa chamada de S. André da Borda do Campo, erecta em 8 de Setembro de 1553, por Antonio de Oliveira, loco-tenente do dito Martim Affonso, cavalleiro fidalgo da casa

real, que tinha passado ao Brasil com sua mulher D. Genebra Leitão, e por Braz Cubas, cavalleiro fidalgo, que da cidade do Porto tinha passado com o mesmo donatario no estado de viuvo, trazendo um filho Pedro Cubas, e sua irmã D. Catharina Cubas, que casou com.......... Ferreira, e então era o dito Braz Cubas provedor da fazenda real, e alcaide-mór da capitania de S. Vicente na villa de Santos, que fundou o dito Braz Cubas. Foram os primeiros camaristas da nova villa de S. André, juiz ordinario João Pires o gago, vereador Paulo de Proença, procurador do conselho Alvaro Martins e tabellião escrivão da camara Gaspar Nogueira ....
Esta villa se transmigrou para o sitio de Piratininga com a vocação de S. Paulo do campo de Piratininga, porque no mesmo anno de 1553 a 24 de Janeiro celebrou-se a primeira missa, que por ser o da conversão de S. Paulo, ficou dando nome a villa que em o dito sitio se fundou em 1553, hoje cidade episcopal de S. Paulo, porque em o anno de 1558 finalisou o caderno das vereações da villa de S. André.

Esta D. Margarida de Carvalho da Silva casou com Domingos da Silva Monteiro, que acabou sem geração a vida no Rio Grande da navegação do Cuyabá, estando provedor dos reaes direitos em 1723 em titulo de Buenos cap. 1.° § 4.° n.° 3—7.

3—6 Alonço Pellaes (filho ultimo de Luiz Dias Leme, do § 7.°), falleceu solteiro, e existia em Santos pelos annos de 1657, quando serviu de padrinho a sua sobrinha D. Antonia Tavares Cabral, na pia baptismal da matriz da villa de Santos.

———

GODOIS.

Esta nobre familia principiou na capitania de S. Paulo em Balthazar de Godoy, cavalheiro castelhano, que por tal sempre foi estimado ; e assim consta nos autos de *genere* de seu neto Joaquim de Godoy processados em 1679 (Camara episcopal de S. Paulo, *generes*, letra I maço 1.º n. 13). Passou-se ao Brasil no tempo, que os reis de Castella eram tambem de Portugal. Em S. Paulo casou este cavalheiro com D. Paula Moreira, filha de Jorge Moreira (Segundo cart. de notas de S. Paulo, inventario de Antonio Alves Couceiro, fl. 28 v.) natural do Rio Tinto do Porto, que foi capitão mór governador e ouvidor da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e de sua mulher Isabel Velha, natural da cidade do Porto (Cart. primeiro de tabellião de S. Paulo, nota do anno de 1613, n. 36, pag. 18, 33. — Nota do anno 1616, pag. 16. — Nota de 1593, n. 10, pag. 15.— Nota de 1608, pag. 10), a qual Isabel Velha era irmã dos padres Gabriel, e Jorge Rodrigues clerigos de S. Pedro ; de Francisco Rodrigues Velho, marido de Brizida Machado, em S. Vicente ; de Antonio Rodrigues, marido de Joanna de Castilho ; de Garcia Rodrigues Velho, marido de Catharina Dias ; de Maria Rodrigues, mulher de Salvador Pires, viuva ; em titulo de Garcias Velhos : e todos estes irmãos vieram da cidade do Porto, onde eram moradores, para a villa de S. Vicente em 1540 na companhia de seus pais Garcia Rodrigues e Isabel Velha (Cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro do reg. de Sesmarias, titulo 15, pag. 11 v.). Do matrimonio de Balthazar de Godoy e D. Paula Moreira (Cartorio segundo de notas de S. Paulo, inventario de Antonio Alves, pag. 28) nasceram em S. Paulo, seis filhos.

Cap. 1.° Belchior de Godoy.
Cap. 2.° Balthazar de Godoy.
Cap. 3.° Gaspar de Godoy Moreira.
Cap. 4.° João de Godoy Moreira.
Cap. 5.° Maria de Godoy.
Cap. 6.° Sebastião Gil de Godoy.

CAPITULO I

1—1 Belchior de Godoy, casou na matriz de S. Paulo a 28 de Abril de 1629 com Catharina de Mendonça, filha de Francisco de Mendonça, e de sua mulher Maria Diniz: em titulo de Mendonças, cap. 2.° Falleceu Belchior de Godoy em S. Paulo com testamento em 1649 (Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 4.° de inventarios letra B. n. 42). E teve dez filhos.

§ 1.° Maria Diniz de Mendonça.
§ 2.° Francisco de Godoy Moreira.
§ 3.° Antonio de Godoy Moreira.
§ 4.° Belchior de Godoy.
§ 5.° Paula Moreira.
§ 6.° Domingos.
§ 7.° Isabel.
§ 8.° Balthazar de Godoy Mendonça.
§ 9.° Beatriz, falleceu solteira.
§ 10. Lucrecia, falleceu solteira.

§ 1.°

2—1 Maria Diniz de Mendonça, casou com Antonio Pedroso de Lima, natural de S. Paulo, que falleceu em 1651 (Orphãos de S. Paulo, Inv. letr. A, maço 4.°, n. 33, filho de João Pedroso de Moraes e Maria de Lima; em titulo de Moraes, cap. 3.°, § 1.°, n. 32: sem geração.

§ 2.º

2—2 Francisco de Godoy Moreira, casou com Thomazia Rodrigues, natural de S. Paulo, filha de João Pires e Mecia Rodrigues ; em titulo de Pires, cap. 6.º, § 7.º, com geração. Foi capitão da Atibaia e Nazareth até 1703, em que se mudou para Taubaté, onde falleceu com 91 annos de idade.

§ 3.º

2—3 Antonio de Godoy Moreira, falleceu com testamento a 25 de Novembro de 1724 (Cart. da ouvidoria de S. Paulo, testamentos, letr. A.) Foi casado tres vezes : primeira com Joanna de Medeiros.... de quem teve quatro filhos ; segunda, com D. Mecia Rodrigues, natural de S. Paulo, filha de João Pires Rodrigues, e D. Branca de Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.º, § 9.º, n. 3—1 : com sua descendencia : terceira com Lucrecia Veigas, de quem teve tres filhos.

Primeiro matrimonio.

3—1 Mathias de Godoy, que já era fallecido em vida de seu pai.

3—2 Antonio de Godoy e Medeiros.

3—3 Balthasar de Godoy, fallecido em vida de seu pai.

3—4 Catharina do Prado, fallecida em vida de seu pai, e tinha sido casada com Francisco Vaz Moniz, natural de S. Paulo, filho de Pedro Vaz Moniz, natural do lugar do Lavradio (filho de Francisco Vaz Moniz, e de sua mulher Leonor Pereira), que falleceu em S. Paulo com testamento a 23 de Maio de 1669, e de sua mulher Joanna Simoens, viuva de João Rodrigues Lopes (Orphãos de S. Paulo, maço 1.º de inventario, letr. P.).

Terceiro matrimonio (* o do segundo está em titulo de Taques, cap. 3.º, § 9.º)

3—5 Vicente Veigas.
3—6 Belchior de Godoy.
3—7 Maria Veigas, mulher de José de Siqueira Vaz.

§ 4.º

2—4 Belchior de Godoy, casou com Maria Ribeiro, natural de S. Paulo (* o A. na lista dos §§ retro tendo posto alli este casamento de Belchior de Godoy, riscou e pôz assim,—casou com Francisca Cordeiro a 18 de Novembro de 1688 em Jundiahy— ; em titulo de Cordeiros, cap. 1.º, § 5.º, n. 3—6 : mas aqui acha-se o que o mesmo que vai copiado), filha de Salvador de Miranda, que falleceu em S. Paulo a 22 de Dezembro de 1668 (Orphãos de S. Paulo inventarios, letr. I, n. 46), e de sua mulher Antonia Ribeiro (viuva de Gaspar Vaz Guedes), a qual falleceu em S. Paulo com testamento a 14 de Maio de 1681 (Cart. de orphãos de S. Paulo, maço 1.º, letr. A. n. 3), e era irmã dita Maria Ribeira de Antonio de Almeida de Miranda, que casou com Catharina Dias, e de Miguel de Miranda : em titulo de Prados, cap. 7.º, § 7.º n. 3—3. (Belchior de Godoy falleceu em S. Paulo, e teve cinco filhos. (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letr. B. n. 34.)

3—1 Gaspar de Godoy que na matriz de S. Paulo a 18 de Julho de 1696 casou com Anna Maria Pedroso, filha de Christovão da Cunha, e de D. Maria de Barros de Moraes. Em titulo de Cunhas, cap. 1.º, § 1.º, n. 3—7. Com geração que foram.

4—1 Belchior Pedroso de Moraes.
4—2 Gaspar de Godoy da Cunha.
4—3 João de Godoy Cunha.

4—4 Christovão de Godoy Moreira.

4—5 José de Moraes.

4—6 D. Anna Pedroso de Moraes, casada com o coronel Fernando da Silva.

4—7 Anna Maria de Moraes.

3—2 Maria de Godoy, mulher de Antonio Pires da Silva.

3—3 Anna Maria de Godoy, falleceu em Nazareth a 24 de Janeiro de 1731, e foi casada com Miguel Fragoso de Mattos, de quem teve dois filhos.

4—1 João Fragoso.

4—2 Ignez Corrêa, mulher de Antonio Rodrigues da Cunha (Resid. de S. Paulo, testamento, n. 30, letr. A).

3—4 Antonia Ribeiro.

3—5 Domingos Moreira.

§ 5.º

2—5 Paula Moreira, casou com Braz Cubas, que falleceu em 1678 (Orphãos de S. Paulo, inventarios, B, n. 36). E teve tres filhos.

4—1 Isabel.

4—2 Mathias.

4—3 Lucrecia.

§§ 6.º e 7.º

2—6 Domingos.

2—7 Isabel.

§ 8.º

2—8 Balthazar de Godoy Mendonça, casou com Marianna Bueno de Amaral que falleceu em S. Paulo com testamento, a 20 de Outubro de 1683, filha de Antonio Bueno, e de Maria do Amaral de Sampaio (Cart. de or-

phãos de S. P., maço 1.º letr. M., n. 7.) Em titulo de Buenos, cap. 1.º, § 3.º, n. 3—3. E teve dois filhos.

3—1 Antonio.
3—2 Francisca.

§§ 9.º e 10.

2—9 Beatriz, falleceu solteira.
2—10 Lucrecia, falleceu solteira.

CAPITULO II.

4—2 Balthazar de Godoy, casou na matriz de S. Paulo a 24 de Novembro de 1630 com Antonia Preta, filha do capitão Manoel Preto, e Agueda Rodrigues: em titulo de Pretos, cap. 1.º, § 1.º Falleceu Antonia Preta em S. Paulo com testamento a 9 de Junho de 1632 (Orphãos, maço 2.º de Inv. letr. A). segunda vez casou dito Balthazar de Godoy com Maria Jorge, natural de S. Paulo, filha de Francisco Jorge, natural da Granja, (filho de Jorge Pires, e de sua mulher Violanta Cabral, que foi irmã de fr. Anselmo de Jesus, que estando D. abbade geral dos bentos, falleceu no mosteiro de S. Tirço), que falleceu em S. Paulo com testamento a 8 de Novembro de 1647 (Cart. do primeiro tabellião de S. Paulo, maço de Inv. antigos, o de Francisco Jorge), e de sua mulher Isabel Rodrigues, que falleceu em S. Paulo com testamento ao 1.º de Novembro de 1662, e tinha sido viuva de Lourenço Gomes Ruxaque, e filha de Francisco Martins Bonilha, o castelhano, e de sua mulher Antonia Gonçalves, tambem castelhana, e ambos vieram a Santos na armada do general Diogo Flores de Bardez, que era seu cunhado, e ella

Antonia Gonçalves, era natural da cidade de Sevilha, e seu marido: em titulo de Bonilhas, cap. 3.° (Cart. de orphãos, maço 2.° de Inv. letr. I) Balthazar de Godoy, falleceu na villa de Mogy das Cruzes, com testamento a 11 de Novembro de 1679 (Orphãos de Mogy, maço 1.º de Inv., Letr. B). E do primeiro matrimonio teve uma filha, e do segundo teve treze filhos, todos naturaes de S. Paulo.

Primeiro matrimonio.

§ 1.º Antonia Preta.

Segundo matrimonio.

§ 2.º Fernando.
§ 3.º Antonio.
§ 4.º Balthazar Velho.
§ 5.º Manoel Velho de Godoy.
§ 6.º Placido.
§ 7.º Jorge Moreira Garcia.
§ 8.º Francisco Jorge.
§ 9.º Thomaz Moreira Velho.
§ 10 João de Godoy Moreira.
§ 11 Leonor Jorge.
§ 12 Maria Jorge.
§ 13 Paula Moreira.
§ 14 Isabel Rodrigues.

§ 1.º

2—1 Antonia Preta, casou duas vezes: primeira com Nuno Bicudo de Mendonça; em titulo de Bicudos: segunda vez casou com Isidoro Pinto da Silva, na matriz de S. Paulo (filho de Jacomo Pinto, e de sua mulher Catharina da Silva), que falleceu em 1707; (Cart. de orphãos de Parn. letr. I., n. 435) e tinha sido casado com Innocencia da Costa, da freguezia de Santo Amaro, na matriz de

S. Paulo a 20 de Maio de 1644, de quem teve quatro filhos. Nuno Bicudo de Mendonça, falleceu em S. Paulo, em 1649 (Orphãos de S. Paulo, letr. N. n. 1). E d'este matrimonio teve Antonia Preta, nascidos em S. Paulo, dois filhos; e do segundo matrimonio com Isidoro Pinto, teve oito filhos: e por todos dez filhos.

Primeiro matrimonio.

3—1 Balthazar de Godoy Bicudo. Foi capitão da villa de Parnahyba, e de grande respeito e veneração: alli falleceu com testamento a 8 de Novembro de 1718 (Orphãos de Parn., Inv. letr. B., n. 19), casou com Ignez Dias de Alvarenga, que falleceu na Parnahyba com testamento, a 19 de Agosto de 1733, natural da mesma villa, filha de Pedro de Alvarenga, e de sua mulher Benta Dias de Proença, a qual foi filha do capitão Balthazar Fernandes: em titulo de Fernandes Povoadores, cap. 1.°, § 4.° (Cart. de orphãos de Parn. Inv. letr. I, n. 576. E letr. B. n. 506). Esta Ignez Dias de Alvarenga, collocou no mosteiro de S. Bento da villa de Parnahyba uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, para cujo patrimonio deu 400$000 em dinheiro (com todos os paramntos necessarios para o altar), para se porem a juros, e fazer-se annualmente a festa da Senhora; e deu mais 200$000 ao mosteiro e um escravo por nome Adão para tratar do asseio do dito altar, sendo presidente do dito mosteiro o padre fr. Antonio da Luz, o que tudo melhor consta do testamento da doadora. E teve

4—1 Pedro Corrêa de Godoy, foi para as minas de Cuyabá, onde existe em 1733.

4—2 Fr. Francisco Preto de S. Maria, carmelita calçado: teve 200$000 a juros para seus alimentos em vida.

4—3 Isabel de Proença Varella, casou em Itú a 4 de

Fevereiro de 1698 com Antonio João Ordonho, natural da ilha de S. Sebastião, filho de Antonio Gonçalves e de sua mulher Isabel Sobral: E são pais de Antonio João Ordonho, e José Corrêa Ordonho.

4—4 Joanna de Godoy Bicudo, mulher de João Gomes de Escobar.

4—5 Benta Dias de Proença, mulher de Bernardo de Campos: Em titulo de Campos, cap. 6.º, com toda a sua descendencia.

4—6 Balthazar de Godoy, falleceu solteiro.

3—2 Nuno Bicudo, falleceu solteiro em Parnahyba.

Segundo matrimonio.

3—3 O padre Isidoro Pinto de Godoy, clerigo de S. Pedro, foi vigario collado da matriz da villa de Parnahyba por carta de collação do Senhor Rei D. Pedro II, datada a 5 de Outubro de 1691, tendo sido provido na dita igreja pelo Exm. bispo D. José de Barros e Alarcão em 2 de Outubro de 1680; como tudo consta no cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro 7.º, n. 4, titulo 1686, pag. 50 v. E livro 8.º, n. 5, titulo 1693, pag. 2.

3—4. José Velho Moreira, casou com Turibia de Almeida Naves, filha de João de Almeida Naves e de sua mulher Maria da Silva. Em titulo de Almeidas Naves. Falleceu José Velho Moreira na Parnahyba com testamento a 26 de Dezembro de 1728, e sua mulher falleceu na mesma villa com testamento a 20 de Janeiro de 1734. (Cartorio de orph. de Parnahyba, Inventarios, letra S n. 557. Letra T. n. 580.) E teve quatro filhos naturaes de Parnahyba.

4—1. Isidoro Pinto Velho de Godoy, morador em 1769 em Mogy-mirim, e casado com D. Anna Bueno da Silva, natural das Minas Geraes, filha do capitão-mór Pedro Frazão de Brito, e de........: em titulo de Taques.

E teve nascidos em Mogy guaçú onze filhos.

5—1 Pedro Frazão de Brito.
5—2 Francisco Xavier Ignacio.
5—3 João de Godoy Moreira.
5—4 José Velho Moreira.
5—5 Joaquim de Godoy Moreira.
5—6 Alexandre de Godoy Moreira.
5—7 D. Maria de Godoy.
5—8 D. Mecia Bueno da Silva.
5—9 D. Isabel Bueno da Silva.
5—10 D. Anna Bueno da Silva.
5—11 D. Barbara Bueno da Silva.

4—2 Antonio de Almeida Velho, existe em Mogy-mirim casado com Maria de Araujo: em titulo de.......

E teve oito filhos, nascidos em Mogy-guaçú.

5—1 Ignacio de Almeida.
5—2 José de Almeida.
5—3 Salvador de Almeida.
5—4 João de Almeida.
5—5 Bento de Almeida Naves.
5—6 Antonio de Almeida.
5—7 Joaquim de Almeida.
5—8 Maria de Araujo.

4—3 Maria Velha, casada com Francisco de S. Payo, passou de Parnahyba para Cuyabá.

4—4 Antonia Preta, casada com Marcos da Silva, moradores de Itú, com filha unica chamada Maria.

3—5 Angelo Preto, falleceu nas Minas Geraes, onde era morador.

3—6 Francisco Preto de Godoy, falleceu nas Minas Geraes, onde era morador. Casou em Itú a 30 de Março de 1704 com Maria de S. Payo, filha de André de S. Payo, e

de sua mulher D. Anna de Quadros, em titulo de Arrudas, n.....cap.....

3—7 Anna Maria de Godoy. natural de Parnahyba, falleceu com testamento a 25 de Maio de 1739, solteira. (Rez. eccles. de S. Paulo, testamentos A, maço 1.º n. 35).

3—8 Maria José, falleceu solteira na Parnahyba.

3—9 Isabel Velha de Godoy, casou com Antonio Corrêa, ella falleceu com testamento em 1699. (Resid. de S. Paulo da ouvidoria, testamento de Isabel Velha de Godoy). E teve tres filhas. Isidora Pereira, Maria de Godoy e Benta Dias.

3—10 João de Godoy, casou com Luzia Leme, que falleceu na Parnahyba a 21 de Dezembro de 1699 (filha de Aleixo Leme de Alvarenga, e de sua mulher Anna de Proença). Ouvidoria de S. Paulo, testamento de Luzia Leme. E teve cinco filhos.

4—1 Aleixo Leme.

4—2 João de Godoy Pinto, falleceu na Parnahyba com testamento a 25 de Fevereiro de 1743, casado com Catharina Leite. (Orph. de S. Paulo, inventarios, letra F n.646.

4—3 João de Godoy.

4—4 .... casada com Sebastião Francisco.

4—5 N....

§ 2.º

2—2 Fr. Fernando, religioso franciscano da provincia da Conceição do Rio de Janeiro, foi baptizado na matriz de S. Paulo a 3 de Fevereiro de 1641.

§§ 3.º e 4.º

2—3 Antonio, baptizado a 24 de Maio de 1643, e falleceu logo.

2—4 Balthasar Velho de Godoy, foi baptizado em 1644.

§ 5.º

2—5 Manoel Velho de Godoy, foi baptizado no 1.º de Setembro de 1646. Foi casado com Estefania de Quadros, filha de Balthasar de Quadros: em titulo de Quadros, cap. 3.º § 8.º, e em titulo de Lemes, cap. 2.º § 6.º Manoel Velho falleceu com testamento em 1671 a 26 de Dezembro, na Parnahyba. (Orph. letra B n. 227.)

§§ 6.º 7.º 8.º

2—6 Fr. Placido, religioso benedictino na provincia do Brasil.

2—7 O padre Jorge Moreira de Godoy, clerigo, foi vigario da villa de Mogy das Cruzes.

2—8 Francisco Jorge, casou...

§ 9.º

2—9 Thomé Moreira Velho, fez assento na villa Mogy das Cruzes, onde sempre teve as redeas do governo politico da republica gozando uma igual veneração e respeito, não só d'aquelles moradores, mas tambem de todos os ministros e generaes, que passavam por aquella villa. Foi sargento-mór do terço dos auxiliares do mestre de campo Domingos da Silva Bueno pelo general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com o qual posto marcha em 16 de Setembro de 1711 para a villa de Santos, sendo governador alli Manoel Gomes Barbosa, que se achava ameaçada dos francezes. Falleceu na villa de Mogy com testamento a 26 de Outubro de 1728, e foi casado com Nataria Gomes, natural da villa de Santos, que falleceu com testamento a 31 de Outubro de 1719. (Cartorio de orph. de Mogy, maço 1.º de inventarios, letra N n. 3, letra T n. 4),

filha de João Gomes Villas Boas, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Jacome, natural de Santos legitima descendente de Gonçalo Pires Pancas, que na villa de Santos foi progenitor tambem por dita Maria Jacome dos PP. Sebastião Alvez, Claudio Gomes, e Paschoal Gomes, jesuitas, todos irmãos, e de Fr. Paschoal de Encarnação, franciscano, filhos de Antonio Alves e de sua mulher Maria Gomes, a qual era irmã direita de Nataria Gomes, mulher de Thomé Velho Moreira. (A. 312.)

E teve nascidos em Mogy dez filhos.

3—1 João de Godoy Moreira, casou em S. Paulo a 28 de Agosto de 1695 com Urbana Pereira, filha de Francisco Pereira do Faro, e de Anna Maria de Oliveira.

3—2 Francisco de Godoy, casou com Adriana Barreto : em titulo de Moraes, cap. 2.° § 3.° n. 3—3, 4—5.

3—3 Florentino de Godoy, casou.

3—4 Antonio Moreira Villas Boas, casou com Maria de Jesus : em titulo de Pires, cap. 5.° § 8.°, n. 3—2.

3—5 Balthasar de Godoy Moreira, casou com Anna Pinheiro : em titulo de Pires, cap. 5.° § 8.° n. 3—2.

3—6 Maria Jacome, casou em Mogy com Antonio Portes d'El-Rey. Casamentos de Mogy. n. 41.

3—7 Maria Moreira, mulher de Placido Cordeiro de Vasconcellos.

3—8 Domingas Moreira, mulher de Verissimo Cordeiro D. 19 Mogy.

3—9 Thomé Moreira Velho, foi sargento-mór, casado com Maria Gomes. E teve entre outros filhos.

4—1 Thomé Moreira, que falleceu em S. Paulo em Setembro de 1731, e foi casado com Branca das Neves, irmã do padre João Martins Bonilha : em titulo de Moraes, cap. 2.° § 6.° n. 3—3 e seg., a qual tinha fallecido em Agosto do

mesmo anno de 1731, (Orph. de S. Paulo, letra T, n. 1.°) E teve dez filhos :

5—1 D. Isabel Barbosa, mulher de Estanisláo de Toledo Piza.

5—2 Branca das Neves.

5—3 Angela.

5—4 Maria.

5—5 Rosa.

5—6 Miguel de Godoy Moreira.

5—7 Lourenço.

5—8 Francisco de Godoy.

5—9 Thomé Moreira.

5—10 João.

3—10 Veronica, muda, falleceu solteira.

§§ 10 e 11

2—10 João de Godoy Moreira. Falleceu solteiro.

2—11 Leonor Jorge, casou com Sebastião da Fonseca Pinto,de qualificada nobreza, natural da villa de Figueira, junto da foz do Rio Mondego, filho de Manoel Martins,e de sua mulher Maria da Fonseca. Falleceu com testamento em Mogy a 28 de Outubro de 1719. (Cartorio da ouvidoria de S. Paulo, maço dos testamentos do reziduo, o de Sebastião da Fonseca Pinto.) E teve sete filhos :

3—1 Fernando de Godoy Moreira.

3—2 Sebastião da Fonseca Pinto.

3—3 Manoel da Fonseca, casou com Marianna de Freitas : em titulo de Camargos, cap. 7.° § 1.° n. 3—1.

3—4 Marco da Fonseca Pinto, casou com Victoria Gomes, natural da villa de Santos, pais do P. M. Fr. Sebastião, carmelita.—M. n. 85.

3—5 Martinho da Fonseca.

3—6 Anna de Godoy Moreira, casou em Mogy a 3 de Setembro de 1679 com Domingos Freire de Figueiredo (Casamentos de Mogy n. 19), natural de Ponte de Lima, filho de Gonçalo Freire, e de Domingas de Figueiredo. (Mogy D. 18.—S. Paulo 135).

3—7 Isabel da Fonseca, mulher de João Portes d'el-Rey, e teve duas filhas:

4—1 Anna, casou com Antonio Fernandes.

4—2 Isabel, casou com João Fernandes.

2—12 Maria Jorge, casou com Antonio Leite Ferreira, natural de. . . .

3—1 Luzia Moreira, natural de Parnahyba, falleceu em Mogy a 7 de Maio de 1739; foi casada com Antonio de Siqueira Caldeira, que falleceu com testamento no 1.° de Junho de 1726, natural de S. Paulo filho de Antonio de Siqueira Caldeira, e de sua mulher Anna de Goes, E teve seis filhos. (Mogy A 24—L. 25.

4—1 Amaro Leite.

4—2 Apparicio Leite.

4—3 João Leite.

4—4 Domingos Leite.

4—5 José Leite.

4—6 Manoel Moreira.

4—7 Maria Moreira.

§ 13.°

2—13 Paula Moreira, foi casada com Luiz Mendes de Vasconcellos, que falleceu em Mogy em Julho de 1716. (Cartorio de orph. maço 1.° do inventarios, letra L n. 4.°). Com testamento que se acha na ouvidoria de S. Paulo, e por elle consta mandar se sepultar em jazigo proprio, que tinha na capella-mór da igreja dos religiosos do convento

do Carmo da villa de Mogy por escriptura celebrada em 1683. Foi natural do Porto, filho mais velho de Diogo de Araujo Ferraz, cidadão do Porto, e de sua mulher Marianna Freire de Vasconcellos; moradores em casas proprias na rua chã, senhores da quinta de Palhares na freguezia de S. Maria de Penha Longa, conselho de Bemviver, pelo Douro acima; e fallecendo sua mãi Marianna Freire em 1676 se repartiu a fazenda com o testador Luiz Mendes e seu irmão o doutor João de Araujo Ferraz, e dois irmãos mais. E teve onze filhos.

3—1 João de Araujo Ferraz, casou com Mauricia da Silva.

3—2 Diogo de Araujo, morador em Jacarehy, onde falleceu. Com geração.

3—3 Balthazar de Godoy Moreira, morador na Conceição, onde falleceu. Com geração.

3—4 Luzia Moreira.

3—5 Maria Jorge.

3—6 Anna do Monte Carmelo.

3—7 Isabel, falleceu solteira em Mogy.

3—8 Josepha de Araujo, casou com Thomé Pimenta de Abreu, natural de Mogy, filho de. . .

E teve nascidos em Mogy:

4—1 Thomé Pimenta de Abreu, sargento-mór das ordenanças de Mogy por patente do general D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão em 1767, casado com . . . . em titulo de Quadros Cunhas Gagos.

4—2 N. . . mulher de Manoel Rodrigues da Cunha, capitão-mór da villa de Mogy,

4—3 Escolastica de Godoy de Araujo, foi casada com Manoel Carvalho Pinto, natural da Granja de Biocas, freguezia de S. Thomé de Covellas, bispado de Lamego, filho do Manoel de Magalhães Pinto, e de sua mulher Theresa

de Seixas de Carvalho, natural da mesma Granja de Biocas. Neto pela parte paterna de Belchior de Magalhães Pinto, assistente na sua quinta do Bairal freguezia de Antiade, natural de Couvellos, conselho de S. Marinho de Mouros; (filho de Belchior Pinto, senhor da quinta do Bairal, conselho de Aregos, e de sua mulher Maria Leitão de Magalhães da quinta de Barral), e de sua mulher Maria Pinto de Seixas, filha unica; pela qual é bisneto de Paulo Machado Pinto, (filho de Gaspar Pinto Machado, senhor da quinta do Barral e de sua mulher Agueda Cardoso Botelho, moradora da sua quinta do Bairal) e de sua mulher Maria de Seixas Pinto; filha de Antonio Pinto de Seixas, natural da villa do Paço, e de sua mulher Joanna de Almeida, natural da Villa Real. (* Esta narração é de uma arvore formada pelo A, á qual remette para se ver, pois só tinha posto o nome de Manoel Carvalho Pinto.) E teve:

5—» Bartholomeu de Carvalho Pinto.

4—4 N . . . . mulher de Verissimo João de Carvalho.

3—9 Barbara Sanhuda, falleceu com testamento a 11 de Abril de 1722, (Ouvidoria de S. Paulo. testamento de Barbara Sanhuda.)

3—10 Marianna Freire de Vasconcellos, casou com Jorge da Costa Pinna, natural de Setubal. (Mogy, I, 52) caz. n. 30.

3—11 Luiz, falleceu menino.

§ 14º ultimo.

2—14 Isabel Rodrigues, casou em S. Paulo com Lucas de Camargo, natural e cidadão de S. Paulo. Em titulo de Camargos, cap. 1.º § 6.º Com geração.

CAPITULO III

1—3 Gaspar de Godoy Moreira, natural e cidadão de S. Paulo, e capitão em 1647, falleceu alli com testamento a 30 de Abril de 1658 (Cart. de orphãos, maço 1.º de inventarios, letra G.), e foi casado duas vezes: primeira na matriz de S. Paulo a 30 de Abril de 1634 com Anna de Alvarenga, que falleceu com testamento a 18 de Abril de 1698 (Orphãos, maço 3.º de inventarios, letra A.), filha de Pedro da Silva, e de sua mulher Anna de Alvarenga: em titulo de Alvarengas, cap. 6.º, § 1.º: segunda vez casou com Anna Lopes Moreira, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 7 de Janeiro de 1679, Orphãos, maço 1.º, letra A.), filha de Gaspar Gonçalves Ordonho, natural de Itanhaen, e de sua mulher Anna Moreira, natural de S. Paulo, que falleceu a 9 de Março de 1692, e foram pais do padre Cosme Gonçalves Moreira, clerigo de S. Pedro. Neta pela parte paterna de Diogo Gonçalves, e de sua mulher Anna Lopes, ambos naturaes de Itanhaen, e elle foi filho do fundador e povoador d'esta villa João Rodrigues Castelhanos em 1549; e ella foi filha tambem do povoador e fundador da mesma villa Christovão Gonçalves; como tudo se vê no cartorio da provedoria da fazenda real de Santos, livro de registros de sesmarias, titulo 1.º, pag. 144. E livro 1562, pag. 151, na sesmaria concedida em Itanhaen a João Rodrigues Castelhanos, para fundar e povoar villa em Itanhaen. E pela parte materna foi neta de Jorge João, natural de Portugal, que veio ao Brasil em praça de alferes da companhia do capitão Diogo Gonçalves Laço, que a S. Paulo chegou (vindo da Bahia mandado por D. Francisco de Sousa, setimo governador do Estado a descobrimentos de ouro, e prata), em 1598, e o dito alferes estava já casado com Maria Moreira em 1599,

como temos mostrado em titulo de Moreiras, n. 1, cap. 4.°, § 1.°, com a sua descendencia, e ascendencia de sua mulher Maria Moreira. E teve dez filhos.

Do primeiro matrimonio.

§ 1.° Gaspar de Godoy Moreira.
§ 2.° Ignacio Moreira de Godoy.
§ 3.° Balthazar de Godoy Moreira.
§ 4.° Anna Ribeiro de Alvarenga.
§ 5.° Paula Moreira.

Do segundo matrimonio.

§ 6.° Gaspar Gonçalves Moreira.
§ 7.° Jorge Moreira de Godoy.
§ 8.° José de Godoy.
§ 9.° O padre Joaquim de Godoy Moreira.
§ 10 Anna Moreira.

§ 1°

2—1 Gaspar de Godoy Moreira o *Tavaymana* de alcunha, que quer dizer cara frangida, foi cidadão de S. Paulo e da villa de Parnahyba, e pessoa de muita autoridade, falleceu com testamento a 13 de Outubro de 1693 (Cart. de orphãos de Parnahyba, maço de Inv. letra G., n. 369) casou duas vezes: primeira com Custodia Moreira, irmã direita do padre Cosme Gonçalves Moreira, de quem já tratamos n'este mesmo capitulo terceiro, natural de S. Paulo. E teve oito filhos: segunda vez com Maria Barbosa, natural de S.Paulo, filha de Francisco Barbosa Rebello, natural de Vianna, que falleceu em S. Paulo, com testamento a 31 de Julho de 1685 (Orphãos de S. Paulo, Inv. maço 2.°, letr. F., n. 37) e de sua mulher Catharina Moniz, natural

da villa de S. Vicente, neta por parte paterna de Thomé Rebello Carneiro, e de sua mulher Catharina Barbosa: e pela materna, neta de Pedro de Sousa Moniz, e de sua mulher Catharina Vieira, como consta do testamento de Francisco Barbosa Rebello já citado. Este casou segunda vez com Francisca da Silva, filha de Gonçalo Lopes, e de Catharina da Silva, em S. Paulo, de quem teve cinco filhos. E do segundo matrimonio teve cinco filhos: e por todos treze filhos.

Primeiro matrimonio

3—1 Fr. Gaspar do Espirito Santo, carmelita calçado, occupou o lugar de prior de alguns conventos, e está sepultado na cidade de S. Paulo.

3—2 Fr. José Moreira de Godoy, foi carmelita calçado com grande veneração na sua provincia, e occupou o lugar de prior em alguns conventos. Passou a Minas Geraes, de onde se recolheu com cabedal, que soube empregar nos ricos ornamentos de tella branca de ouro, que ainda hoje existem no convento de S. Paulo, onde jaz sepultado.

3—3 João de Godoy Moreira, falleceu na Parnahyba, solteiro (Cart. de orphãos, inv. letr. I. n. 393).

3—4 D. Maria Gomes Moreira, casou com o capitão de infantaria Bartholomeu Paes de Abreu; sem geração. E o dito capitão casou segunda vez com D. Leonor de Siqueira, filha do capitão mór governador e alcaide mór Pedro Taques de Almeida.

3—5 Balthazar de Godoy Moreira, falleceu solteiro na Parnahyba. Inv. I. n. 393.

3—6 D. Anna Moreira de Godoy, baptizada em S. Paulo a 12 de Março de 1661, casou com o coronel Pedro de Moraes Raposo, natural de S. Paulo, morador de S. João

d'El-Rei, onde falleceu. Em titulo de Moraes, cap. 3.º, com geração.

3—7 Antonio de Godoy, falleceu solteiro: orphãos de Parn. letr. I., n. 393.

3—8 Catharina de Godoy Moreira, casou com Manoel Monteiro Chassim, natural de S.Paulo: em titulo de Chassins, cap. 4.º, com geração.

Segundo matrimonio.

3—9 Isabel da Silva.

3—10 Francisco Barbosa, falleceu solteiro nas minas de Gorapiranga em 1722, sendo vigario o padre Guilherme da Silva Nogueira, que lhe fez o officio de corpo presente.

3—11 Pedro da Silva.

3—12 Januario de Godoy Moreira, casou em Parnahyba com D. Theresa Leite da Silva, filha do guarda-mór João Leite da Silva Ortiz, descobridor das minas de Goyazes: em titulo de Lemes, cap. 5.º § 5, n. 5—3, com geração.

3—13 Maria da Silva.

§ 2º e 3º

2—2 Ignacio Moreira de Godoy.

2—3 Balthasar de Godoy Moreira, e depois Fr. Balthasar do Monte Carmelo, carmelita calçado, e vigario de S. João da Atibaya, tendo sido antes coadjutor da matriz de S. Paulo.

§ 4º

2—4 Anna Ribeiro de Alvarenga, casou com Bernardino de Chaves Cabral, (foi senhor da fazenda no caminho dos Pinheiros, que passou a ser de Margarida de Oliveira,)

natural e cidadão de S. Paulo onde falleceu com testamento, que existe no cartorio ecclesiastico ; foi irmão de Isabel da Costa, mulher de Tristão de Oliveira, de Beatriz Dinis, mulher de Alberto Lobo, e de outros; e todos foram filhos de Manoel da Costa do Pino, que falleceu na Parnahyba em 1653, e de Antonia de Chaves, que falleceu a 23 de Dezembro de 1639, filha de Domingos Dias,o moço,e de Clara Diniz. (Parnahyba A 7, M 5.) Clara Diniz foi filha do almoxarife Christovão Diniz, e Maria Camacho. Domingos Dias o moço foi filho de Domingos Dias, (Testamentos de S.Paulo, letra D.) E teve, naturaes de S. Paulo, oito filhos.

3—1 Bernardo de Chaves Cabral, casou com D. Maria Garcia, natural de Parnahyba, irmã direita do guarda-mór Maximiano de Oliveira Leite, professo da ordem de Christo: em titulo de Lemes, cap. 5.º §. . na descendencia do governador Fernão Dias Paes Leme. Antes de casar teve uma filha havida em mulher solteira de qualidade, da familia dos Cerqueiras Tavares, e se chamou Joanna de Godoy Moreira, que se creou em casa de sua tia a beata Anna do Espirito Santo, e casando com João Mendes, (irmão do padre Paschoal Mendes, e de Filippe Mendes, e de José de Passos) teve dois filhos. Bernardo Mendes da Silva, que existe casado com Antonia Luiza : em titulo de Pachecos Jorges, cap. 3.º § 7.º, e Maria Mendes, mulher de Francisco Gomes, que já falleceu.

3—2 João de Godoy Moreira, casou com D. Barbara Paes de Queiroz, irmã do sobredito guarda-mór Maximiano de Oliveira Leite. Em titulo de Lemes, cap. 5.º na descendencia do governador Fernão Dias Paes, e alli com oito filhos.

3—3 Isabel Rodrigues Cabral, casou na matriz de S. Paulo a 16 de Fevereiro de 1697 com Francisco de Barros: em titulo de Freitas, cap. 5.º § 1.º n. 3—1.

3—4 Paula Moreira, falleceu solteira.

3—5 Anna do Espirito Santo, falleceu, beata carmelita, em S. Paulo, senhora das casas, qua ao presente são de José da Costa.

3—6 Ignacio Moreira de Alvarenga, morador no sitio dos Pinheiros de S. Paulo, casado com Anna Barreto de Almeida: em titulo de Alvarengas, cap. 5.º § 1.º n. 3—16 4—1, 5—1.

3—7 Joanna de Godoy, casou em S. Paulo a 19 de Abril de 1700 com Luiz de Barros Freire, filho de Luiz de Barros Freire: em titulo de Freitas, cap. 5.º § 1º n. 3—2. Com geração.

3—8 Antonia de Godoy, falleceu solteira em S. Paulo.

2—5 Paula Moreira, baptizada a 12 de Outubro de 1647, casada com Luiz Rodrigues Cavallinho. Sem geração.

2—6 Gaspar Gonçalves Moreira, foi paulista de uma grande veneração e igual respeito por suas virtudes moraes, e tratamento que teve, como potentado e abundante de cabedaes, que os soube despender com utilidade do bem publico e particular de muitas casas pobres, que soccorria. Fez o seu estabelecimento no sitio de Araçariguama na sua fazenda de culturas. Casou com D. Custodia Paes, filha do governador Fernão Dias Paes Leme, de quem não teve filhos : em titulo de Lemes, cap. 5.º § . . . Falleceu com testamento a 30 de Maio de 1727, e deixou em dinheiro varias legados ás irmandades de Parnahyba, e o remanescente a uma filha de seu sobrinho direito o sargento-mór José Moreira da Silva, de quem fazemos menção adiante. A sua fazenda de cultura ficou ao mosteiro de S. Bento de Parnahyba, por morte de D. Custodia Paes.

§ 7º

2—7 Jorge Moreira de Godoy, baptizado a 30 de Março de 1657. Foi de grande respeito e veneração, que sempre teve as redeas do governo da republica assim da patria, como da villa de Parnahyba : acabou com patente de coronel do regimento das ordenanças de S. Paulo e villas da sua jurisdicção. Falleceu com testamento em 1725, tendo sido casado com D. Isabel Paes, filha do governador Fernão Dias Paes Leme, em titulo de Lemes, cap. 5.º § . . . a qual havia já fallecido a 30 de Novembro de 1716. (Cartorio de orph. de Parnahyba, inventarios letra I n. 502.) E teve nascidos em Parnahyba quatro filhos.

3—1 Pedro Dias Paes.

3—2 José Moreira da Silva, que do posto de sargento-mór passou a coronel do regimento das mesmas ordenanças de que era major, Teve um grande respeito na patria e fóra d'ella, e correndo os annos se passou de casa mudada para as Minas Geraes, e fez assento em Gorapiranga, onde falleceu, a alli tem geração das filhas, que levou de Parnahyba.

3—3 D. Anna da Silva, casou primeira vez com Francisco Carvalho Soares, capitão de infantaria do presidio da cidade do Rio de Janeiro, e ella falleceu na villa de Parnahyba. (Cartorio de orph. inventarios, letra A n. 552.) E teve tres filhos do primeiro matrimonio. Casou segunda vez com João de Godoy e Almeida, seu parente, de quem só teve uma filha ; era filho do capitão Antonio de Godoy Moreira, e de sua mulher D. Anna de Lima, irmão do R. doutor Guilherme Pompêo : em titulo de Taques, cap. 2.º § 3.º n. 3—3. E teve de ambos os matrimonios quatro filhos.

1º matrimonio.

4—1 Francisco de Carvalho Soares.
4—2 Jorge Moreira de Godoy.
4—3 D. Isabel Paes, mulher de Lourenço Corrêa de Lemos.

2º matrimonio.

4—4 D. Rita de Godoy, mulher de João de Mattos Raposo.
3—4 D. Maria Garcia, não sabemos que estado teve.

§ 8º

2—8 José de Godoy Moreira, nasceu a 4 de Abril de 1653, seguiu os estudos de grammatica latina, porque seus pais o destinavam para clerigo, Casou-se com D. Lucrecia Leme, que falleceu em S. Paulo em 1681, (Cartorio de orph. inventarios,maço 1.º, letra L. n. 32), filha de Simão Ferreira Delgado, natural da Bahia, e capitão de infantaria d'aquelle presidio, professo da ordem de Christo, e de sua mulher D. Isabel Paes da Silva, irmã do governador Fernão Dias Paes, em titulo de Lemes, cap. 5.º § . . . E teve filha unica, D. Maria Leme das Neves, que na matriz de S. Paulo em 8 de Abril de 1698 casou com Timotheo Corrêa de Goes, provedor proprietario da fazenda real e contador d'ella, vedor da gente de guerra da praça de Santos e juiz da alfandega: em titulo de Lemes, cap. 5º § . . . Com sua descendencia. José de Godoy Moreira depois de viuvo, ordenou-se de presbytero de S. Pedro na cidade da Bahia, e achando n'ella uma aceitação de applauso e estimação, fez n'ella assento, e fundou uma opulenta fazenda na villa de Cachoeira, de cujos redditos

tirou grande cabedal, que herdou sua filha D. Maria Leme das Neves.

§ 9º e 10

2—9 Joaquim de Godoy, ordenou-se de presbytero de S. Pedro. (Camara episcopal de S. Paulo, *generes*, letra I.

2—10 Anna Moreira, baptizada ao 1.º de Novembro de 1654, foi casada com Simão de Vasconcellos da Silva, alferes de infantaria da praça de Santos, que falleceu de um tiro em 1675 em S. Paulo; sem geração. Cartorio do 1.º tabellião maço de inventarios, letra I.

CAPITULO IV.

1—2 João de Godoy Moreira, foi um cidadão que em S. Paulo sua patria teve sempre o primeiro voto no politico e civil governo da republica como pessoa de grande autoridade, respeito e veneração. Viveu abundantissimo em cabedaes, e com uma fazenda de culturas, onde as vinhas lhe davam o vinho com muita fartura. Falleceu com testamento a 20 de Março de 1665. (Cartorio de orph. maço 1.º de inventarios, letra I n. 5). Foi casado com Eufemia da Costa Motta, natural da villa de S. Vicente, como temos por mais seguro, irmã direita do capitão-mór e governador de Itanhaen (sendo capitania) Vasco da Motta, pelos annos de 1639, e do R. Antonio Roposo, que passou a Roma, a absolver-se da irregularidade pela morte, que fez a um seu freguez, sendo parocho collado da igreja da villa de S. Vicente, da qual havia tomada posse a 9 de Julho de 1611 ; e tendo feitos distinctos serviços ao Sr. rei D. Pedro II sendo principe regente (o mandou da côrte de Lisboa ao Maranhão a encontrar-se com a tropa dos pau-

listas, que commandava Sebastião Paes de Barros, que de S. Paulo tinha penetrado o sertão até o rio Tocantins, pelos annos de 1674, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino, no livro titulo Registo das cartas do Rio de Janeiro 1673 pag. 5), lhe fez mercê da abbadia de S. Maria Magdalena de Chavians no Minho que tinha vagado por morte do abbade Francisco de Lira de Castro, por alvará de apresentação datado em 19 de Julho de 1681, que se acha registrado no livro de apresentações da casa de Bragança a fl. 46 do livro da Chancel., titulo 1652 pag. 417, o qual alvará se acha nos autos de *genere* do padre Lobo Rodrigues Velho na camara episcopal letra L. E renunciando depois esta abbadia se recolheu a chorar peccados na religião dos carmelitas descalços, em Portugal, onde acabou com grande opinião. Esta Eufemia da Costa foi filha de Athanasio da Motta que levou em dote de casamento os officios de escrivão da fazenda real e alfandega da villa de Santos, de que era proprietario seu sogro, e de sua mulher Luzia Machado, natural da villa de Santos. Neta pela parte paterna de Vasco Pires da Motta, natural de Portugal, (filho do doutor Aniceto Vaz da Motta, e de sua mulher D. Filippa de Sá), e de sua mulher Filippa Gomes da Costa, natural da villa de S. Vicente, e por ella bisneta de Estevão da Costa, natural de Barcellos, senhor da quinta da Costa, e de sua mulher D. Isabel Lopes de Sousa, filha não legitima do fidalgo Martim Affonso de Sousa, donatario da capitania de S. Vicente com cem leguas de Costa. E pela parte materna neta de Simão Machado, um dos primeiros e nobres povoadores da villa de S. Vicente, vindo com o fidalgo Martim Affonso de Sousa em 1531; e el-rei D. João III lhe fez mercê de propriedade para seu filho ou filha dos officios de escrivão da fazenda real e alfandega com orde-

nado, e de sua mulher Maria da Costa, natural de S. Vicente, e por ella bisneta de Martim da Costa, natural da villa de Barcellos, e de sua mulher Maria Colaço, natural de S. Vicente, e por ella ter-neta de Pedro Colaço, natural da villa de Vianna do Minho, que foi capitão-mór e governador da capitania de S. Vicente pelos annos de 1561 até 1565, e de sua mulher Brisida Machado, que foi natural de S. Vicente, e filha de Ruy Dias, que veio em 1531 com o sobredito fidalgo Martim Affonso, e de sua mulher Cicilia Rodrigues. Toda esta ascendencia aqui referida de Eufemia da Costa Motta consta dos autos de *genere* na camara episcopal de S. Paulo, letra A. os de Antonio de Godoy Moreira, e letra P, os de Pedro de Godoy Moreira, e letra A, os de Angelo de Siqueira. Falleceu em S. Paulo dita Eufemia da Costa Motta com testamento a 27 de Fevereiro de 1678. (Cartorio de orph. maço 1.º de inventarios, letra E, n. 5.) E teve nascidos em S. Paulo, doze filhos:

§ 1.º Jorge Moreira.
§ 2.º Fr. Balthazar do Rosario, carmelita.
§ 3.º Antonio de Godoy Moreira.
§ 4.º O padre Pedro de Godoy, clerigo.
§ 5.º Balthazar de Godoy.
§ 6.º O padre João de Godoy Moreira, clerigo.
§ 7.º O padre Francisco de Godoy, clerigo.
§ 8.º Fernando de Godoy.
§ 9.º Maria Colaça.
§ 10. D. Isabel de Godoy.
§ 11. Gaspar de Godoy Colaço, tenente de general.
§ 12. Sebastiana de Godoy.

§ 1º

2—1 Jorge Moreira, cidadão de S. Paulo e um dos seus respeitados republicanos. Falleceu com testamento em 2

de Agosto de 1711(Ouvidoria de S.Paulo,rezid.,testamento de Jorge Moreira), e foi casado com Isabel Garcez de Siqueira, natural de S. Paulo, irmã direita do licenciado o padre Matheus Nunes de Siqueira,protonotario apostolico, vigario da vara de S. Paulo e visitador do bispado pelos annos de 1677, fundador da capella do Senhor Bom Jesus, sita na sé da cidade de S. Paulo ; e se destruiu a dita capella com a construcção da nova igreja por diversa symetria, em que estava a antiga, e por isso ficou a sagrada imagem collocada em um altar, e é o primeiro a entrada do templo da parte da epistola : filha de Aleixo Jorge, natural da Arrifana de Sousa, e de sua mulher Maria de Siqueira Nunes, natural de S. Paulo. Falleceu dita Isabel Garcez com testamento ao 1.° de Dezembro de 1712. (Cartorio de orph. maço 4.° de inventarios, letr. I, E rezid. de S. Paulo, o testamento de Isabel Garcez) E teve, naturaes de S. Paulo, sete filhos.

3—1 João de Godoy Garcez, falleceu solteiro com testamento em S. Paulo a 12 de Março de 1716 como consta no cartorio dos orph. maço 4.° de inventarios, letra I, n. 12.

3—2 Aleixo Jorge Moreira, falleceu solteiro em muito avançada idade em 7 de Dezembro de 1720. (1.° cartorio de notas de S. Panlo, maço de inventarios, letr. I.

3—3 Jorge Moreira Garcez, casou duas vezes, primeira com Anna de Lima: em titulo de Barbosas Limas: segunda com Anna das Neves, filha de Lourenço Corrêa de Moraes, e de sua mulher Maria Freire. Em titulo de Moraes. E teve :

1° matrimonio.

4—1 Angelo de Godoy.

2° matrimonio.

4—2 Ignacio.

4—3 Maria.

3—4 Pedro de Godoy Moreira, falleceu solteiro estuporado em avançada idade, em 1724.

3—5 Maria de Godoy de Siqueira, falleceu em S. Paulo com testamento a 30 de Junho de 1690, casada com Manoel Garcia Bernardes. (Orph. de S. Paulo, maço 1.° de inventarios, letr. M n. 18). E teve :

4—» Jorge Garcia de Siqueira, que casou em Nazareth.

3—6 Isabel Garcez Moreira, falleceu em S. Paulo com testamento a 20 de Maio de 1702, e casou duas vezes ; primeira com Antonio de Miranda, o qual falleceu em S. Paulo em 1697. (Cartorio de orph. de S. Paulo, maço 4.° de inven. letr. I. E maço 1.° letr. A, n, 47.) Segunda vez com Marcelino Ribeiro Cardoso, que falleceu no Atibaia a 7 de Janeiro de 1724, natural de S. Paulo, filho de Francisco Pinheiro Gordi, e de sua mulher Maria Vaz Cardoso. (Orph de S. Paulo, maço 3.° letr. M n. 37.) E teve :

1° matrimonio.

4—1 Maria de Miranda de Godoy, mulher de Manoel da Costa de Oliveira. Com geração.

4—2 Isabel Garcez de Godoy, casou com Gaspar Ribeiro Salvago, natural de S. Paulo. Com geração.

4—3 João de Miranda de Godoy, casou com Catharina Ribeiro, irmã de Gaspar Ribeiro Salvago acima. Com geração.

2º matrimonio.

4—4 Francisco Pinheiro Garcez, casou em S. João do Atibaia.

3—7 Anna Moreira de Godoy, casou na matriz de S. Paulo a 11 de Abril de 1695 com Christovão da Cunha Rodrigues, natural de S. Paulo, filho de Manoel Rodrigues Lopes, (irmão de João Rodrigues, e de Sebastião Rodrigues, marido de Anna Gordilho ; e de Maria de......... mulher de em Rodrigues Lopes, cap 1.º § unico), e de sua mulher Domingas da Cunha, natural de S. Paulo, que falleceu com testamento a 18 de Junho de 1716. que era irmã inteira de Catharina de Onhatte, mulher de Antonio Lopes de Medeiros ; em titulo de Cunhas Gagos, cap. 1.º § 4.º n. 3—12. E ahi mesmo os tres filhos, que foram :

4—1 Gregorio Garcez da Cunha, casado com D. Branca de Toledo, filha do capitão-mór D. Simão de Toledo : em titulo de Toledos, cap. 2.º, § Elle falleceu no arraial do Pilar de Goyazes.

4—2 João de Godoy Moreira, casou com Antonia Furtado Pinheiro, filha de João Pinheiro do Prado, e de sua mulher Juliana Maciel. João de Godoy, falleceu com testamento em S. Paulo, no 1.º de Janeiro de 1734 (Orphãos, maço 5.º, letr. I.). E teve cinco filhos.

5—1 Anna Maria.

5—2 Catharina.

5—3 Christovão.

5—4 João.

5—5 Angelo.

4—3 Aleixo Garcez da Cunha, que existe em 1769, casado com Catharina Pedroso, natural de S. Paulo, filha do capitão João Vaz dos Reis, e de sua mulher Anna Maria da Cunha : em titulo de Prados, cap. 6.º, § 2.º,

ns. 3—10, 2—3, 5—7. E teve tres filhos, naturaes de S. Paulo. (* Eu copío estes tres numeros, e os dos filhos do titulo de Cunhas.)

5—1 João de Godoy dos Reis, que falleceu no arraial de Meia Ponte da comarca de Villa-Boa de Goyazes. Foi casado com Maria Franca da Cunha, filha do tenente-coronel Antonio da Cunha de Abreu, e de sua mulher Maria Franca: em titulo de Cunhas Abreus; e em titulo de Pires, cap. 6.º, §. . . .

5—2 Christovão Garcez, que depois de presbytero secular é conhecido pelo padre Christovão Cezar Constantino, administrador proprietario da instituição da capella do Senhor Bom Jesus, sitio de Tayassupeva, termo da villa de Mogy das Cruzes; e se ordenou em Buenos-Ayres.

5—3 O padre Timotheo Garcez, foi para a Italia com os mais jesuitas, em cuja sociedade se achava. (* Existe em S. Paulo, em 1795 em casa do seu sobrinho.

§§ 2º e 3º

2—2 Fr. Balthazar do Rosario, carmelita calçado, foi á côrte de Lisboa tomar ordens por não haver bispo no Estado do Brasil.

2—3 Antonio de Godoy Moreira, casou duas vezes: a primeira com Sebastiana Leite, filha de Bento Pires Ribeiro, e de sua mulher Maria Forquim: em titulo de Forquim, § 8.º. Neta de Bento Pires Ribeiro, e de D. Sebastiana Leite: em titulo de Pires, cap. 5.º, § 7.º ou em Lemes, cap. 5.º, § 5.º.E teve quatro filhas. Casou segunda vez com D. Anna de Lima, irmã inteira do Rev. Dr. Guilherme Pompêo de Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap 2.º, § 3.º Com toda a sua descendencia

d'este segundo matrimonio. E do primeiro matrimonio teve quatro filhos.

3—1 Antonio Leite.

3—2 José Leite.

3—3 Eufemia da Costa, casou tres vezes: primeira, com José Peres; segunda, com Francisco de Almeida; terceira, com João de Almeida.

3—4 N., falleceu menino.

§ 4°

2 4 O padre Pedro de Godoy, clerigo, foi ordenar-se á côrte por mandado de seus pais, que como abastados não reparavam na grossa despeza que fizeram com os quatro filhos, que foram tomar ordens a Lisboa. Foi vigario da matriz de S. Paulo por provisão de 3 de Outubro de 1682 do bispo D. José de Barros e Alarcão.

§ 5°

2—5 Balthazar de Godoy, baptizado a 11 de Abril de 1648, foi paulista, que se fez recommendavel pelas suas moraes virtudes, que se fizeram dignas de geral applauso nas Minas Geraes, que as governou quanto a repartição das terras, como guarda-mór, que foi d'ellas no principio do seu descobrimento, e provedor dos reaes quintos. Casou no Rio de Janeiro com D. Violante Barbosa de Gusmão, irmã inteira do padre Alexandre de Gusmão, que foi reitor do collegio da villa de Santos, e jaz sepultado no de S. Paulo; filha de Gonçalo Ribeiro Barbosa, natural de Vianna, professo da ordem de Christo, proprietario do officio de escrivão da ouvidoria e correição do Rio de Janeiro e S. Paulo, onde se achou com o

Dr. ouvidor geral Pedro de Mestre Portugal no anno de 1660: em titulo de Camargos, cap. 2.º, no auto de união entre Fernão Dias Paes, Henrique da Cunha Gago, e José Ortiz de Camargo; e de sua mulher D. Urbana de Gusmão, natural da freguezia de S. Julião da cidade de Lisboa; irmã inteira do venerando padre Alexandre de Gusmão, fundador do seminario de Belém na Bahia, em cujo collegio falleceu com grande opinião de santidade a 14 de Março de 1724 com 95 annos de idade, e 78 de companhia. E teve nascidos em S. Paulo.

3—1 D. Francisca de Godoy Gusmão, que falleceu em 1761 em Juquiry, viuva de João de Macedo: em titulo de Arrudas, n. 1, cap. 6.º Com sua descendencia.

3—2 D. Joanna de Gusmão, casou com Bartholomeu Bueno da Silva, capitão-mór regente das minas dos Goyazes, e seu primeiro descobridor. Em titulo de Lemes, cap.... §.... Com geração.

§§ 6º, 7º 8º

2—6 O padre João de Godoy Moreira, tendo-se ordenado em Lisboa, alli falleceu de bexigas antes de voltar para a patria com seus irmãos.

2—7 O padre Francisco de Godoy, ordenou-se em Lisboa com seus irmãos.

2—8 Fernando de Godoy, suppomos, que falleceu solteiro.

§ 9º

2—9 Maria Colaço, falleceu com testamento na Parnahyba em 1690; casou duas vezes: primeira com Antonio Delgado da Silva, que falleceu em S. Paulo com

testamento a 22 de Setembro de 1664, (Orph. de S. Paulo maço 5.º de inventarios letra A. E cartorio 1.º de notas de S. Paulo, inventario de Antonio Delgado da Silva), natural de Setubal, filho de Bartholomeu Delgado, e de Maria Vieira de Girão sua mulher, herdeiro da capella do Alcochete, cujos rendimentos vencidos deixou o testador á sua mãi por fallecer sem herdeiros. Casou segunda vez com Antonio Garcia da Silva. (Cartorio de notas de Parnahyba, livro n. 34 fl. 68, o testamento de Maria Colaço). Sem geração.

§§ 10. e 11.

2—10 D. Isabel de Godoy, baptizada a 23 de Junho de 1652, casou com Diogo de Lara, irmão inteiro do capitão mór governador Pedro Taques de Almeida. Em titulo de Taques Pompêos, cap. 3.º § 5.º Com geração.

2—11 Gaspar de Godoy Colaço, foi tenente general por patente do Sr. rei D. Pedro II estando principe regente, quando entrou para a conquista do sertão de Vaccaria, que fica alem do Camapuã até a serra do rio do Paraguay. Foi este paulista tão benemerito, que fazendo-se muito distincto no real serviço, mereceu uma honrosa carta firmada pelo Sr. rei D. Pedro datada em 20 de Outubro de 1698, que se acha registrada na secretaria do conselho ultramarino, no livro titulo das cartas do Rio de Janeiro, anno 1673 fl. 5 e seg. Falleceu na Parnahyba com testamento a 9 de Dezembro de 1713. (Orph. de Parnahyba, inventarios da letra G, n. 467). Foi casado com D. Sebastiana Ribeiro de Moraes, natural de S. Paulo filha de Francisco Ribeiro de Moraes, e de sua mulher Anna Lopes, que era viuva de Gaspar de Godoy Moreira, de quem tratamos aqui no cap. 3.º Em titulo de Moraes, cap. 3.º § 2.º n.

3—5 ao n. 4—6. Com a descendencia do tenente general cujos serviços estão registrados em Parnahyba. Com geração.

§ 12 ultimo

2—12 Sebastiana de Godoy, casou em vida de seus pais com Antonio Cardoso, como consta dos testamentos dos ditos seus pais. Supponos que falleceu sem geração.

CAPITULO V.

1—5 Maria de Godoy, foi casada com o capitão João Fernandes Saavedra, natural de S. Paulo, (irmão de Constantino de Saavedra, que falleceu em S. Paulo em 1662, casado com Catharina de Candêa, de quem teve oito filhos; que compoem o titulo de Saavedras, que temos escripto); foi pessoa de tanta autoridade e bom conceito, que havendo grandes duvidas entre o povoador de Parnahyba. e fundador d'esta villa, André Fernandes, e os indios da aldêa Maruyri sobre terras do patrimonio da dita aldêa, mandou o governador geral do Estado do Brasil D. Hyeronimo de Ataide, conde de Atouguia por provisão sua datada na Bahia a 23 de Junho de 1656, que o capitão João Fernandes Saavedra fosse juiz da causa, pelas grandes informações que tinha da sua qualidade e merecimentos. (Camara de S. Paulo, livro de registros, titulo 1658 pag. 34). Falleceu na Parnahyba com testamento a 13 de Fevereiro de 1677 (Orph. maço de inventarios, letra I, n. 266). E teve nascidos em S. Paulo sete filhos;

§ 1.º Balthazar de Godoy Saavedra.
§ 2.º João de Saavedra.

§ 3.° Luiz de Saavedra.
§ 4.° Maria de Saavedra.
§ 5.° Isabel de Saavedra.
§ 6.° Paula Moreira.
§ 7.° Catharina de Saavedra.

§ 1.°

2—1 Balthazar de Godoy Saavedra, casou na matriz de S. Paulo a 21 de Maio de 1643 com Isabel Paes, filha de Pedro Paes, e de sua mulher Anna de Brito.

§§ 2.° e 3.°

2—2 João de Saavedra, confirmado o testamento de seu pai, sabemos, que casou, e foi muito contra a vontade do pai, porem não declara quem fora mulher de seu filho João Saavedra.

2—3 Luiz de Saavedra.

§ 4.°

2—4 Maria de Saavedra, casou na matriz de S. Paulo a 9 de Janeiro de 1637 com Antonio Preto, filho de Sebastião Preto, e de sua mulher Maria Gonçalves. Em titulo de Pretos, cap . . . § . . . E teve :

3—1 Juliana Antunes, que falleceu em S. Paulo, com testamento, a 17 de Março de 1682, casada com Manoel da Fonseca Osorio, o qual falleceu em 1681, (Orphãos de S. Paulo, maço 1° de inventarios, letra I, n. 33). E teve cinco filhos.

4—1 Maria da Fonseca, mulher de Mathias Rodrigues Silva.

4—2 Catharina da Fonseca Osorio, casou com

Aleixo do Amaral, filho, em titulo de Saavedras, cap. 4. § 1°. Com geração.

4—3 Isabel Antunes.

4—4 Antonio da Fonseca Osorio, morador em a villa de Mogy.

4—5 Manoel da Fonseca Osorio.

§ 5.º

2—5 Isabel de Saavedra, casou na matriz de S. Paulo, a 7 de Julho de 1640, com André Mendes Ribeiro (filho de Braz Mendes e de sua mulher Catharina Ribeiro). Falleceu em S. Paulo André Mendes, com testamento a 2 de Novembro de 1642 (Orphãos, maço 2º de inventarios, letra A). E teve cinco filhos.

3—1 Victoria.

3—2 Maria.

3—3 Catharina.

3—4 Veronica.

3—5 Sebastião.

§ 6.º

2—6 Paula Moreira, casou na matriz de S. Paulo a 23 de Agosto de 1639, com João Ribeiro de Proença, natural de S. Paulo, filho de Francisco de Proença e de sua mulher D. Isabel Ribeiro. Este Francisco de Proença, teve o fôro de cavalleiro fidalgo da casa real, como se vê no segundo cartorio de notas de S. Paulo nos autos de inventario de Francisco de Proença. Foi filho de Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz, duque da Guarda, e de sua mulher D. Maria Castanho, que foi filha de Antonio Rodrigues de Almeida, cavalleiro fidalgo: em titulo de Almeidas Castanhos. Isabel Ribeiro, foi fi-

lha de Estevão Ribeiro e de sua mulher Maria Duarte. Em titulo de Almeidas Castanhos, cap. 2° § 1° n. 3—1. Falleceu dito João Ribeiro de Proença, em S. Paulo com testamento a 18 de Agosto de 1670 (Orphãos,inventarios, maço 1° letra I, n. 20). Isabel Ribeiro falleceu a 5 de Maio de 1627 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, maço 2.° de inventarios, letra I, n. 36). E teve nascidos em S. Paulo, dez filhos.

3—1 Isabel Ribeiro, casou com João Dias Diniz.

3—2 Anna Ribeiro, casou com Hilario Domingues, natural de S. Paulo, irmão inteiro de frei João de Christo, carmelita, de Ignez Ribeiro, que foi mãi do veneravel padre Belchior de Pontes, jesuita, e outros ; filhos de Pedro Domingues e de sua mulher Maria Mendes, a qual falleceu com testamento a 30 de Maio de 1680 (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letra M, maço 2° n. 29 o de Maria Mendes). Neto por parte paterna de Pedro Domingues, irmão de Diogo Domingues de Faria, de Braz Domingues, de André Mendes Vidigal e outros ; e de sua mulher Maria Mendes, natural de S. Paulo, onde falleceu com testamento a 30 de Maio de 1680 (Cartorio de orphãos de S. Paulo, inventarios, letra M, maço 2° n. 28). Bisneto de Amaro Domingues (filho de Pedro Domingues e de sua mulher Clara Fernandes) que falleceu com testamento a 13 de Fevereiro de 1638, e de sua mulher Catharina Ribeiro, que falleceu com testamento em S. Paulo a 21 de Maio de 1690 (Orphãos de S. Paulo, inventarios, letra C, maço 1° n. 17). E teve.

4—1 João Domingues Moreira, casou com D. Anna de Barros. Em titulo de Freitas, cap. 5° § 1° n. 3—6. Com toda a sua descendencia,

4—2 Isabel Domingues, falleceu em S. Paulo com testamento a 4 de Outubro de 1697, e foi casada com Do-

mingos Gonçalves, de quem teve filha unica, Anna. (Cartorio de S. Paulo, maço 2°, letra I, n. 21.)

3—3 Sebastiana Ribeiro, casou com Gonçalo da Motta.

3—4 Joanna Ribeiro.

3—5 Maria Ribeiro.

3—6 Catharina Ribeiro, mulher de Manoel Pacheco de Albuquerque, irmão do padre Francisco de Albuquerque.

3—7 Francisco de Proença, casou com...

3—8 João Ribeiro de Proença.

3—9 Manoel Ribeiro de Proença.

3—10 Martinho.

§ 7.° e ultimo

2—7 Catharina de Saavedra,(filha ultima do cap. 5°).

CAPITULO VI ULTIMO

1—6 Sebastião Gil de Godoy (ultimo filho do tronco), casou na matriz de S. Paulo a 4 de Fevereiro de 1636,com D. Isabel da Silva, filha de Pedro da Silva e de sua segunda mulher D. Anna de Alvarenga. Em titulo de Alvarengas, cap. 6° § 2°. Falleceu D. Isabel da Silva em a villa de Parnahyba com testamento a 28 de Abril de 1705, e foi sepultada no mosteiro de S. Bento, no jazigo de seu marido (Ouvidor. de S. Paulo, resid. o testamento de D. Isabel da Silva. E cartorio de orphãos de Parnahyba, inventarios, letra I, n. 427). Falleceu Sebastião Gil de Godoy na Parnahyba, com testamento a 26 de Maio de 1682 (Cartorio de Parnahyba, orphãos, letra S, n. 314). N'esta villa fez assento Sebastião Gil, e d'ella foi cap it

e uma das primeiras pessoas do governo d'aquella republica. E teve nascidos em S. Paulo doze filhos.

§ § 1°, 2°, 3°, 4° e 5°.

2—1 O padre Pedro de Godoy da Silva, presbytero secular.

2—2 Sebastião Gil de Godoy, falleceu menino.

2—3 Alberto, idem.

2—4 Joaquim de Godoy, falleceu solteiro.

2—5 O capitão Balthazar de Godoy da Silva.

§ 6°

2—6 Jorge Moreira Velho, baptizado a 20 de Maio de 1652, falleceu na Parnahyba com testamento a 20 de Abril de 1705, natural de Parnahyba, casado com Luzia de Abreu (Orphãos, inventarios, letra I, n. 428. E Ouvidor testamentos, o de Jorge Moreira Velho). E teve doze filhos.

3—1 Manoel.

3—2 Sebastião de Godoy Moreira, casou.

3—3 Amaro.

3—4 Raymundo.

3—5 José.

3—6 Francisco.

3—7 Ursulo.

3—8 Alberto.

3—9 Ignacio.

3—10 Antonio.

3—11 Maria.

3—12 Joanna.

§ § 7.° 8.° 9.°

2—7 O capitão Sebastião de Godoy da Silva.

2—8 Paula Moreira,baptizada em S. Paulo a 24 de Março de 1641. Casou em vida de seu pai,com Miguel Garcia ; depois segunda vez com João de Siqueira,como consta do inventario dos bens de seu pai o capitão Sebastião Gil.

2—9 Anna Moreira de Alvarenga, baptizou-se em S. Paulo a 26 de Março de 1648. Casou com Manoel de Siqueira, falleceu ella na Parnahyba com testamento a 28 de Janeiro de 1689 (Orphãos,inventarios, letra A, n. 334). E teve.

3—1 Luzia de Siqueira, mulher de Antonio Pedroso de Alvarenga.

3—2 Manoel de Silveira Cortez.

3—3 Sebastião de Siqueira Cortez.

3—4 Hyeronimo Dias.

3—5 João de Siqueira Cortez.

3—6 Isabel de Siqueira Cortez.

3—7 Maria de Siqueira.

3—8 Anna de Siqueira.

§ § 10, 11.

2—10 Maria de Godoy, casou em vida de seu pai com Gregorio Antunes.

2—11 Isabel da Silva, baptizada em S. Paulo a 27 de Agosto de 1645, foi casada com Sebastião Gonçalves de Aguiar ; ella falleceu na Parnahyba com testamento a 5 de Agosto de 1695. E teve tres filhos, dois varões e uma femea, que não declara seus nomes no testamento (Ouvidor. de S. Paulo, testamento de Isabel da Silva).

2—12 João de Godoy da Silva.

(*Continúa*).

ITINERARIO DA PROVINCIA DO MARANHÃO

POR

ANTONIO BERNARDINO PEREIRA DO LAGO

Coronel do Real Corpo de Engenheiros

Começado em Janeiro de 1820.

(Manuscripto existente na Secretaria do Governo do Maranhão; sendo a presente copia offerecida ao Instituto Historico e Geographico do Brasil, pelo socio correspondente o Dr. Cezar Augusto Marques.—Maranhão, 5 de Outubro de 1867.)

DISTRICTO DA ILHA DE S. LUIZ DO MARANHÃO D'ALCANTARA E GUIMARÃES

A primeira cousa que se offerece é fazer idéa da ilha de S. Luiz do Maranhão, não só por ser aqui a capital da provincia, mas tambem pela sua situação entre as duas bahias de S. José e de S. Marcos. Por esta é a entrada facil e segura para os navios, e por aquella, ainda que já tenham alguns entrado, é com muito perigo pelos grandes baixos. Da cidade até a Estiva, na margem do rio Mosquito, 6 e 3/4 de leguas, estrada boa e acompanhada sempre por terra, atravessando apenas o rio das Bicas, ou pelo Bacanga, subindo parte por este rio; d'aqui ao Arraial (1) 3 1/2 leguas, estrada que se segue para embarcar para o Itapecurú: aquelles tres pontos devem ser vigiados com boa policia, por ser por alli, que se podem escapar criminosos para o

(1) Aqui ha commandante geral: esta creação de commandantes para a policia interior, e que é tão necessaria e util para proteger até a agricultura, foi creação de S. Ex. o Sr. general Silveira.

sul da provincia. Da cidade para o norte vai-se á villa de Vinhaes, de indios, que consta de 944 almas; ha duas estradas, seguindo a de terra são são 3 1/2 leguas e 500 braças, mas pelo rio Anil 1/2 legua e 600 braças ; d'aqui a Arassagy 3 1/2 leguas, em partes muito máo caminho, e que deve ser bom pela necessidade que póde haver de por alli se fazer marchar algum soccorro: a terceira estrada, e mais frequentada é a chamada — Caminho Grande—pela qual se vai primeiramente á villa de indios do Paço do Lumiar de 1,600 almas ; a 4 1/2 leguas d'aqui ao chamado simplesmente lugar, tambem de indios, cuja população se inclue na da villa do Paço á 1/2 legua ; d'aqui a ponta de S. José (2) 1 legua e 600 braças, mas em direitura da cidade áquella ponta 6 leguas e 110 braças, estrada que estava em pessimo estado, mas que vai a melhorar muito, porque nada escapa a vigilancia e interesse pelo bem publico, que em tudo tem S. Ex. o actual capitão general. Ainda que hajam alguns caminhos mais, como o da outra banda, e que vai ter a ponta do Itaqui, são tão estreitos e insignificantes, que não merecem n'elles se fallem ; os principaes são pois o da Estiva, Arraial, de Arassagy de S. José. A leste d'esta ilha é a de Sant'Anna, ponta a mais saliente ao norte, e onde S. Ex. projecta um pharol, tão indispensavel á navegação d'esta costa ; vai se sempre pelos igarapés, ou rios Anajatuba, e de Sant'Anna, todos de mangues aos lados e formando diversas ilhas, igualmente lodosas todas e inhabitaveis, e pelas voltas que se fazem, são do Arraial até alli 18 leguas : a ilha é de arêa, só na ponta de oeste tem mangue, e falta-lhe agua : seu maior comprimento 2,300 braças, e maior largura 1,600 : é inhabitada.

(2) Aqui ha commandante geral.

Para se viajar a provincia (que só póde ser de Outubro até Janeiro pelos pessimos caminhos, muitas chuvas, e abundancia de toda a qualidade de insectos) começando como é natural pela parte do norte, embarca-se para a villa d'Alcantara a 3 leguas, e que só em boas canôas grandes á redonda se deve embarcar, pelo muito mar, que levanta, principalmente sobre os baixos a que chamam a cerca. Esta villa, (3) que antigamente chamavam Itapui-Tapéra, está em uma eminencia, de 60 pés pouco mais, ou menos sobre o nivel do mar; o seu calor de dia, e á sombra 88° e de noite 78.° Thermometro Fahrenheit. As suas ruas mal calçadas, ainda que se cuidava em emendar esse defeito, assim como em fazer um chafariz; porém como as manilhas com que formam o cano, são de telhas, póde em pouco arruinar-se, e faltar então a agua: tem bellos edificios, e talvez dos que se chamem nobres, 60, mas só em parte do inverno são habitados, porque as familias todas residem quasi sempre nas suas fazendas: ha dois conventos, um do Carmo, outro das Mercês, e uma freguezia de S. Mathias; duas praças, a da matriz, e do Carmo, e onze ruas: a sua população de verão anda por 2,500 almas, e de inverno por 8,000. A força compõe-se de um commandante geral, de um regimento de milicias de infantaria; uma companhia franca da cavallaria e um batalhão de pedestres: ha alli um forte, mas que só é um parapeito de insignificante perfil em curva, e por dentro 9 peças que foram de calibre 18, desmontadas e incapazes de fazerem fogo, nem de se metterem em bateria, e até em lugar muito elevado, que os tiros seriam mergulhantes: o quartel do commandante é bom, e bem situado, que para isto bastará lembrar que fôra casa dos

(3) Aqui ha commandante geral.

jesuitas. O porto é bom, e entre a ponta da Lage até a de Jetahira o fundo é de 38 palmos, e onde póde fundear até 5 fragatas, mas que só com pratico podem entrar e sahir; este ancoradouro é facil protegel-o e defendel-o bem do lado da villa, e da ilha do livramento. Ha aqui tambem excellentes salinas, e em annos ordinarios póde estimar-se a quantidade de sal annualmente de 50 a 70,000 alqueires. A policia se achava no melhor pé, e a vaccina que S. Ex. mandou propagar, ia progredindo admiravelmente.

De Alcantara para ir a beira do rio Tury toma-se logo a estrada do Pirau-Assú, até aonde são 3 1/2 leguas, caminho muito bom e acompanhado de tres fazendas, por entre mattas, que já foram queimadas, e terreno quasi todo de arêa: esta estrada corre ao norte, e depois a 42° noroeste. Embarca-se no igarapé Pirau-assú, cuja largura varia desde 20 braças até 110, e suas cabeceiras são no Pirajaratoca, todo de mangue aos lados, e só com uma fazenda Morari até chegar a povoação de S. João de Cortes, e até aqui 2 leguas.

Esta povoação de indios é muito antiga, constava de 22 fogos, e cousa de 90 a 100 almas: tem capella, mas não sacerdote, e o commandante é um sargento. Plantam só mandioca, por que para mais nada serve o terreno: d'aqui se atravessa para Guimarães na bahia de Cuman; esta bahia no verão torna-se perigosa pelos ventos fortissimos do norte e nordeste, sua largura 1 3/4 de legua; no inverno é de mar chão. Podem entrar por alli, isto é pelo canal do sul, brigues, mas com pratico, e já entrou um brigue inglez e uma galera. Do lado do sul da bahia é a villa de Guimarães, a 3 leguas para dentro da ponta dos Atins e Araoca, ponta esta, que hoje sahe mais fóra que aquella, por effeitos do mar, o que deverá notar-se

nas cartas. Guimarães está bem situada, e o seu calor é 86º, e de noite 80.º A villa tem máos edificios, quasi todos de palha e de sobrado só a casa da camara, tinha 100 fogos e 450 almas; 4 ruas e uma praça: tem commandante (4), juiz ordinario, e um regimento de milicias de infantaria; a matriz é com a invocação de S. José: foi fundada villa em 19 de Janeiro de 1758, e era então fazenda chamada — Garapiranga, — e seu proprietario que a cedeu, José Bruno de Barros. Entre Itaculumi, e Atins ha uma ilha, a que chamam Redonda, que cada vez vai augmentando mais, e hoje já tem 1/2 legua por 1/4, quasi toda de mangue e com muito soffrivel agua. Esta camara nada em verdade póde fazer, porque não tem patrimonio, a excepção do rendimento dos direitos na cachaça, o que affirmam não exceder a 400,000; a vaccina n'este districto não se propagava com igual actividade, por que é difficil virem de muito longe a vaccinar, o que só se poderá evitar mandando por fóra a esse fim o cirurgião. De Guimarães torna-se á estrada real dos correios, que segue pelo Pindoval, (5) abandonando a que abriu o Exm. D. Diogo, por mais extensa, e com mais rios e pantanos a atravessar; encontram-se a passar os rios Sapateiro e Jepuba, com pontes de madeira, ainda que em máo estado: continúa a estrada, passa-se o rio das Balças, e depois o lago Vrú, até chegar ao Frexal, e até aqui 3 3/4 de leguas; aquelle lago, que é no mesmo rio Vrú, tem 1 3/4 de legua, olhando de 50 sudueste para o norte, e largura de 600 a 700 braças, e só em canôa se atravessa; em todas as margens d'este rio se encontra muita ipecacuanha. Toda esta estrada é magnifica, por entre mattas

(4) E' commandante geral.

(5) Aqui ha commandante parcial.

virgens, e pelo que chamam capoeiras, e caminho todo muito plano. Segue a estrada pelo Guruty até S. Thiago a 2 leguas, quasi sempre entre 20° e 75° noroeste, deixando aos lados pequenos caminhos para diversas fazendas como Páo de Remo, Vrú, S. Olaia e outros.

Pela mesma estrada passa-se o rio Vrú-mirim que tem ponte e vai confluir no Vrú: adiante encontram-se terras d'algodão, depois uma grande matta virgem de 1 legua, e no fim ha duas estradas, a que corre a 35° nordeste vai ter a beira do rio Cururupú, onde chamam o Rosario a 3 leguas, e com muitos moradores: este rio, que na costa ajunta com o de Cabello de Velha, admitte canôas grandes; o outro caminho que corre a 22° sudueste va a Santa Rita a 1/4 de legua, as Almas, e a outras pequenas habitações: a oeste d'esta estrada são as cabeceiras do rio Cururupú, que são um pantano onde ha abundancia de nascentes d'agua, mas muito baixas: seguindo pois a estrada real chega-se ao Sacramento (6), e são até aqui 3 1/2 leguas. Por estas 10 leguas em quadro desde o Vrú até o Tury haverão talvez 1,600 escravos, e apenas de 60 a 80 homens brancos, o que torna de toda utilidade o destacamento da Boa-Vista para contel-os em respeito. Do Sacramento ha duas estradas, uma, que separa a 15° nordeste, para o porto S. João a 1/2 legua, e a 55 noroeste, a que vai ter a Boa-Vista, até 4 1/2 leguas, encontrando-se no caminho, que é máo, muitas fazendas e moradores, como sejam S. Benedicto, Velloso, Paxibal, S. Francisco, S. Pedro, e sitios de Indios: caminho soffrivel, porém muito alagado, já proximo a Boa-Vista, de que adiante fallaremos. Do Sacramento a outra estrada, é a que segue até Jenipápo na margem do rio Tury, e então torna-se pela

(6) Aqui ha commandante parcial.

Conceição (7) a 2 1/4 de leguas, por dentro de mattas virgens, mas não de grandes páos, continúa a estrada até S. José, boa e muito plana, e até aqui 1 legua e 200 braças. N'esta estrada real ha diversos caminhos para as fazendas Marianno, S. Antonio, Bemfica, S. Raymundo, Paxival, e differentes moradores, e já por aqui ha alguns campos que alagam ; seguindo a mesma estrada, mas que vai voltando a 64º sudueste, chega-se ao porto do Jenipapo, a 1 1/4 de legua: lugar a beira do rio Tury, onde por necessidade vem desembarcar e embarcar todos os generos dos lavradores d'aquelles contornos, e onde ha só um armazem para depositos, por ser inhabitavel pela intensa quantidade de mosquitos, que com o excessivo calor se multiplicam nas margens do Tury, do qual se segue agora a navegação.

O rio Tury-assú limitrophe civil e militar d'esta provincia com a do Pará, (porque o ecclesiastico é o rio Gurupy) tem a sua barra a 1º, 12º de latitude e em 332º, 48, de longitude é formado ao sul pela ponta do norte da ilha Jaburoca, e ao norte pela ponta Tury-assú, sua largura 3 leguas, e fundo 45 palmos variaveis ; subindo-se a cousa de 4 leguas do lado do Pará é a freguezia de S. Francisco Xavier do Tury-assú ; mais acima a 1 legua fica do lado d'esta provincia o morro da Boa-Vista, em que está um destacamento militar, tão util como já se disse : aqui obrigam as canôas a chegarem para as registrarem (registro aparente), o que causa grave prejuizo ás canôas, mórmente as que descem carregadas, por causa dos grandes ventos, que alli ha, e porque perdem o canal, o que já tem a algumas causado ruina, quando bastaria perguntar o nome da canôa, e seu

(7) Aqui ha commandante parcial.

dono, sem as obrigar a chegar, nem atravessar, pois como todas são conhecidas, os proprietarios são responsaveis por tudo; quanto mais que não é assim que se evitaria algum contrabando, nem a passagem de criminosos, que em qualquer parte, podem atravessar. Acima da Boa-Vista ao sueste a 5 leguas e do mesmo lado, ha umas pontas de pedras, que descobrem em baixa-mar, a que chamam Cachoeira; e observa-se aqui nas conjuncções da lua, uma grande velocidade e rapidez em encher a maré, a que chamam pororóca; mais acima por 60⁰ sueste é o porto de Jenipapo a 3 1/2 leguas: por aqui a calor maximo ao sol 120° a sombra 92° de noite 78°; o fundo achei ser por 5, 3 1/2, 3 e 4 braças, largura entre 100 e 60 braças: até aqui estão a margem d'este rio os campos Serraninho, Britu-mutá, Serrano Grande e Jenipapo, campos que alagam todos de inverno, e que mesmo de verão ficam na maior parte em alagadiços, ou terras encharcadas. Do Jenipapo rio acima vai-se até onde chamam a Volta Real, volta grande que faz o rio, e que devia cortar-se; depois a Itapeuá, e são até aqui 4 leguas, segundo as muitas voltas, que faz o rio ao sueste sempre; fundo de 2 1/2 até 4 braças; largura de 30 a 40. Nas margens são mangues até onde chamam Marianinho, que é do lado d'esta provincia, e por dentro dos mangues, são campos de Tururoma, Marianno Grande, Marianinho, S. Simão e Itapeuá.

Até aqui é que de verão podem chegar as canôas, grandes, mas de inverno sobem até ao Laranjal; as marés tem n'este rio, e em outros, a singularidade de encher em tres horas, e vasar em nove. De Itapeuá subindo começam a esquerda, isto é, n'esta provincia, campos de S. Francisco, Imbaúba, Sambaua, Manoel Mulato, e Gigante, e em todos ha fazendas de gado, e a cinco le-

guas é a confluencia do rio Tury-mirim, do lado do Pará, e mais acima a 1/4 de legua a fazenda Tury-mirim; até aqui sua largura vai variando entre vinte e trinta braças, e o fundo entre uma e duas. Até aqui os campos, que no inverno alagam, sempre deixam espaços para onde o gado se recolha, fuja e abrigue; mas já para cima até o lago S. Jeronymo os campos todos alagam e por isso o gado morre muito no inverno. Defronte do Tury-mirim ha caminhos para Pericumã, e para as fazendas S. Benedicto, Rio do Peixe, Outeiro, Barraca, S. José, Pilar, Rio da Prata, Jutaizal, S. Rita e outras. Subindo pelo Tury ao sul a primeira fazenda é Bom-Jardim, depois o lago S. Jeronymo, que são as mesmas aguas do rio Tury, que se espraiam por lugares mais baixos e que se conservam sempre alagados, o qual leste oeste tem 1/2 legua, e norte sul oitocentas braças, e seu fundo de cinco palmos até uma braça; mais acima fica a tres leguas a povoação de S. Helena; largura aqui sessenta braças; é fundo entre seis e oito palmos. Desgraçada povoação! Miseravel ajuntamento de espectros! Esta povoação que no principio era aldêa de indios do Laranjal, d'onde para aqui a fez passar o Exm. D. Fernando Antonio de Noronha, está a beira do rio Tury e sobre a sua vasante trinta e quatro palmos, é um quadrado de quarenta braças com pequenas choupanas de palha, e em um dos lados a capella, tambem coberta de palha: consta de vinte e oito fógos, e cerca de cento e cincoenta almas, em que já hoje poucos indios entram; um commandante(8), e no seu districto está espalhada a companhia de caçadores de milicias: ha tambem alli um padre para lhes administrar os Sacramentos, visto a grande distancia em que está a freguezia, que

(8) Commandante parcial.

é a de S. Francisco Xavier do Tury-assú em dominio do Pará, ao qual padre aquelles pobres moradores fazem a congrua de 200:000 annualmente A lavoura é arroz e algodão, e em muitas partes já não ha, mas só mandioca; pouca criação ha aqui de gado, mas muitos roubos, e chega a perversidade a ponto de inventarem um meio com o qual o boi morre sem apparecer como, e é revolvendo-lhe os intestinos com um páo aguçado, a que chamam cristeis de páo; merece este objecto, ou deve merecer toda a attenção dos commandantes. O local da povoação não é desagradavel, mas o excessivo calor, que alli se observa, que chegou ao sol a 120° a sombra é constante até 92 e de noite a 77, obrando sobre 8 a 10 leguas de superficie alagada, barrentas aguas, e máo sustento de pequenos peixes, tudo isto torna S. Helena durante nove mezes em lugar só de penuria e doença: o abaixamento das cheias, que é de Setembro até Dezembro, e que é de 14 a 16 palmos, deixando ficar immensos corpos mortos de animaes, e bichos é outra causa das muitas e frequentes molestias, que por alli se padecem; ninguem escapa a sezões, raros á ictericia, e muitos contam a idade pelos annos, em que têm estado doentes, e as córes em todos são pessimas: das crianças apenas um terço das que nascem, resistem, e se passam o perigoso e climaterico anno de sete, não se escapa ao de quarenta e dois ou quarenta e nove ordinariamente, por isso alli poucas crianças se encontram e nenhuns velhos, e n'este anno em que nasceram trinta e cinco existiam só treze. Admirará como alli ainda ha população, o que se resolve, sabendo-se, que só gente muito desgraçada, ou outros levados da ambição, porque alli ganham muito na verdade de bebidas espirituosas, vão alli estabelecer-se e tambem se suppre o *decifit* annual da população com muitos facinorosos,

ladrões e desertores, que n'aquella povoação se acolhem, ao que ainda mais os convida a facilidade com que se passam para o dominio do Pará, sem que sejam (creio por abuso) incommodados pelas reciprocas autoridades, o que deve declarar-se, e melhor seria, se no Pará defronte d'aquella povoação houvesse alguma companhia miliciana, cujo commandante verificasse aquelles, que passavam e que reciprocamente se entregassem, conhecidos ou pedidos que fossem, como criminosos, pois que assim ao menos se evitaria ser tambem um coito, como é, de malfeitores. Tão insalúbre clima poder-se-hia tornar melhor, se grande parte d'aquelles alagadiços se esgotassem, e se os fogos se augmentassem, o que demanda um excedente de população, que ainda por muitos tempos faltará. E' todavia aqui necessaria sempre alguma força disponivel e um bom commandante, que póde residir nas chapadas (e até para alli mudar-se a povoação, estabelecendo-se na Mangabeira a 1 1/2 legua para o interior, onde o clima é já muito melhor, e que tem boa agua), não só por ser onde mais facilmente se passa (até ha váo as vezes) para o Pará, como tambem para respeito aos indios, que mais para cima já tem por duas vezes incommodado. Subindo pelo rio, este vai formando os diversos lagos, Caruará, Tacuaracúra, Queimadas e Mata-fome, todos estes pela distancia de tres leguas, sempre com o fundo variavel de cinco a dez palmos (isto era em Novembro, porque no inverno é de dezenove a vinte e seis palmos). Segue-se a confluencia do rio Paraná, em dominios do Pará; passa-se o lago Turiraquina, Cuieira, Fazenda, Mucuratina e Macabal, ultimo estabelecimento do lado do Maranhão, e aqui são duas leguas acima dos lagos; mais para diante outro lago chamado Jaracanhem, e antes havia uma tapagem de umas hervas aquaticas a que chamam Mururú, tão fortemente

enlaçadas suas raizes horisontalmente, que por cima se podia atravessar de pé, o que S. Ex. mandou cortar para limpeza e conservação do rio, que alli mesmo póde ser navegavel por pequenas canôas no verão; ha o ultimo lago Burijicatina e algumas fazendas, sendo a ultima estabelecida n'aquelle rio o Laranjal, a que são cinco leguas, e onde os indios *Gamellas* já atacaram em Novembro de 1818, e em Agosto de 1819; da primeira vez mataram cinco pessoas, mas da segunda ninguem, e se contentaram em levar machados e enchadas: acima do Laranjal são as pedras de amollar, que ficam quasi a leste, as quaes só descobrem no verão, e até aqui 4 1/2 leguas, e já antes começa o rio a estreitar, e encanar suas aguas, sendo suas cabeceiras a oeste dos lagos de Vianna em uns alagadiços infestados de indios *Gamellas*. E' notavel tudo n'este rio: as suas aguas são taes, que um copo d'ellas, parece lhe desfizeram duas onças de barro, isto por toda a sua extensão. Os campos até S. Francisco Xavier, que alagam em partes, não era difficil esgotal-os em grande parte, se houvesse mais energia nos moradores; porém d'alli até a lagôa S. Jeronymo seria de muita difficuldade por serem terrenos muito baixos, e só teriam lugar os diques que cercassem diversos quadrados, e estes dentro cortados por canaes de esgoto, e então alguma cousa melhoraria o clima, e a sua producção de gado seria maior. Outra cousa se observa, que é sempre expessa nevoa nas margens, e que só depois do sol estar uma hora sobre o horisonte, se desfazem. De S. Helena a 40º sueste segue a estrada para os campos a que chamam chapadas, que se differençam dos Perizes, em que aquellas nunca alagam, e estes de inverno cobrem-se d'agua a ponto de se navegar em canôas; esta estrada é boa, e acompanhada por espaço de uma legua até entrar nas chapadas, as quaes começam do Bom-Jar-

dim, e terminam a 15° nordeste da ponta chamada S. Anna: seu maior comprimento noroeste sueste de seis a nove leguas, e de quatro a cinco de largura: estes campos todos em planicie alcatifados de bom capim, com arvores destacadas, umas de flôr amarella, e outras de flôr roxa de delicioso cheiro, com circulo de matos grandes a que chamam ilhas, espalhadas de 200 em 200 braças, pouco mais ou menos, umas pyramides conicas truncadas, que faz o capim-assú, e muito gado a pastar, fórma tudo o golpe de olho mais agradavel ao viajante : aquellas pyramides a que chamam Tapicuem são de cinco a nove palmos de altura, e de tres a cinco de diametro, e as arvores até se lhe tiram muito usos, já para trastes, já a sua casca para as boticas. Estes campos, onde termina o districto de Guimarães, e começa o de Alcantara, merecem todavia observar-se de perto, para ver quantos obstaculos offerece a producção do gado vaccum : são tres os principaes : primeiro, a falta d'agua; segundo, o Morcego ; terceiro, o meruim, especie de mosquito. O primeiro evita-se, passando o gado no verão (como costumam) para as margens do Tury, que lhes ficam perto ; e que chamam ir o gado para os retiros : o segundo determinando a camara que cada lavrador e criador apresente em certo tempo um determinado numero de cabeças de morcegos proporcional a grandeza do seu estabelecimento, o que será facil, pois que elles se recolhem, e as vezes em numero de 600, n'aquellas arvores, as quaes são furadas, e tapando-se-lhes a entrada, se matam todos de dia : o terceiro de inverno é inevitavel, mas no verão diminue muito ; custa a crer mas é geralmeute affirmado, que de Março até Junho todos quantos bezerros nascem, morrem ; e pelas informações que poude alcançar, deve tirar-se uma proporção para o gado vaccum, os que nascem para os

que morrem, como 10 : 5 ; no cavallar porém a perda é menor.

Pela chapada vai-se á povoação chamada Villa Nova do Pinheiro, que já pertence ao districto de Alcantara, passando-se pela Victoria e Bemfica, e até aqui 6 1/4 de legua. Esta povoação a beira do lago do Pinheiro, de que logo fallaremos, está no peior estado, e se reduzirá a nada, se não forem tomadas novas medidas. Constava em Novembro de 1820 de 5 fogos, 23 almas (ainda que por todo o districto dizem haver perto de 200), uma capella sem ser nem coberta, um ventanario, e um capitão de mato por commandante. Os lavradores (que muitos já não são dos povoadores) são gravemente incommodados pelo gado que alguns alli dolorosamente fazem pastar, a que jamais deve consentir-se entre lavouras, as quaes logo se perdem. Aquelle lago que se atravessa de necessidade para seguir ao Pericuman, e passar todos os generos, e que podia ser de uma riqueza immensa para aquelles povos, é causa do atrazamento e pobreza da povoação, e a sua vista e navegação é horrorosa : elle está ao nordeste da povoação, e a vai rodeando pelo sueste indo communicar, e acabar no lago Turira, ao noroeste, e a 700 braças da chamada villa da Anadia : do Pinheiro atravessa-se por 37º nordeste, ou ao porto Quebra-Bunda, ou em S. Cruz. Este lago a sua maior largura nordeste sudueste é de 1 1/2 legua proximamente, mas seu comprimento é composto de uma união de pequenos lagos até, como acima disse, a encontrar o lago Turira, que fica proximo a Anadia ; e são todos estes lagos as cabeceiras do rio Piricuman. Todo o lago Pinheiro é coberto de um forte tecido de capim á superficie, chamado arroz bravo, e de um arbusto aquatico, que com tal união entrelaçam horisontalmente suas raizes,e a tal ponto de consistencia, que por cima se anda de pé, impedindo

a livre corrente das aguas, a necessaria navegação, faltando o peixe, e augmentando só prodigiosamente o numero de cobras, jacarés, e muitos differentes bichos; até se vê uma ilha, a que chamam Ambulante, de 200 braças de comprimento, e 20 de largura, e com uma grossura de terra de 4 a 5 palmos, o que observei mettendo uma vara, e onde ha já arvores, a que chamam faveiras, de tronco de 5 polegadas de grossura, e com 20 palmos de alto; este nogento e perigoso charco se atravessa por um canal atravez d'aquelles balceiros, apenas de 10 palmos, tanto quanta boca tem uma canôa. E' de pequena difficuldade alimpar-se, e da maior necessidade o interesse para aquelles povos. Para se limpar, não haverá mais, que cortar todo o capim e arbustos que impedem o canal que ha no lago, e aberto que seja o canal que vai entrar no rio Pericuman, ir-se-hão cortando por toda a sua extensão aquelles balceiros, e lançando-lhes fogo, e isto em fim de verão, porque quando vem o inverno, a mesma força das aguas encaminhará tudo ao rio Pericuman, o qual até S. Cruz, onde se encontra o canal, tem fluxo e refluxo: obra facil, e que belleza, abundancia e riqueza trará aquelles moradores, que vendo assim certa a navegação e a pesca, não deixarão de correr a habitarem e povoarem aquelles lugares; tornar-se-ha mais saudavel a povoação, e até grande parte do terreno, que hoje é alagado ficará secco. Atravessado o lago até Quebra-Bunda, e S. Cruz, para chegar a S. Domingos do Frexal, são aqui 4 3/4 de leguas (9); começam campos, primeiro de S. Cruz, e depois de Pericuman, estes pegam do Jabuty, e acabam no campo Veado; seu comprimento de 5 a 6 leguas, e largura 1 legua: alagam de inverno, mas sempre deixam alguns lugares,

(9) Aqui ha commandante parcial.

a que chamam *tezos*, onde o gado se abriga e pasta : do verão seccam todos, e o gado morre grande quantidade á sêde, o que torna da maior utilidade as tapagens ou presas d'agua n'aquelles campos, não só para a producção do gado, mas até pela abundancia de peixe, que d'elles se tirará, os quaes continuam segundo as sabias ordens, e providencias de S. Ex., e já duas ficavam quasi acabadas. Por estes campos não se póde andar sem algum incommodo, e maior ainda para o gado, que é o muito arbusto, chamado algodão bravo, que até mata e impede nascer bom capim para pasto, o que facilmente se evita, ordenando-se um córte geral d'elle antes das grandes cheias, pois coberto que seja o olho com a agua nunca mais se reproduz ; aquelle arbusto e alguns atoleiros que sempre ficam, fazem que por alli se necessite de pratico para andar sem risco. N'estes campos a mortandade no gado é menor, pois não ha as arvores habitações dos morcegos ; em annos porém muito seccos é grande, mas não o será para o futuro, como já disse com as tapagens. De inverno navega-se por estes campos, e de verão, como o terreno é barro e argilla, seccando abre tantas, tão profundas e amiudadas fendas, a que chamam Terroada, que são pessimos caminhos, e assaz perigosos a quem não andar em cavallos a isso acostumados : o calor por aqui á sombra 88° ao sol 110 e de noite 76.° Para estes campos, e districto vale tudo a navegação do rio Pericuman ; este que vem da bahia de Cuman é formado ao sul pela ponta de Quindua na sua embocadura, com a largura de 150 braças e fundo de 40 á 45 palmos, é limpo, de facil navegação, com mangues aos lados, e diversos braços onde ha muitos moradores : sobe-se por elle até o Jabuty a 1 1/2 legua ; para cima a igarapé Induá a 2 leguas, depois o porto de Una a 1 3/4 de legua, onde separa o

igarapé Japoré de José Diniz a 80° nordeste, que acaba a 3 leguas; o fundo diminue aqui a 20 palmos: subindo-se ainda separa nos dois braços, um ao sueste, chamado Jenipapeiro, que vai dar aos campos Pericuman, a 1 legua antes de S. Domingos de Frexal, o outro que vai ao porto S. Cruz, onde vem entrar o canal do lago Pinheiro de que acima fallamos. Este rio Pericuman é lemitrophe entre os districtos de Alcantara e Guimarães, é de rico cabedal d'agua, limpo, seu menor fundo é de 10 palmos, ramifica-se em muitos braços, e dá capacidade para por elle subirem canôas, mesmo grandes, até S. Cruz. E' aqui uma das tapagens que já se achava feita de 50 braças em quadro; a vista de tão uteis obras, lembra, ainda que em pequeno ponto, os reservatorios que os egypcios faziam, e de que falla Fabre.

D'estes campos ha duas estradas para Alcantara, uma segue a leste por Itapuitininga, Sant'Anna dos Frades das Mercês e Carvalho, caminho de 15 leguas, porém pessimo, e o mais frequentado é o outro chamado Estrada das Boiadas, e que segue por 80° sudoeste, voltando depois ao sul por Macapá, e Boa União, e até aqui 4 1/2 leguas, caminho por montes, e em partes muito máo, como são todas as estradas d'Alcantara, por negligencia actualmente da camara d'aquella villa, pois são summamente faceis de conservar em bom estado, havendo n'isso algum pequeno cuidado: d'aqui seguindo a estrada real vai se ter a Macapá, povoação a beira dos campos Perizes, do lado do norte, e até aqui 2 1/2 leguas, povoação de 23 fogos, e 120 almas, porém são especie de arabes, porque todos os annos muitos d'elles mudam suas habitações em consequencia das cheias. Começam já por aqui os celebres, e tão conhecidos campos dos Perizes d'Alcantara, os quaes alagam e tanto, que por elles no inverno navegam canôas,

que carregam até 50 saccas d'algodão, e o gado pasta mettido na agua até o pescoço, porém ha algumas pequenas elevações e ilhas de bosque onde o gado se recolhe e abriga ao excessivo calor, que de dia á sombra é de maximo 93° de noite 78°, mas ao sol 112.° De verão porém desde Novembro até Janeiro seccam todos, e fazem as mesmas aberturas a que chamam terruada, e só com pratico se póde andar por elles, por que encontram-se atoleiros, ou sorvedouros, que só com canôas pequenas, puxadas por bois, se podem atravessar: começa-se já a andar pelos Perizes até chegar ao Pontal, (10), e aqui são 20 leguas. Todos os campos, chapadas e Perizes são differentes, e diversa a sua producção, ainda que todos sirvam para a criação de gado vaccum e cavallar: estes chamados Perizes e Peri-assú não tem arvores amiudadas, mas entre grandes espaços ha algumas ilhas de bosque, encontram-se tres qualidades de capim por estes campos, canarana, toiça e junco; só os dois primeiros o gado come, o terceiro de nada serve, mata o bom capim, e desgraçadamente é o que mais produz: nasce tambem um pequeno arbusto a que chamam espada, que corta, e embaraça nascer bom pasto, que se podia muito facilmente extinguir, do mesmo modo acima dito a respeito do algodão bravo, o que seria de grande utilidade; não ha aqui tambem o morcego, mas na maior abundancia a que chamam praga, miruim, especies de infernaes mosquitos; ha tambem muitas cobras, ainda que para estas usam com razão de lançarem fogo aos campos, a que por outro lado não seja util á producção do capim: ha outro inconveniente, ou para mais exactamente fallar, havia, que era a falta de agua, o que irá acabar-se com a construcção dos tanques, e reservas d'agua

(10) Aqui ha commandante parcial do Aurá.

nos lugares mais baixos, o que começa a activar-se, e já aqui existia um no Inhambú, outro que ia fazer-se junto ao Pontal, e outro perto de S. Bento (11), freguezia a beira dos campos a 4 leguas e 20° sudueste, e onde vai dar a Igarapé, que vem do rio Aurá, o mais abundante de peixe que é possivel, e de facil navegação, por onde carregam todos aquelles moradores. Segundo as informações que alcancei, pastam n'estes campos de 20 a 25,000 cabeças de gado vaccum, e calcula-se ser o numero dos bezerros que vivem para os que nascem como 1, 3, isto é, a mortandade ser os dois terços. Continúa-se a atravessar os Perizes por 45° nordeste pela baixa Tara-itá, e campos do Tubarão, e fazenda Tamatatuba dos frades do Carmo, até Peri-mirim e aqui são 4 1/4 de leguas; pessimo caminho por se atravessarem lugares encharcados, e n'esta direcção acabam os campos, pois o seu maior comprimento é para o sueste, e chegam até Vianna. Segue a estrada real por gargantas apertadas, e por grandes montes até chegar ao Carvalho, onde são 5 1/2 leguas: pessimo caminho pelo nenhum cuidado que a camara tem em melhoral-o, ou ao menos limpal-o, que a não se cuidar n'isso será intransitavel no inverno, e tanto mais admira, quantos são os moradores que ha por aquella estrada. Todas estas terras pouco já servem para algodão, mas só para mandioca. Onde chamam o Carvalho é um isthmo de 1/2 legua entre o fim de dois rios, ao norte pelo do Carvalho, ao sul pelo Tucupahy, de sorte que as cargas que vem de Pericuman descem por este rio, entram no do Carvalho, descarregam atravessando meia legua, e tornam a embarcar no Tucupahy para chegarem a Alcantara. Este isthmo todos fallam, e é natural desejassem, que se abrisse

(11) Ha aqui commandante parcial.

ou cortasse para communicar os dois rios, e haver de Pericuman até Alcantara sempre uma seguida navegação, obra, que mesmo, sem que eu nivelasse o terreno, me parece grande e difficil, por ter que cortar ou cercar um monte, e que seria necessario então uma ponte bôa para a communicação do continente com a terra de Alcantara: continúa a estrada por Santa Barbara, e onde são 3 1/2 leguas ; pessimo caminho por matas e antes de alli chegar ainda apparecem vestigios da capella que foi dos jesuitas; e finalmente por 40° sueste segue a estrada até a villa d'Alcantara, e até aqui 3 1/4 de legua, caminho sempre máo, e que vai entrar na estrada que d'Alcantara vai para Piráu-assú. Esta estrada é a que vem dos Perizes, porém nos mesmos está S. Bento d'onde segue outra, que vai ao Andirubal, e Tapuia (12) a 4 1/2 leguas, sempre por campos; e aqui termina o districto de Alcantara.

DISTRICTOS DE VIANNA E MEARIM

Ainda que do Andirubal e Tapuia ha estrada para Vianna em distancia de 7 1[4 de leguas passando pelas fazendas Bondade, Queluz, Graça e Campos do Aquiry, todavia continuando a referir primeiro a distancia dos districtos a esta capital da provincia, começarei pelo caminho mais seguido d'aqui para Vianna.

Embarca-se aqui em canoas grandes armadas á redonda, que ordinariamente são de 40 a 60 toneladas, dobrando a ponta do Bomfim, passa-se o Boqueirão, e no bordo do sul se vai costeando esta ilha de S. Luiz do Maranhão até a ilha do Tauá redondo, fronteira a bocca do rio Mosquito, passando entre ella e o recife, que descobre, chamado

(12.) Aqui ha commandante parcial.

igualmente do Tauá, onde são 6 3[4 de leguas ; adiante entra-se em uma grande bahia, a que chamam Maracony, que ao fim d'esta é 1 3[4 de leguas ; depois a 1 legua fica a ponta de S. João, que do lado opposto, isto é a oeste, está Cajapió (13), onde têm uma fazenda os padres mercenarios, aqui ha um igarapé, que entra n'aquelles campos, pelo qual podem subir canoas grandes. Segue-se outra bahia, chamada Anajatuba a leste a 1 1[2 legua onde embarca a gado, e têm aqui tambem fazenda os padres mercenarios ; continuando para o sul a 1[2 legua é a ponta Tijucupáo ; ha aqui uma grande corôa de arêa com 11 palmos sobre a baixa-mar, que atravessa a bahia toda na distancia de mais de uma legua leste-oeste, que póde considerar-se como um dique natural, que represando as aguas quando enchem até meia maré, apenas estas a cobrem, como se acham muito superiores as do outro lado da corôa quando se precipitam, tal força e velocidade adquirem, que, sendo em aguas vivas, n'aquelles primeiros momentos as canoas pequenas não lhe resistem, e já muitas têm sido submergidas, porém quando se espera este violento e rapido peso d'agua, a que chamam Pororóca, as canoas se retiram para lugares retirados, isto é, afastados da perpendicular, a que chamam Esperas, e passados aquelles primeiros momentos continúa a navegar-se, e a maré a encher nas 3 horas que restam de enchente, sendo a vasante, por consequencia em 9 horas ; logo acima entre a igarapé Sipahú, e dentro a 1[4 de legua é a povoação do mesmo nome, pertencente ao Mearim (14) : acima a 1 1[2 legua fica a Machadinha, e aqui querendo-se saltar em terra ha caminho para Itapecurú, que passa pelas fazendas

(13) Ha aqui commandante parcial.

(14) Aqui ha commandante parcial.

Carrapato, Alegre e Jutahy. Finalmente a 3|4 de legua começa o rio Mearim, que segue ao sul, e aqui mesmo separa a 45° nor-oeste a bocca do rio Pindaré,é por este que se entra para ir á Vianna. Na sua bocca tem de largura 80 braças e de fundo 15 palmos (em meia maré de aguas mortas, que foi quando o passei), só até aqui em annos invernosos, chega a maré, que represa as aguas do rio, porém em annos seccos, chega até o rio Maracú, de que logo fallarei. Subindo pelo rio Pindaré a uma legua do lado direito é o porto S. José até onde são os campos do mesmo nome, aqui saltando em terra é o melhor e mais proximo caminho para a villa, mas as canoas seguem mais acima a entrar no rio Maracú, que vai dar ao lago de Vianna, e alli muito perto dão fundo. Saltando pois no porto de S. José, deve seguir-se por 20 noroeste pelos campos Maracú até a primeira fazenda Atalaia a 2 3|4 leguas, depois ao Maracú uma legua; logo ahi atravessa-se o rio Maracurinho, que communica os lagos Aquiry e de Vianna, e a mil braças está a villa de Vianna, advertindo que este caminho é só transitavel de verão, porque de inverno é quasi todo alagado, e vem a ser por tanto, da cidade a Vianna, seguindo esta direcção 18 leguas 3|4 e 250 braças, mas por mar só até S. José são 14 3|4 de leguas. Seguindo porém sempre embarcado logo acima de S. José, fica o chamado Curral de baixo, e adiante está uma lage, que atravessa o rio, que só por alli se passa em meia maré, a que dão o nome de Cachoeira, e fica a uma legua; subindo pelo rio a tres leguas e 100 braças do lado direito é a confluencia do rio Maracú, que aqui corre ao norte, e que com muitas voltas, e na distancia de tres leguas vai entrar no lago de Vianna, o qual por 10 nordeste-sudueste tem no tempo de verão 1 1|2 legua; por consequencia, indo sempre embarcado,

fazem-se da cidade a Vianna 23 1|4 de leguas e 100 braças.

A villa de Vianna (15) ainda até 1709 era uma aldêa de indios, chamada Maracú, e então é que começou a ser povoada pelos padres da companhia, e foi creada depois villa em 1757 ; está cousa de 30 pés sobre o abaixamento das aguas do lago do mesmo nome, a qual é abundantissimo de peixe, e da maior quantidade de caça ; este lago (fallo no verão pois de inverno elle e os campos tudo é lago) começa do Maracú, a 63⁰ nordeste da villa, e termina junto do morro Mocoroca a 66° sudueste,e vem a ter n'este sentido (no verão) 1 3|4 de legua, e na sua maior largura até as Pedrinhas a 1 1|4 de legua. Com este communicam sete lagos (ou charcos e alguns no estado do do Pinheiro) que são o Aquiry, Cajary (16), Capivary, Murity-atá, Maracasumé, e dos Fugidos e das Itans, (estes dois só no inverno), o mais distante a 3 leguas, e o maior que é o Maracassumé com 2 por 1 de largura,todos abundantes de peixe e de caça, porém só o de Vianna e o Aquiry estão limpos, os outros, mais ou menos necessitam limpar-se. A villa o seu maior calor 88° e o menor 79⁰; tem commandante geral, juiz ordinario, e camara, a qual por falta de patrimonio, apezar de já se lhe ter demarcado uma legua de terra, deixa de fazer muita cousa quo se necessitava, e podia-se-lhe augmentar, dando lhe a passagem do Apehú, no rio Pindaré, o que até seria de muita utilidade ao povo; uma igreja, que é a matriz com a invocação de Nossa Senhora da Conceição,na qual ha um vigario encommendado; a força alli actualmente compunha-se de 4 soldados de

(15) Aqui ha commandante geral.

(16) Na beira d'este lago, em partes que de inverno se cobre d'agua apparecem restos e signaes de que alli houveram edificios e até alinhados em forma de rua.

linha e de dois capitães de mato, cada um com 6 indios, está porém ás ordens do commandante geral o destacamento, que se acha em Monção. Consta de uma praça regular de 60 braças por 30, onde é a matriz, e se estava fazendo a cadêa ; de 5 ruas principaes, e de algumas travessas; as casas todas a excepção de duas, são baixas, mas quasi todas de telhas; tem 137 fógos, e 843 almas, em que entram perto de 400 indios, já civilisados e obedientes ás leis, Todos aquelles campos alagam na altura de 8 a 10 palmos, e o lago em annos ordinarios sóbe de 12 a 14 palmos, e nos invernosos de 18 a 20, de verão porém ficam todos seccos, e sem 10 palmos de differença do nivel. Em todos estes campos, só nos chamados de Vianna pastam no verão de 19 a 20,000 cabeças de gado vaccum, cuja producção se calcula do modo seguinte; em annos de grandes cheias de mil escapam 300, isto é, a mortandade consideram ser proximamente dois terços, e nos annos medios, em que as aguas sobem só de 12 a 14 palmos, a mortandade ser um terço, no cavallar calculam do mesmo modo. Nos campos Maracú, que todos chamam de Vianna, deixam as chuvas um lago chamado Imbaúba, que seria bom esgotal-o em parte para o rio Pindaré, porque assim aquelles campos seccariam em parte, com a attenção porém, que aquella abertura ficasse sempre superior á maior altura das aguas do rio, e ser considerada como canal de esgoto, e não de communicação. Aquella mesma proporção que tem a mortandade do gado com as chuvas, a mesma guardam as molestias, isto é, estas estão na razão directa das grandes cheias, porque em annos de media quantidade de chuva são menores, porém nos annos muito invernosos as febres intermitentes são quasi geraes em todos, apezar que nunca malignam: existe tambem outra causa das molestias em Vianna no pequeno lago Gurgueia, a um lado

da villa, que não tendo para onde esgotar, cobre-se de hervas aquaticas, sendo muito facil esgotal-o para o grande lago, abrindo-lhe um rego, que a natureza já começou, o qual virá a ter 50 braças de comprimento com pequena differença, e que até pela boa qualidade do terreno, 20 homens o podem abrir em 8 ou 10 dias. O districto produz arroz, algodão, feijão e mandioca; tem abundancia de madeiras, já para construcção naval, já para architectura civil, e muito taboado : ha porém uma falta total de pedra, nem o marisco de que se faça a cal; mas para a construcção das casas, a natureza suppriu com excellente barro, com que as fazem, que apenas rebocando-as por fóra com cal e arêa, ficam com uma duração de 60 a 80 annos. Ha 6 annos para cá tem augmentado immenso a exportação d'esta villa, que por termos medios se póde avaliar do modo seguinte :

Algodão.	2000	saccas.
Arroz.	10000	alqueires.
Carne secca	1200	arrobas.
Couros	600	»
Peixe secco e salgado . . .	700	»
Taboado	2000	duzias.

Tem-se aqui já construido doze canôas grandes, armadas á redonda de 40 a 70 toneladas, o que fazem sem carreira, esperando que as cheias as suspendam e levem ao lago. De fabricas a unica que ha é uma olaria de telhas e tijolos : a vaccina progredia, e eram já 840 pessoas as vaccinadas. De Vianna para a villa de Monção ha tres caminhos, o primeiro é rodeando o lago de Vianna, entrando nos campos Cursacueira até a passagem da Boa-Vista : passa-se o rio Pindaré, entra-se pelos campos da

Boa-Vista, S. Barbara e S. Anna, atravessa-se outra vez o Pindaré e caminha-se pelos campos Barradas, Canna-Brava, do Pinto, e pela matta, no fim da qual é Monção: o segundo, é ir ao igarapé S. Francisco, Arassatúba, as Lages, atravessar a igarapé Cajari, e depois pela matta até Monção: o terceiro, o melhor e mais seguido, é atravessar o lago de Vianna por 15° sueste até as Moitas, que é no verão onde termina a sua maxima largura a 1 1/2 legua, e entra-se logo no igarapé Maracú, que vai confluir no rio Pindaré, e até aqui tem 3 leguas. Este igarapé corre desde 45° sudueste até 70 sueste, sua largura entre 30 e 35 braças, e seu fundo de 12 a 20 palmos; agua doce e com bellos arvoredos nas margens; porém para dentro tudo campos: á margem d'este igarapé encontram-se muitas casas de pescadores, que no verão fazem a salga do peixe, que exporta Vianna para esta cidade do Maranhão: d'este igarapé sahem dois — o Tibiry e o Tramambá, que ambos vão entrar no lago de Vianna. A oeste d'este igarapé são os campos Mocoróca, que pegam com os de Vianna, e a leste os chamados Maracú. D'este entra-se no rio Pindaré, que segue ao sul, e sudueste com muitas voltas até onde chamam Lisbôa, onde são 2 1/4 legua; largura aqui do rio 25 braças e fundo 26 palmos; saltando n'este porto, abrevia-se muito, caminhando por terra pelos campos de Lisbôa, Boa-Vista, S. Barbara e S. Anna até a Picada; e aqui são 3 1/4 legua: segue-se pelos mesmos campos (que todos alagam no inverno) até a passagem do Barradas, que é 1 legua, onde se atravessa em canôa o rio Pindaré. Caminha-se pelos campos Barradas, ficando a direita a lagôa do mesmo nome, seguem-se os campos Canna-Brava, do Pinto e Cajú-Tapéra, onde acabam os campos, e começam as mattas, mas primeiro é a de Monção, e até aqui são 2 1/2 legua. Esta matta é magnifica, dentro da qual a

3/4 de legua ha uma aldêa de indios *Gamellas* domesticados (17) ; que constava de 28 almas. E' summamente estranho aos nossos costumes ver de perto estes indios, que parecem estar fóra do circulo da especie humana ; homens e mulheres disformes nas suas feições, andam nús, e as mulheres apenas com uma folha cobrem o que deve ser de seu maior pejo ; o beiço inferior furado, e as orelhas a pouco e pouco as dilatam, até chegarem a ter 3 e 4 polegadas, e por enfeite pintam-se com o urucú; comem curvados sobre os pés e as vezes se firmam mais com uma mão no chão : suas casas são de palha, quasi redondas, de 20 palmos de diametro, com 12 de altura, que tambem lhes servem para dar ahi sepultura ao primeiro da familia, que morre, mas havendo segundo morto, mudam de habitação ; enterram o defunto sentado com o seu armamento ao lado, e quantidade de batatas, o que parece que têm idéa de outra vida, porém culto externo nenhum se lhe conhece ; são muito avessos ao trabalho, e se podem, roubam em vez de plantarem : humanidade e caridade de um para os outros não se lhes conhece, eu vi, estarem indifferentes a um d'elles cego, e quasi nos ultimos momentos da vida, e assim o abandonavam, porque era sem familia. Adiante a 1/4 de legua fica o villa de Monção ; por tanto de Vianna aqui são 14 1/2 leguas, e da cidade do Maranhão 28 3/4 de legua, por este caminho. A villa de Monção antes chamada Carará, quando era aldêa de indios *Guajajaras*, foi creada no mesmo tempo que a de

(17) Distinguirei tres qualidades de indios ; 1ª civilisados que são aquelles que observam nossas leis, usos e costumes : 2º domesticados, aquelles que vivem aldêados, conservando porém seus usos, mas plantando e sem commetterem hostilidades : 3º selvagens aquelles errantes sem domicilio certo e commettendo assassinios sempre que podem.

Vianna, advertindo, que então era situada onde chamam as Arêas, muito acima de Camaóca, ultima fazenda situada no Pindaré e actualmente está na margem direita d'aquelle rio indo para cima : a sua elevação sobre o abaixamento das aguas do rio é de 40 pés, no meio de magnificas mattas, bem arejada e sadia : seu calor 88° e de noite 77°.

Consta de uma praça de 80 braças por 40 de largura, de um lado é o quartel e muito bom, e do outro a igreja e matriz com a invocação de S. Francisco Xavier, que tem vigario encommendado; foram começadas duas ruas e já algumas de suas casas são de telha : consta de 25 fógos,e 90 almas, em que entram 40 indios dos civilisados ; um destacamento de 29 praças de tropa de linha, commandado por um tenente (18). Proximas a esta villa ha tres aldêas de indios *Gamellas* domesticados, chamadas Garapiranga, Capivary e Cajary, que todas não excedem a 280 almas, com os mesmos costumes de que acima fallei, e que mais incommodam os visinhos com roubos, do que são uteis, pois quasi nada plantam. A segurança da villa deve-se ao destacamento, que conserva aos indios selvagens o medo e respeito, e já não fazem aqui seus simulados e repentinos ataques, que ainda no anno de 1820 fizeram e com estrago 3 leguas em distancia da Boa-Vista, na Picada, S. Barbara e Belém. Os *Gamellas* selvagens estão a 2 leguas de Monção para o sul espalhados pelas mattas virgens e lago Piragimimbana : os *Timbiras* que são os que menos assassinios têm commettido, estão ao oeste, e nas beiras do lago Acará a 1/2 legua de Monção, que communica com o lago Acary-assó, igualmente infestado dos mesmos indios : do lado de leste, entre o Pindaré e Gua-

(18) E' tambem commandante parcial.

yahú, estão espalhados os *Guajajaras* que são os peores (19). De Monção para cima por terra ha uma unica estrada até Macaóca, frequentada só pelos pretos d'esta fazenda, ultima situada, e que por duas vezes tem sido atacada pelos indios. A producção de Monção é mandioca, milho, arroz, carrapato e canna, e suas terras são não menos proprias para algodão, porém com receio dos indios é que não se atrevem a entrar pelas mattas, nem roçar; tem 3 serrarias de madeiras, e exporta já annualmente entre 80 e 100 duzias de taboado; o rio alli mesmo é abundantissimo de peixe e caça, que tudo junto dá á villa as melhores proporções para augmentar-se.

Continuando da fazenda Lisbôa, onde disse que se saltava em terra para encurtar o caminho até Monção, seguirei agora d'alli a navegação e descripção do rio Pindaré, o qual vai se encaminhando ao sul e sueste, e do lado esquerdo a 3/4 de legua fica a povoação da Boa-Vista de 120 almas (aqui defronte ha tambem caminho para Vianna pelos campos Cursacueira, rodeando o lago da villa), mais acima a 3/4 de legua, do lado direito é o igarapé Cursacueira; continúa o rio com immensas voltas por 4 1/4 de legua até ao igarapé Jacarahy a direita e depois a 1 1/2 legua do lado esquerdo a igarapé Meguahy, o qual entra pelos campos S. Barbara a 400 braças da fazenda Picada; por este igarapé conservando-o limpo (que o não estava) podem subir canôas grandes no inverno, mas no verão só pequenas; até aqui de um e outro lado campos da Boa-Vista e S. Barbara, que em partes leste oeste chegam a ter 3 leguas de largura. Continúa o rio por 40 sudueste e

(19) Seria muito util fazer communicaveis as margens d'estes rios, por uma estrada, que só poderá ser rodeando mais ao sul o lago Piramimbana, e atravessar aquellas mattas desconhecidas e que estão habitadas de indios *Guajajaras*.

60° noroeste, até a passagem do Barradas, e aqui são 2 3/4 egua: vai voltando a oeste até o Jutahy a esquerda a 3 1/4 de legua; a largura aqui do rio 20 braças, e fundo 30 palmos; mais acima 1 1/2 legua do lado direito Cajú-tapera: largura o rio 20 braças, e fundo 20 palmos: aqui do lado esquerdo campos Piragimimbana e do direito Cajú-tapera, segue o rio por 50° noroeste até a villa de Monção a 2 1/2 leguas: por tanto da cidade a Monção sempre pelo rio são 38 1/4 leguas e 100 braças, que vem a ser 21 leguas até a fazenda Lisboa, e d'aqui a Monção 17 1/4 de leguas e 100 braças. Antes de Monção acabam todos os campos, de que acima fallei, no verão requissimos de excellentes pastos, com pequenos lagos, que fartam a sede ao gado, porém só de verão se lhes tira alguma utilidade, pois de inverno cobrem-se d'agua com 8 e 9 palmos de altura pelos quaes só se anda em canôas, e o gado morre em grande quantidade, porque não tendo a maior parte onde se retire, por serem fazendas nos fins dos campos, unicamente passam para as margens, onde estão assim mesmo atulhados, comendo apenas d'aquellas folhas. Quasi todos estes campos é impossivel esgotal-os pelo seu baixo perfil, pois que as aguas do rio Pindaré na sua maior altura são muito superiores á elles, e por isso é com as aguas do rio que alagam, e observa-se que as cheias do Pindaré fazem retroceder as aguas do rio Maracú, e assim encher-se o lago de Vianna. Continuando rio acima a 3/4 de legua de Monção, e do mesmo lado fica o igarapé Acará, que communica para oeste com o lago do mesmo nome, e este com o Jacariassú, ainda infestados de indios *Timbiras*, que poucos estragos têm feito. O rio d'aqui para cima começa a ter algumas margens de arêa; a 800 braças acima e do lado direito é onde houve já uma aldêa de indios *Gamellas*, chamada Jejuby, hoje por elles aban-

donada, e que se espalharam pela visinhança do Cajari; segue o rio por 20° sueste até ao igarapé Guajahu a 2 leguas a esquerda; este igarapé communica com o lago do mesmo nome, no qual desagua outro chamado Verde: começa o rio a ir estreitando, e o fundo diminuindo a 12 palmos, e depois de muitas voltas a 2 3/4 de legua do lado direito é Macaóca, ultima fazenda habitada.

Até aqui e ainda para cima o rio offerece uma navegação facil mesmo a canôas grandes; margens agradaveis, e grande abundancia de peixe. Ha aqui uma lage, que atravessa o rio, e que no maximo abaixamento de suas aguas sempre conserva quatro palmos, porém no canal conserva 12; largura do rio 11 braças. Acima a 1 legua do lado esquerdo, ainda em 1793 era uma aldêa de indios *Guajajaras*, que muitos d'elles já civilisados são os que hoje formam parte da população de Monção. Subindo pelo rio a 30° sudueste e sul e a 14 leguas do lado direito é a confluencia do igarapé Gurupy, que no inverno chega a communicar com o rio Tury-assú: continuando pelo rio Pindaré o seu cabedal d'agua já vai consideravelmente diminuindo, até não ter mais que 3 palmos no verão, e d'ahi para cima ainda mais diminue o seu fundo, e fica inavegavel até as suas nascentes na serra da Desordem, no sertão, cujo ponto virá marcado, na parte correspondente d'aquelle lugar e districto.

De Vianna para se sahir para o interior ha só duas entradas, uma a 25 noroeste, que passa pelo campo Aquiry: por este campo corre o igarapé Piraby, que nasce na matta dos indios, e que entra uo lago Aquiry, o qual fica a leste do campo do mesmo nome, que seu comprimento leste oeste no verão é de 2 por 1/2 legua de largura, o qual desagua no de Vianna como acima disse. Acaba o campo, e segue a estrada até a Graça 4 leguas e 500 bra-

ças, e começam excellentes mattas, parte roçadas e outras virgens. Antes de chegar a Graça fica a 40 sueste uma estrada aberta de novo que vai a Anadia, e já com diversas fazendas: segue a estrada real por dentro de mattas até a Bondade,ao sul da qual ficam os lagos dos Fugidos e Itans que tambem desaguam no de Vianna, e continúa até o Andirubal(20) a 5 leguas. D'aqui se póde tambem ir aos campos do Tapuia, S. Bento e Cajapió a 3 3/4 de legua, ficando-lhe a oeste a tapagem chamada do Capão que se achava começada; e vem a ser de Vianna aqui 12 e 3/4 de legua e 500 braças. Seguindo esta mesma estrada para o norte, ir-se-ha dar a todas as outras no districto de Alcantara, que ficam descriptas. Tomando para outro lado a 65° sudueste, segue a estrada pelo Outeiro, Boa-Paz, S. José e Necessidades a 3 leguas, e ao nordeste vai outra estrada para diversas fazendas, S. Raymundo, Outeiro, Pedra, Boa-União, S. Antonio, S. Anna e outras.

Das Necessidades sahe-se por mattas até a fazenda chamada Deserto a 1 3/4 de legua deixando os caminhos para a Graça, Alegria e S. Ignacio ; depois continúa pela Avana, Boa-Ventura, S. Anna Xavascal e Sapucaya até a chamada villa de Anadia a 2 1/2 legua e 300 braças. Esta chamada villa (21) acha-se situada no interior e dentro de terras demarcadas,e pertencentes aos herdeiros do Araujo:consta de 22 fógos e de 113 almas; não tem capella, nem sacerdote, suas casas são tristes choupanas de palha, e até sem ordem alguma, nem arruamento. O commandante parcial d'aqui nomeado pelo de Vianna de nada serve, porque aquelles povos ora dizem pertencerem a Alcantara, ora que são de Vianna, de sorte que estão na maior desor-

(20) Aqui ha commandante parcial.
(21) Ha aqui commandante parcial.

dem e insubordinação, e apezar que já S. Ex. por portaria de 17 de Março de 1820 mandou aclarar os rumos e determinar a linha limitrophe dos dois districtos, ainda se não verificou, porque a camara de Alcantara se não tem prestado a isso, e que deve quanto antes marcar-se. Esta povoação d'onde já tem sahido alguns moradores por não terem terras, porque tudo em torno são propriedades particulares, e as mesmas onde está a povoação tem seus donos, tambem por falta de sustento, pois o peixe, que costuma ser o ordinario, aqui falta, e eis as razões porque nunca poderá adiantar esta povoação, assim mesmo se se limpasse o lago Tarirá, que se acha no mesmo estado do do Pinheiro, algum peixe haveria, e se descobriam terras, muito boas para pasto. Este lago que está a 700 braças, e a 35^0 noroeste d'Anadia tem 1 1[2 legua de comprido por 1[2 de largo, e communica com o do Pinheiro que são ambos as cabeceiras do rio Piricuman, a limpar-se porém aquelle deve ser depois que o do Pinheiro esteja limpo, aliás todo o trabalho ficará infructifero e inutil. Agora descreverei a estrada mais curta de Anadia para Vianna. Sahe-se de Anadia por excellentes matos virgens até o Rosario a 3 1[4 de legua, deixando-se aos lados diversos caminhos que d'aquelle se ramificam, que vão as fazendas de S. Barbara, S. Manoel, S. Antonio, Bemfica, S. Cruz, S. José e outros; do Rosario continúa a estrada por dentro de uma excellente matta virgem de muitas madeiras boas, e terras proprias para algodão, a qual foi dado aos indios já civilisados, que estão por ella espalhados, e aqui é uma legua ; mais adiante a povoação Tatuariativa de indios, e até chegar ao campo Aquiry 1[2 legua ; atravessa-se este campo que de inverno alaga todo, por distancia de uma legua, torna-se a entrar em matta até chegar a Vianna a 1 3[4 de legua; portanto de Vianna a Anadia 7 1[2 leguas. A outra

estrada é a que vai para o Mearim, que segue a 80° sueste, passando o igarapé Maracasinho, e seguindo pelos campos Imbaúba até a margem do rio Pindaré onde chamam a passagem de Apehú a 3 leguas, campos no verão de muito pasto, mas que no inverno se cobrem d'agua até 8 e 10 palmos ; aqui no lugar da passagem o rio Pindaré tem 20 braças de largura e 15 palmos de fundo, unico lugar onde se passa para o outro lado do rio, e por isso muito frequentado. Passando-se para o outro lado ha duas estradas, uma que vai ter a Boa-Vista e a todos os campos até Monção, e a outra que vai para o Mearim, que é por 55° sueste pelos campos do Pindaré até a chamada ilha da Pindoba, que é o limite entre os dois districtos do Mearim e Monção; e até aqui 1 1|2 legua, depois a 1|4 de legua atravessa-se o rio Picapáo, sem ponte, e onde ha abundancia de um peixe que chamam Puraqué,que tocando-o sente-se um effeito electrico, continúa-se pelos campos até Jaguary, pequena povoação, e até aqui uma legua e 200 braças; e a 3|4 de legua, e a 30° sudueste fica o arraial da Victoria. Estes campos, passado a Pindoba não alagam todos, e alli se conservam algumas fazendas de gado, porém com tantos e tão máos atoleiros, principalmente no Pirimirim, que mesmo no verão não seccam de todo, que no inverno são intransitaveis, e por isso então só pelos rios se póde ir de Vianna ao Mearim. O arraial da Victoria (22) é a capital do districto do Mearim ; tem commandante geral, e sua força é 9 soldados de linha, e no Guajabú acima de S. Bartholomeu 37 que servem de protecção contra os indios; a freguezia tem a invocação de Nossa Senhora da Victoria, com vigario e coadjutor : consta de 100 fogos e de 680 almas : está a 26 pés sobre o rio, no seu abaixamento

(21) Aqui ha commandante geral.

de aguas, a leste e ao sul cerca-a o rio Mearim, e a oeste uma lagoa e muito perto ; tem uma praça de 50 braças por 24 de largura, com quasi todas as casas de telha; o calor 92º a sombra, de noite 80º ; sua exportação calculam do modo seguinte :

Carne secca.	20000	arrobas.
Algodão, (que ha pouco se cultiva)	500	saccas.
Arroz	4000	alqueires.
Frutas no valor de.	100$000	rs.

Tem-se já alli construido algumas canoas grandes, e ha alli mesmo duas olarias de muito bom tijolo e telha.

Já descrevi o rio Mearim até a confluencia do rio Pindaré, seguirei agora só o Mearim, o qual n'aquelle lugar, onde separa do Pindaré começa ao sul, mas depois a oeste pela Mucura até ao curral da igreja (23), onde são 2 leguas: segue ao sueste e sul a 1|2 legua a direita onde chamam Sitio Velho, por ter alli sido primeiramente a freguezia; largura do rio 30 braças, e fundo 15 palmos ; d'aqui a 1 legua o Bomfim a esquerda, onde ha capella pertencente ao Carmo, e o rio torna ao sueste, adiante o Barreiro á direita, e depois o Arary a 2 leguas, povoação que em 1803 contava apenas 3 casas, e hoje conta 22; tem duas capellas uma da Senhora da Graça, e outra do Senhor dos Afflictos, e sacerdote a quem fazem a congrua de 200,000 ; está entre dois igarapés Nema e Arary, a 1 legua a esquerda fazenda Nossa Senhora do Carmo, e que tem uma capella, e a 2 leguas fica a Victoria a esquerda. Sahindo da Victoria por 20º sudueste e a 1|4 de legua a direita o igarapé Puraqueú que vem do lago Pexuna ; a 1 legua á esquerda S.

(23) Aqui ha commandante parcial.

Thiago; ha aqui um redemoinho que faz a agua, o que as vezes é perigoso ás canoas pequenas; o fundo 35 palmos: adiante á direita a 1|2 legna e 400 braças fica Bitupema, logo adiante Saramanta, e a 1|2 legua e 100 bracas á esquerda S. José, e a 3|4 de legua e 500 braças Carcavellos, que fica ao lado direito: até aqui de ambos os lados são campos que alagam todos. Aqui é passagem, por que defronte é a estrada para Arary e para Itapecurú. Continúa o rio ao sul e sueste, logo adiante S. João, larguara 60 braças e fundo 65 palmos ; por aqui a direita campos do Arraial, segue-se Ubatuba a 1 legua e 150 braças, e adiante o igarapé do mesmo nome a direita, que corre ao norte, e fica a 1 legua e 600 braças, largura 40 braças e fundo 50 palmos ; a 1 legua e 400 braças á direita fica o igarapé Pexuna, que nasce do lago do mesmo nome e corre a 60 sueste, de ambos os lados campos : a 1 3|4 de legua a esquerda o Pontal ; largura 25 braças e fundo 70 palmos; segue o rio a 40 sudueste, e a 1 1|4 de legua e 400 braças á direita o igarapé Mamuna, que entra a mais de uma legua pelos campos, largura do rio 30 braças e fundo 40 palmos, e depois a 2 1|4 de legua fica a confluencia do rio Grajahú, largura aqui 30 braças e fundo 35 palmos. Continuando pelo rio Mearim, que segue a 40 sueste, tem aqui de largura 50 braças e de fundo 65 palmos. A 1 legua a esquerda o igarapé Arary-mirim, e a 800 braças o igarapé Arary-assú, e logo adiante o das Lontras, e a 1|4 de legua o das almas á esquerda; vai d'aqui por diante fazendo muitas voltas o rio, e a 1 1|2 legua a esquerda o igarapé Nazareth ; d'aqui a 1 legua a direita o igarapé Pexuna-assú que nasce do lago do mesmo nome, que fica a 1 legua para dentro e com o qual communica o lago Verde e Cacuitá, onde já houve uma aldêa de indios : subindo pelo rio a 1|2 legua é a lage de Lourenço Maciel,

que atravessa o rio, e por cima quando é a força do verão, tem 3 palmos, e ahi mesmo a direita o igarapé da Lage ; e a 2 1|2 legua fica a Cachoeira, que tem um canal chamado de Oeste, que dá passagem as canoas; acabam aqui os campos, e começam mattas, que pegam com as de Itapecurú; no lado direito principalmente ha indios selvagens *Guajajaras*, *Gamellas* e *Berintim*. Continúa o rio ao sul e a direita fica o igarapé Limoeiro a 5 leguas, e d'ahi a 8 leguas a esquerda o igarapé Insono; largura 15 braças, fundo 20 palmos. Do Insono para cima corre ao sudueste até a Cachoeira grande a 24 1|4 de leguas, e principiam d'aqui d'ambos os lados campos do sertão; até aqui é que chegam sem custo as canoas, e começa o rio a estreitar até a sua nascente a 16 leguas junto a fazenda Genipapo nas faldas da serra da Cinta, que será marcado quando lá chegar a carta.

Tornemos a confluencia do rio Grajahú que começa d'aqui a seguir a oeste, e a 1/2 legua a direita o igarapé S. Barbara, a outra 1/2 legua o igarapé Maracapú a direita, e que passada 1 legua torna a entrar no mesmo Grajahú : a 3/4 de legua outro igarapé á esquerda, chamado das Arraias, e d'este a 1/2 legua o igarapé Curumatá : a 1 1/2 legua á esquerda o igarapé do Lago-assú, que pega com o rio, e tem 4 por 1 legua, e mesmo no verão com 15 palmos de fundo; e d'aqui a 800 braças a esquerda o igarapé do Rigor : a 1 1/2 legua fica a esquerda S. Benedicto, e acima a 1/2 legua a primeira cachoeira, que tambem offerece passagem ás canôas por um canal a direita, as quaes até aqui só é que chegam no verão, mas no inverno podem chegar ao sertão: acima da primeira cachoeira ha uma lage, que atravessa o rio, que no verão conserva de 4 a 5 palmos d'aqui a 9 1/2 leguas é S. Bartholomeu a direita; por aqui ha indios selvagens *Timbiras*. Segue agora o Grajahú ao sul e a

13 1/4 de leguas começam os morros da direita,e a esquerda o riacho das Tres Pontas,e a 1 legua a esquerda a igarapé das Balsas : d'aqui para cima vai o rio estreitando entre morros até o morro da Aurora a esquerda, e até este ponto 8 leguas. Seguindo ao sudueste e a 24 1/2 leguas a esquerda foi a chamada Leopoldina, que nenhuma povoação tinha; a 9 leguas a cachoeira do Valentim, e d'ahi a 4 leguas começam a esquerda campos do sertão até a Chapada: seguem-se 12 leguas em que o rio tem muitas cachoeiras, por onde se não póde navegar ; e finalmente segue o rio por 18 leguas até a sua nascente, que é igualmente na serra da Cinta, e que na parte correspondente será marcada.

Alguns Apontamentos

DA

VIAGEM FEITA POR TERRA D'ESTA CORTE Á CIDADE DE CUYABÁ

POR

JOÃO VITO VIEIRA DE CARVALHO

(*Manuscripto offerecido ao Instituto Historico pelo mesmo Senhor*.)

ITINERARIOS

Illm. e Exm. Sr. visconde de Sapucahy.—Tomo a liberdade de offerecer a V. Ex. alguns apontamentos, que tomei na viagem que fiz por terra d'esta côrte á cidade de Cuyabá.

Por aviso do ministerio da guerra de 12 de Junho de 1865 tive ordem de marchar para a provincia de Goyaz, á disposição da presidencia, e, por outro aviso do dia 14, de receber com o negociante João Fleury Alves de Amorim 240:000$ do thesouro para os entregar á thesouraria de Goyaz.

A precipitação d'essa viagem, para satisfazer as exigencias do meu companheiro, concorreu para que, entre muitas faltas, tivesse a de um relogio e de uma agulha pequena para tomar nota dos rumos da estrada geral e do tempo das marchas, afim de ir verificando com exactidão as distancias que fosse percorrendo.

Estas faltas não me desanimaram de tirar algum proveito do meu penoso trajecto, e por isso, observando a regularidade da marcha das bestas de carga, auxiliado por um relogio do meu companheiro de viagem, pelas differentes combinações que fiz, consegui um meio, o mais approximado possivel, de medir a extensão percorrida em cada dia (assim pudesse remediar a falta da agulha para marcar os rumos da estrada), cujo meio nem só combinou perfei-

tamente com as differentes distancias parciaes, pelas informações que tive das pessoas mais intelligentes dos lugares por onde passei, como com a somma total de toda a extensão da estrada, e por essa razão não receio asseverar a V. Ex. que as bestas de carga em suas marchas regulares andam 3/4 de legua (5 kilometros) em uma hora, sendo este o meio mais seguro que conheço de medir por estimativa qualquer distancia em falta de instrumentos.

Parti d'esta côrte pela estrada de ferro ás 6 $^{1}/_{2}$ horas da manhã de 21 de Junho de 1865, desembarcando na estação do Ypiranga ás 10 1/2 horas da manhã, onde nos arranchámos pouco afastado d'ella para no dia 22 seguirmos a nossa viagem, a qual exporei succintamente, até a cidade de Goyaz, por ser muito conhecida pelos escriptos de pessoas mais habilitadas e encarregadas d'esse trabalho.

Passei pela cidade de Valença e pela povoação do Rio-Bonito no dia 23, e ás 11 horas da manhã do dia 24 atravessei o Rio Preto, que divide a provincia do Rio de Janeiro da de Minas-Geraes.

A recebedoria do Rio Preto rende mais de 100:000$, e as estradas de Minas, apezar de serem tão frequentadas, fazem um perfeito contraste, pelo seu máo estado, com as do Rio de Janeiro, que são excellentes.

No dia 29 pousei na povoação de Caijurú, atravessando no 1° de Julho os arraiaes de Itaruna e do Bom-Successo; no dia 2 o de Santo Antonio do Amparo; no dia 3 o de S. Francisco de Paula, pousando no dia 5 na cidade de Formigas; no dia 6 no arraial dos Arcos; no dia 7 atravessei o arraial e o rio de S. Francisco; no dia 11 o de S. Sebastião, pousando no dia 13 na villa do Patrocinio e 15 no arraial do Carmo.

Com a passagem do rio Paranahyba, ás 6 1/2 horas da manhã do dia 17, deixei a provincia de Minas, atraves-

sando na de Goyaz a cidade de Catalão no dia 18, e pousando no dia 24 na cidade do Bomfim.

A cidade do Bomfim, na latitude de 16° 39'', pela sua salubridade e posição mais central, me parecia a mais conveniente para a capital da provincia, com o que se poupariam 38 leguas de marchas das tropas que partem da côrte e 16 das de S. Paulo, salvo se se conseguir a abertura da navegação do rio Araguaya, pelo qual tanto interesse tem tomado o Dr. José Vieira Couto de Magalhães, tornando-se por isso digno dos maiores elogios pela sua perseverança e boas intenções.

Sahindo da cidade do Bomfim no dia 25, cheguei á de Goyaz a $1^1/_2$ hora da tarde do dia 30 de Julho de 1865, onde apenas me demorei 35 dias em consequencia de ter sido nomeado por decreto de 9 de Julho de 1865 membro da junta de justiça militar de Mato-Grosso, sendo assim obrigado a fazer, no ultimo quartel da vida, mais essa penosa marcha em serviço do paiz, durante a qual escreverei com mais minuciosidade o meu itinerario, supprindo as faltas de instrumentos com as latitudes determinadas pela altura meridiana do sol, e algumas longitudes O. do meridiano de Paris, pelo habil chefe de esquadra Augusto Leverger, hoje barão de Melgaço, unico trabalho alheio de que me sirvo.

A cobiça dos primeiros exploradores de Goyaz, attendendo mais ao ouro do que ás conveniencias de uma cidade, fez escolher para assento da povoação o peior local da provincia, em terreno todo rodeiado de montanhas, formando um profundo valle, resultando d'ahi grande augmento de temperatura e o desenvolvimento de uma molestia, chamada *hemiplegia*, que só dá n'essa localidade, havendo, cerca de tres leguas distante da cidade, onde o clima é saudavel, um terreno que offerece todas as proporções para se transferir a capital da provincia.

Posto que o terreno da cidade seja esteril, por ter sido revolvido e lavado pelos antigos mineiros, os alimentos são baratissimos e a indole dos habitantes a melhor do Brasil, conservando a pureza de costumes dos seus antepassados, devido isso á sua posição geographica. O chefe de policia nada tem que fazer, porque não ha brigas e nem furtos, e ha tanta moralidade no povo, que ninguem receia dormir com as portas abertas: se ha alguma malvadeza é para o lado norte da provincia, por estar muito distante da acção do governo.

Logo que conclui os trabalhos de que me encarregou a presidencia no dia 3 de Setembro de 1865, parti no dia seguinte para Cuyabá ; e a estrada que percorri, na extensão de 20 1/2 leguas, da cidade de Goyaz, que está collocada na latitude 15° 55' 5", até o Rio Claro, na latitude 16° 5' 8", é a peior estrada, por que tenho transitado, tornando-se d'ahi em diante boa até o Rio Grande, que atravessei no dia 13, tendo andado mais 29 leguas, a contar do Rio Claro.

Com a passagem d'este rio, na latitude de 15° 43' 7" e longitude O. de 8° 37', o qual, da sua confluencia com o rio Vermelho, toma o nome de Araguaya, deixei a provincia de Goyaz para entrar na de Mato-Grosso.

Depois de ter descansado o resto do dia e o seguinte, comecei no dia 15 a penetrar pelos sertões de Mato-Grosso, que não achei tão medonhos como me pintaram, encontrando em toda a viagem, feita no rigor da sêcca, agua potavel e excellentes pastos.

A extensão de 50 leguas, que se calcula de Goyaz ao Rio Grande ou Araguaya, é exacta, por isso que os meus apontamentos dão 49 1/2, em consequencia de um atalho novo que fizeram perto do destacamento ; porém a de 100 leguas do Rio Grande á cidade de Cuyabá não tem a mesma

exactidão, por isso que, tomando as minhas notas, com a mão mais assentada e maior cuidado do que em nenhuma outra occasião, deram-me 112 leguas (739,2 kilometros), e se ha alguma differença creia V. Ex. que é para mais e nunca para menos.

Com 12 leguas (79,2 kilometros) de marcha cheguei á raiz da serra Taquaral, do cimo da qual começa a grande chapada, que se estende (pelo caminho que segui) até 5 leguas (33 kilometros) antes de chegar á cidade de Cuyabá, e cuja subida, além da sua grande elevação, fiz ao meio-dia de 16 de Setembro, por pessimo caminho, entre despenhadeiros, sem encontrar um só beneficio feito para suavisar tão penoso transito.

Do Rio Grande á povoação dos Macacos percorri 45 1/2 leguas sem encontrar habitações, pernoitando na barraca no meio do campo, e com grande sorpreza observei a nenhuma importancia dada a essa unica estrada interna que ha de Cuyabá a Goyaz, que antes da navegação pelo Rio da Prata estava soffrivelmente povoada, abandono imperdoavel, por isso que se devia prevêr que essa navegação nenhuma garantia offerece á provincia de Mato-Grosso por ser feita entre máos vizinhos, turbulentos e ingratos a todos os beneficios, que, mesmo com sacrificios, o Brasil tem feito de sangue e de dinheiro.

Esta unica via de communicação interna deve, pois, merecer toda a attenção do governo, convindo para isso que se estabeleçam colonias militares nas suas bordas, dirigidas por um homem creador, intelligente, e que, despido de interesses pessoaes, seja dominado do verdadeiro amor da patria, afim de animar muita gente a se estabelecer n'uma estrada, onde os viandantes encontrem pousos por toda a parte, com recursos que suavisem tão penosa viagem. Não pretendo esse lugar; desejo que recaia em

pessoa idonea, e não venha o patronato definhar uma cousa de tanta utilidade.

A unica estrategia dos *Bugres*, que habitam esses sertões, é a traição: elles perseguem mais aos moradores do que aos viajantes, que andam com armas de fogo e pernoitam em campo limpo; os cerrados e matas são perigôsos, porquanto não perdem occasião de fazerem mal, sempre que podem a seu salvo.

Apezar de fazer a minha marcha no rigor da sêcca, atravessei do Rio Grande á cidade de Cuyabá 102 ribeirões; e para V. Ex. formar uma idéa approximada da minha viagem pelo sertão, tomo a liberdade de offerecer o incluso itinerario, em fórma de mappa, acompanhado de algumas considerações, que me foi possivel fazer sem estar preparado para semelhante trabalho, que o passei a limpo quinze dias depois que cheguei a Cuyabá.

Se este trabalho, mesmo resumido como está, merecer a approvação de V. Ex. me darei por bem pago, e se V. Ex. o achar digno de ser apresentado ao Instituto Historico, do qual é digno presidente, será completa a minha satisfação.

Tencionava fazer um trabalho mais extenso sôbre as provincias de Goyaz e de Mato-Grosso, colhendo para isso melhores informações; porém a penuria em que me vi em paiz tão estranho para mim, como era a cidade de Cuyabá, com tantos desgostos que soffri na vida publica e na privada, abateram-me tanto o espirito, que desisti de um trabalho que tinha encetado com tanto animo e bons desejos de tornar mais conhecidas essas provincias centraes.

Reitero os protestos da mais subida estima, consideração e respeito, com que me honro ser de V. Ex. o mais reverente criado e amigo.—*João Vito Vieira da Silva.* —Illm. e Exm. Sr. visconde de Sapucahy.—Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1869.

ITINERARIO da viagem que fiz da cidade de Goyaz á de Cuyabá, a contar de 3 de Setembro a 2 de Outubro de 1865

PROVINCIA DE GOYAZ

MEZ.	DIAS.	HORAS DE PARTIDA.	PARTIDA DE	LEG. PERCORRIDAS.	REDUZIDAS A KIL.	LATITUDE	LONGIT.	OBSERVAÇÕES
SETEMBRO	3	5 t.	Goyaz...	1/2	3,3	15° 55' 5"		
	4	9 m.	Manoel Pereira	4 1/2	29,7			
	5	9	Barrada	2 1/2	16,5	15° » »		
	6	8	Burity........	5 1/2	36,3			
	7	8	Guarda-mór...	7 1/2	49,5			De Goyaz até o Rio Claro a estrada é pessima.
	8	8	Rio-Claro.....	1 /12	9,9	16° 5' 8"		Povoação: a estrada d'ahi em diante é boa.
	»	»		2 1/2	16,5			
	9	3 t.	Pacú.........	2 1/2	16,5			Fiz duas marchas, pousando no Pacú. Engenho de canna do capitão Antonio Gomes Pinheiro.
	10	7	Dois Irmãos...	8	52,8			
	11	9	Sertãozinho...	5 1/2	36,3			
	12	11	Buritizal......	7 1/2	49,5	15° 49' 2"		Pernoitamos no campo.
	13	7	Ponte-Alta....	1 1/2	9,9	15° 43' 7"	8° 37' 0	Cheguei ao Rio Grande, limite de Goyaz, ás 9 horas da manhã.
Somma........................				49 1/2	326,7			

PROVINCIA DE MATO-GROSSO

MEZ.	DIAS.	HORAS DA PARTIDA.	PARTIDA DE	LEG. PERCORRIDAS.	REDUCÇÃO A KILOM.	LATITUDE	RIBEIRÕES QUE ATRAVESSEI	N.º DOS RIBEIRÕES.	OBSERVAÇÕES
SETEMBRO	15	8	Rio-Grande.	8	52,8	15° 43' 7"	Lage.		O Rio Grande está na long. O. do meridiano de Paris 8° 37'; tem um destacamento de 9 praças, commandadas por um inferior : principia o sertão de Mato-Grosso despovoado até Macacos.
							Estiva.		
						15° 45' 4"	Raizama.		
							José Dias.		
							Taquaral.	5	
	16	7	Taquaral ...	6	39,6		Insula.		Ao meio-dia, depois de 4 leguas de marcha, subi a serra do Taquaral, começo da grande chapada, que finda em 5 leguas antes de chegar á cidade de Cuyabá, passando pela freguezia da Chapada.
							Burity Vermelho.		
							Burity Pequeno.		
							Jatubázinho.		
							Forquilha.	5	
							Taquaral Pequen.	5	
						15° 41' 4"	Taquaral.	7	
	17	7	Capão do Padre Bento.	7 1/2	49,5		Buritizal.		
							Lagoinha.		

SETEMBRO	18	7	Passa-Vintinho.....	4 1/2	29,7	15° 34' 6"	Lage. Passa-Vintinho. Passa-Vinte. Anjinhos. Matrinchan.	4	Não faço menção dos ribeirões Figueirinha e Matrinchanzinho, que cortam a estrada em duas partes, por estarem seccos quando os atravessei.
	19	8	Barreiros...	7	46,2	15° 29' 9" 15° 25' 4"	Barreiros. Burziga. Portão de Pilatos. Antinhas. Porteira. Seriva. Taquaral das Violas. Páo-Furado. Mutum.	4	A um lado, atravessando a estrada, um de seus braços, abundante de agua. Do Rio Grande até Macacos, por estar despovoado, pernoitei na barraca, nos ultimos ribeirões de cada dia de marcha.
	20	8	Mutum.....	6 1/2	42,9	15° 27' 1"	Torres. Jatubázinho. Jatubá. Cabèceiras da Viuva. Olho d'Agua. Lage-Vermelha.	8	Assim chamados pela configuração d'essas montanhas.
	21	7	Lage-Vermelha......	6	39,6		Lagoinha.	6	

CONTINUAÇÃO

MEZ.	DIAS.	HORAS DA PARTIDA.	PARTIDA DE	LEG. PERCORRIDAS.	REDUCÇÃO A KILOM.	LATITUDE	RIBEIRÕES QUE ATRAVESSEI	N.° DOS RIBEIRÕES.	OBSERVAÇÕES
SETEMBRO	22	8	Paredões . . .	6	39,6		Arêasinhas. Arêas-Grandes. Aterradinho. Guanandy. Cachoeirinha. Furnas. Capim de Novato. Paredões. Cabeceiras da Engracia.	9	Paredões, montanha notavel por ser um grande morro de barro e pedra vermelha, em fórma de parede, bem a prumo : é o lugar favorito dos *Bugres*, que do cimo d'esta montanha observam á grandes distancias o movimento dos viajantes.

SETEMBRO	23	7	Macacos....	5	33,0	15° 36' 3"	Samambaia. Tijuco-Preto. Corisco. Torresmo. Cabeça de Boi. Cabecinha. Macacos.	8	Macacos, está situado n'um alto bastante espaçoso para uma boa povoação; porém actualmente só restam duas palhoças. Pelas informações que tenho pouco dista do rio dos Barreiros, pelo qual se podia navegar até o Rio Grande, o que seria de summa importancia, para evitar a conducção de cargas em costas de animaes, em uma extensão de 45 leguas, e por lugares actualmeate despovoados
	24	5	Sangrador ..	5	33,0		Couro de Porco. Cabeceira Grande Mortandade. Sangrador	4	O Sangrador, considerado o centro do sertão, tem um destacamento com 9 praças, tendo antes 25, que pelo menos se deveria ter conservado.
	25	8	Curral de Varas	8	52,8		Corrego Sêcco. Pontinhas. As Malas. Alminhas. Sangradorzinho. Curral de Varas..	6	Pernoitámos no campo.
	26	10	Cemiterio....	8	52,8		Forquilha. Macaquinho. Macaco. Agua-Branca. Róe-Broacas. Cercadinho. Dois Irmãos. Cemiterio ...... Vertentesinha.	8	Idem.

CONTINUAÇÃO

MEZ.	DIAS.	HORAS DA PARTIDA.	PARTIDA DE	LEG. PERCORRIDAS.	REDUCÇÃO A KILOM.	LATITUDE	RIBEIRÕES QUE ATRAVESSEI	N.° DOS RIBEIRÕES.	OBSERVAÇÕES
SETEMBRO							Vertentes.		
							S. Joãosinho.		
							S. João.		
							Pontinhas.		
							Sucury.		
							Sucurysinha.		
							Tres Irmãos.		
							Lavrinha.		
							Cabeceira do cabo Agostinho.		
							Pedras-Altas	11	Pernoitámos no campo.
	27	8	Pedras Altas	9	59,4		Parnahyba.		
							Alecrim.		
							Buracão.		
							Estiva	....	Tem um destacamento com 1 cabo.
							Potreiro.		

SETEMBRO	28	8 1/2	José de Góes.	7 1/2	49,5		Cabeceiras do Presidente. Presidente. Roncador. Capim-Branco. S. Lourenço..... Pacheco. Ribeirão. Dito da Mata de S. Lourenço. Rio-Manso. Braço do Rio Branco.	 10	De José de Góes em diante pernoitei sempre em lugar habitado por me desviar da estrada velha.
	29 30	4 l. 10 1/2	Ponte-Alta... Mato Grande	2 4	13,2 26,4		Ponte-Alta...... Mato-Grande.... Rio das Cascas. Lagoinha........	6 1 2	Engenho d'agua para canna e soque, de D. Feliciana Francisca Pereira de Macedo.
OUTUBRO	1	8	Lagoinha ...	5	33,0		Chapada .... Burity..........	 2	Freguezia com boa capella de Santa Anna, edificada pelo pai do visconde de Macahé, quando magistrado n'essa provincia; dista 3.390 braças medidas até o engenho de agua de serra e de canna do com.or José Joaquim de Siqueira.

CONTINUAÇÃO

MEZ.	DIAS.	HORAS DA PARTIDA.	PARTIDA DE	LEG. PERCORRIDAS.	REDUCÇÃO A KILOM.	LATITUDE	RIBEIRÕES QUE ATRAVESSEI	N.° DOS RIBEIRÕES.	OBSERVAÇÕES
OUTUBRO	2	8	Burity......	7	46,2	15° 36' 15" Long. 58° 15'......	Aricá (sêcco) Coxipó Cid. de Cuyabá.	 1	Depois de 2 leguas de marcha principiei a descer a grande chapada (plateau), encontrando algum beneficio na estrada; passei na planicie a ponte do rio Aricá, que estava sêcco n'este lugar, e o Coxipó, sôbre leito de pedras, veloz e abundante d'agua. A's 7 horas da noite findei a minha viagem, apeando-me na cidade de Cuyabá.
Somma				112	739,2			102	

CONSIDERAÇÕES GERAES

O rio Manso corre para o norte sôbre pedras, e no lugar da passagem é estreito, não tendo a sua ponte mais de 35 palmos; porém a sua profundidade excede muito á altura de um homem, e sua correnteza é grande, e mais acima dá váo no mez de Maio até principios d'agua de Outubro em diante, n'estes lugares. Muito abaixo d'este rio é que existem as minas de Araiés, onde tambem dão esse nome ao mesmo rio, que vai dar ao Araguaya.

Do rio Manso para a cidade de Cuyabá todos os ribeirões correm ao sul, como tributarios do rio Cuyabá, sendo o mais importante o Aricá-Grande, que, na passagem pela estrada velha, dista da cidade 5 leguas: as suas aguas são turvas em consequencia do leito sôbre que corre; a sua ponte na parte suspensa tem 100 palmos de comprido sôbre 12 de largura, com 30 de altura.

Do rio Manso até 1 1/2 legua, aquem da serra da Agua-Branca, distante do ribeirão do mesmo nome, todos os ribeirões, inclusive o da Agua-Branca, correm ao sul para se lançarem no S. Lourenço, sendo os mais importantes os da Agua-Branca e o Parnahyba, e d'este lugar até o Rio Grande todas as aguas correm ao norte; os mais importantes são: o Barreiros, que costeia a estrada, passando esta por um dos seus confluentes, e na juncção que fazem tem o Barreiros 45 palmos de largo sôbre 10 a 12 de profundidade, e, enriquecido com outros ribeirões, vai desaguar pouco acima da passagem do Rio Grande; depois d'este segue-se em importancia o Sangrador, Passavinte e Arêas.

O Rio Grande, que na sua passagem é mais largo do que o S. Lourenço na barra, ainda recebe da provincia de Goyaz o Rio das Almas, e o bonito Rio Claro, com todos os ribeirões intermedios, e do seu consorcio com o rio Ver-

melho produziram o rio Araguaya, o qual sendo bastante extenso, e em todo o seu curso recebendo o tributo de muitos outros rios, vai perder o seu nome na confluencia que faz com o grande rio Tocantins. Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1869.—*João Vito Vieira da Silva.*

FIM DO TOMO XXXV, PARTE PRIMEIRA

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXV
PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

SEGUNDO TRIMESTRE

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

Geographico e Ethnographico do Brasil

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XXXV

Parte segunda

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint será posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

B. L. Garnier — Livreiro-editor

69 Rua do Ouvidor 69

1872